

REVISTA DA SEMANA

N. 12

BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL

CR \$ 2,00 EM TODO O BRASIL

22-3-47

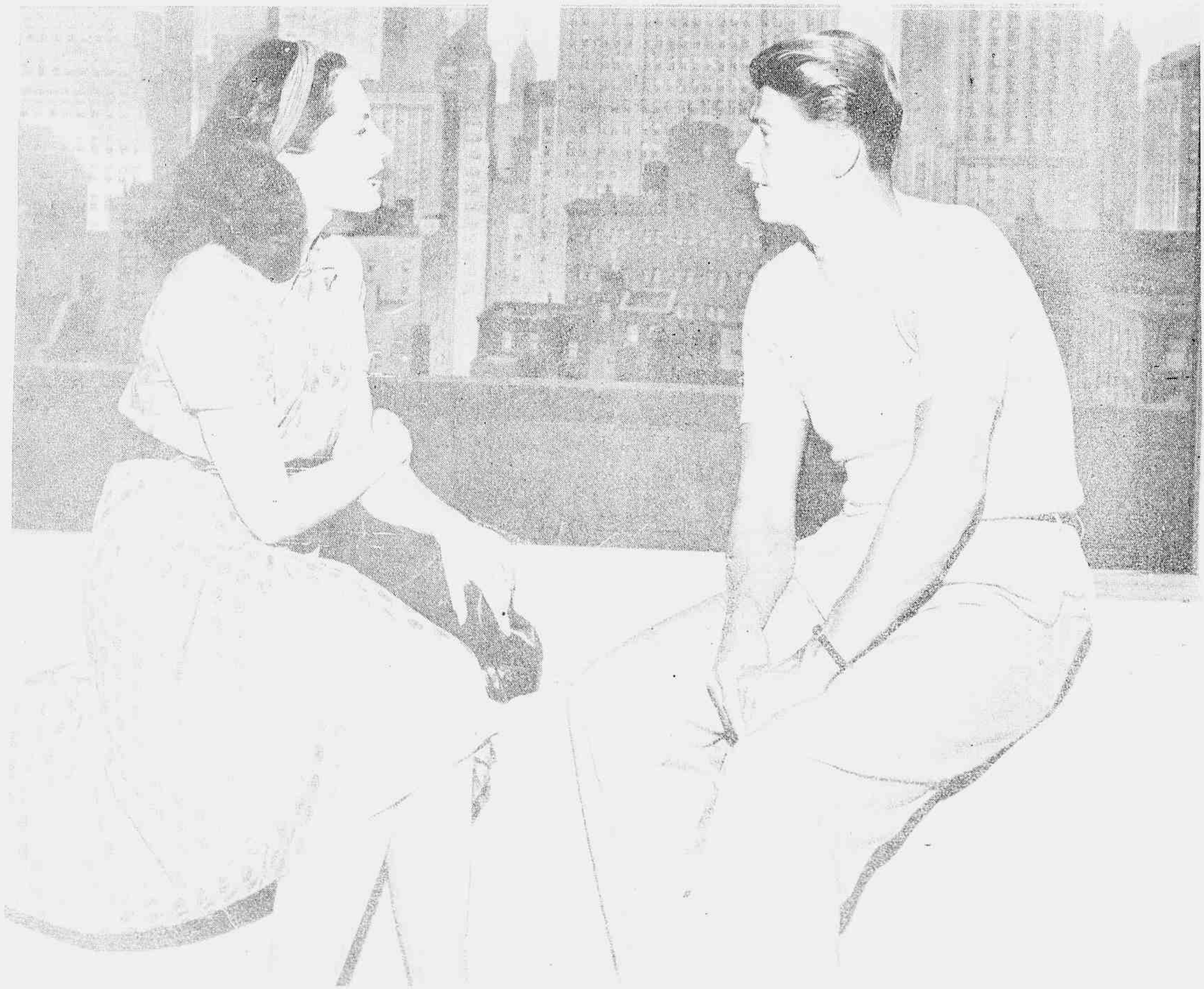




A ESTREIA DE VIVECA LINDFORS NO CINEMA AMERICANO

VIVECA LINDFORS, uma nova "star" sueca, que se integrou em Hollywood, seguindo os passos de Greta Garbo e de Ingrid Bergman, acaba de estreiar no filme "Night unto night", ao lado do famoso galã Ronald Reagan, de quem o público ainda se recorda, apesar de sua longa ausência da tela, pelo seu magistral trabalho

em "Em cada coração, um pecado!". Viveca Lindfors fez grande camaradagem com Ronald Reagan, que a tem levado a passeio por tudo quanto é lugar pitoresco de Hollywood. As gravuras desta página documentam essa excelente camaradagem dos dois artistas, numa excursão divertida e agradável.





INAUGURARAM-SE os trabalhos da Câmara Municipal, tendo sido eleito para presidente o vereador João Alberto, do Partido Trabalhista Brasileiro. Ao mesmo tempo que conquistou no Rio essa vitória, continuou o P.T.B. a se fragmentar, nacionalmente, com a expulsão do Sr. Hugo Borghi, o elemento de mais prestígio da referida agremiação em São Paulo. Vários deputados e figuras destacadas do P.T.B., seguindo o senhor Ugo Borghi, estão se passando para o P.T.N., fundado pelo senhor Otacilio Negrão de Lima e em manifesta hostilidade ao ex-ditador Getúlio Vargas. Ao reiniciar-se a atividade do Congresso Nacional, foi lida uma longa e minuciosa mensagem do general Eurico Gaspar Dutra, presidente da República, expondo o que fora feito no primeiro ano de sua administração e focalizando problemas nacionais urgentes. A mensagem fez, ainda, uma crítica veemente à ditadura, responsabilizando-a pelas tristes realidades do presente. A mensagem presidencial qualificou, também, o movimento de 29 de outubro de 1945 como o mais democrático que se processou na história brasileira. Isso mostra que o general Eurico Gaspar Dutra perdeu a cerimônia de que vinha usando em relação à ditadura e ao ex-ditador, começando a chamar as coisas pelo seu verdadeiro nome. Mais um governador tomou posse, o senhor Adhemar de Barros, que triunfou sensacionalmente em São Paulo, embora poucos, dentre as figuras de proa da política nacional, fizessem fé na sua vitória. O novo governador de São Paulo declarou que governará em permanente contacto com as massas, o que é uma boa síntese de programa. Assim deviam e devem governar todos, sejam de que partido forem. Os jornais de domingo noticiavam a morte e o enterramento do senhor Osvaldo Teixeira. Não se tratava, entretanto, do terrível pintor nacional, — e sim de um simpático e operoso funcionário do Juízo de Menores. Entretanto, no meio das belas-artistas, não falta quem queira fazer, simbolicamente, pelo menos, o enterro do homem que enterrou o "Salão" e se constituiu um coveiro da pintura nacional... Tal é a sua mania de querer aparecer sózinho! A propósito de uma reportagem de um matutino e de um semanário sobre as ligações internacionais do integralismo, — sucursal brasileira do nazismo e do fascismo, — o senhor Pacheco de Andrade publicou, nos "apêndices" dos jornais, uma carta na qual chama o operoso senhor Herbert Moses de Moisés e o chama de judeu... Mais uma prova provada daquelas ligações: o anti-semitismo, a intolerância racista, herdada diretamente de Adolf Hitler e de Rosenberg... A Câmara Municipal resolveu apresentar um voto de simpatia ao povo do Paraguai, onde se declarou um movimento revolucionário contra a ditadura tipicamente fascista do ferrenho inimigo da democracia que é o general Higinio Morínigo. Muito embora não tenhamos simpatia pelo novo "El Supremo" do Paraguai, entendemos que a Câmara Municipal devia tratar, precipuamente, de interesses municipais. O caso do Paraguai ficaria melhor e mais apropriado na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, que podem influir nas decisões da nossa política exterior. Muito pitoresca, a proposta da vereadora Sagrador de Seuvero, que queria que a Câmara vedasse discussões a respeito do governo do ex-ditador Getúlio Vargas, quer a favor, quer contra... Afinal de contas, parece-nos que essa moça, tão valente no rádio, está nos saindo uma boa queremista... O silêncio só interessa, na verdade, aos que desfrutaram regaladamente os "curtos quinze anos"... Houve dúvida sobre o casamento de Carmen Miranda. Ela já esteve noiva tantas vezes, exclamou a gordalhão Louella Parsons. Mas os telegramas diziam que Carmen casaria com o produtor David Sebastian na quinta-feira. Entretanto, depois, veio a notícia de que Carmen casara na terça. Quer dizer: algum tradutor de telegramas cometeu uma bobagem, traduzindo "wednesday", terça-feira, por "quintagosto", quinta-feira. A ex-pequena notável casou mesmo e a senhorita Miranda foi a madrinha... Um adivinho disse que o Parlamento inglês era tido como um caracol. E uma sociedade protetora de caracóis e outros animais protestou contra o insulto. Os caracóis eram lentos, sim, mas tinham direção, sabiam para onde iam... Ao passo que os deputados... Wanda Brown, que era a companheira oficial do sapateador Gus Brown, mas amante clandestina do assassino Kati do Rosário, teve decisão a sua prisão preventiva, pelo juiz da 15ª Vara Criminal, por cumplicidade com este no episódio de que resultou a morte do primeiro. Esta sendo casada, para ser dada ao teatro municipal, a peça "Quando se vive outra vez", de autoria de Elinor Forman, um dos dramaturgos nacionais que sabem ler e escrever. Esse trabalho será encenado pela Companhia Maria Sant'Anna-Rodolfo Mayer e terá cenários de Hans Sachs. E, realmente, uma vitória para o nosso teatro, conquistar um lugar no municipal, em plena temporada oficial, com intérpretes de tão alto nível. Escrita: um 2º do corrente. Numa crônica intitulada "Cantos no cinema", o jornalista Adão Lima, do "Diário de Notícias", declarou: "Cantos no cinema", "Cantos no cinema", "Cantos no cinema", — um etc, — que o filme não temia legendaria para facilitar o entendimento por parte do espectador brasileiro", etc. Parece fantástico, mas é verdade: um deputado federal requereu que lhe fosse pago o salário-mínimo, a que teria direito como ocupante de um emprego federal ordinário e permanente, mas não no desempenho de um mandato de representante do povo: o Sr. Ugo Borghi e a imprensa, em peso, gozou o deputado-garganta, sem, todavia, lhe publicar o nome... Foi escolhido o eminente nome público que é o senhor José Americo de Almeida para presidir a União Democrática Nacional, em lugar da renúncia do senhor Otávio Mangabeira, por ter sido eleito governador do Estado da Bahia. Foi, sem dúvida, uma excelente escolha. Em consequência das chuvas, desabou, parcialmente, a igreja de Santa Luzia, o velho templo do bairro do Castelo. Mais uma nota de teatro: Alma Flora estreará no Ginástico com uma nova peça nacional, "Seremos sempre crianças", de autoria de Pascoal Carlos Magno, um dos autores brasileiros premiados pela Academia de Letras. Esta semana, no Jão Caetano, reaparece ao seu público a atriz cômica Dercy Gonçalves, nem sempre "própria para menores", mas, em todo caso, muito espontânea nas suas caricaturas cênicas... E, por hoje, chega... Até sábado próximo!



à venda em todo o Brasil por

Cr \$ 12,00. Pedidos à COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Rua Maranguape, 15. Rio. Atende-se pelo reembolso postal.

OS NOSSOS CONCURSOS LITERÁRIOS

CONCURSO DE CONTOS — São estas as bases do nosso concurso permanente de contos: 1º — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre os quais os nossos leitores possam dispor com pleno conhecimento e com facilidade; 2º — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos; 3º — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana na publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem; 4º — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas; 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração no envelope: "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA"; 6º — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

* * *

CONCURSO DE TEATRO — A comissão julgadora ainda não nos entregou o seu parecer.

* * *

CONCURSO DE ROMANCES — Foram recebidos os seguintes originais: "Eterno estribilho", de Raul Vital; "Alvaro Gonçalves", de Paulo Lício Rizzo; "O destino é que nos leva", de Graciema P. Genofre; "Angustiado estou por ti", de Henrique Consoni Junior; "Heróis e pecadores", de Jary Gomes; "Vereda luminosa", de Leda S. de Andrade; "Paixão e sensualismo", de Antonio Tibiriçá; e "Alvorada", de Betina Diniz, além de um romance sem nome de autor e sem título, que começa com a frase: "Eram sete horas menos dois minutos". Ao autor desse trabalho, rogamos a gentileza de se identificar. "Atlantida Soterrada", do Sr. Mário (pseudônimo); "Um cachorro e outras pessoas", de Alberto Leal; "Tempestade", de Adelino Volfar (pseudônimo) e "Vila São Jorge", de Eduardo Grota Carreiro.

Todos os originais já foram por nós distribuídos à comissão julgadora, constituída pelos escritores João Luso e Berilo Neves.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

Joalheria

R. CARIOCA N.º 28

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



Em cima: dois flagrantes de Marilla, a terna amante de Gonzaga, papel desempenhado por Lisette Buono, talento teatral revelado pelo Teatro Universitário. O da esquerda foi colhido quando a jovem atriz ultimava os preparativos para entrar em cena. O da direita, no final do quarto ato, contracenando com o vingativo visconde de Barbacena (interpretado por Alfredo de Almeida).



UMA PEÇA DE CASTRO ALVES REPRESENTADA NO PALCO DO MUNICIPAL

O Teatro Universitário, colaborando nos festejos do centenário do poeta dos escravos, reviveu com brilho o drama "Gonzaga, ou a Inconfidência Mineira".

CASTRO ALVES, cujo centenário foi comemorado na semana passada com expressivas solenidades cívicas e brilhantes sessões literárias, não foi somente um poeta. Foi, igualmente, um dramaturgo, embora tenha feito uma única incursão na literatura teatral, ao escrever a peça "Gonzaga, ou a Inconfidência Mineira". Trabalho de um poeta e de um patriota arrebatado, a peça do autor das "Espumas Flutuantes" foi retrada da poeira dos arquivos, das páginas frias dos livros, para ser vivida no palco do Teatro Municipal pela juventude ardorosa do Teatro Universitário, uma das expressões sadias de renovação da nossa cultura teatral. Entre a indiferença e o comercia-

lismo do meio, lutando de início com toda a sorte de obstáculos, o Teatro Universitário, dirigido pela dinamismo e pela visão arguta de Gerusa Camões, líder infatigável de um grupo de denodados batalhadores, representa uma verdadeira afirmação de valor e de tenacidade. Associando-se às celebrações do centenário do nascimento de Castro Alves, o Teatro Universitário teve a iniciativa de levar à cena "Gonzaga, ou a Inconfidência Mineira", para o que foi prestigiado pelo Sr. Clemente Mariani, ministro da Educação e Saúde Pública, e pelo Sr. Antonio Vieira de Melo, diretor do Departamento de Difusão Cultural da Prefeitura. No espetáculo, levado a efeito no Teatro Municipal, a 14 de

Paulo Alves, que aqui aparece ainda sem a cabeleira que ostentou em cena, teve um desempenho correto, vivendo a figura de Joaquim Silvério, delator dos Inconfidentes. Paulo é uma das esperanças do novo elenco do Teatro Universitário. Na página à direita, Gerusa Camões auxiliando duas comparsas que participaram da representação a vestir as complicadas indumentárias dos fins do século XVIII.





Em cima : — O minueto do princípio do segundo ato. Em baixo : uma cena patética do primeiro ato, quando Marília desfalece de emoção nos braços de Gonzaga, tendo ao lado Silvério dos Reis, o traidor dos inconfidentes (Lisette Buono, no papel de Marília, Luis Delfino, no de Gonzaga, e Paulo Alves, no de Silvério).





O minueto encerra com graça e brilhantismo o segundo ato, em um dos momentos mais atraentes da peça.

corrente, cooperaram Luis Delfino, Lisette Buono, Alfredo de Almeida, Gerusa Camões, Paulo Alves, Batista Rodrigues, Paschoal Longo, Jaime Barcelos, Alberto Perez, Felipe Wagner, etc. O escritor Pascoal Carlos Magno usou da palavra, antes de subir o pano, para fazer a apresentação da peça e falar sobre a personalidade de Castro Alves.

"Gonzaga, ou a Inconfidência Mineira", foi ensaiada cuidadosamente pela atriz e diretora portuguesa Esther Leão, que tem colaborado, com incansável dedicação, nas

iniciativas do Teatro Universitário, contribuindo para a formação de muitos valores que hoje se acham integrados profissionalmente no nosso rádio, e no nosso teatro. A realização do Teatro Universitário foi prestigiada, também, pelo estudante José Eiras Pinheiro, presidente do Diretório Nacional de Estudantes. A representação de "Gonzaga, ou a Inconfidência Mineira", no Municipal, constituiu uma das notas mais sugestivas das comemorações do centenário do maior poeta nacional. Nesta rápida reportagem REVISTA

DA SEMANA, cujo número passado foi dedicado, em grande parte, à evocação do cantor das "Espumas Flutuantes" e da "Cachoeira de Paulo Afonso", fixa alguns aspectos colhidos naquele teatro quando, no dia do centenário de Castro Alves, o texto do seu drama, obra de um estudante, ora vivido por outros estudantes animados, como os de outrora, de nobres ideais, em relação ao nosso teatro, que querem livrar do cativeiro da mediocridade, num treze de maio artístico.

Em baixo, à esquerda: uma expressão de Luis Delfino, no papel de Gonzaga. A direita: Claudio Manoel da Costa desesperado com o rumo que tomam os acontecimentos (expressão de Alberto Pérez).

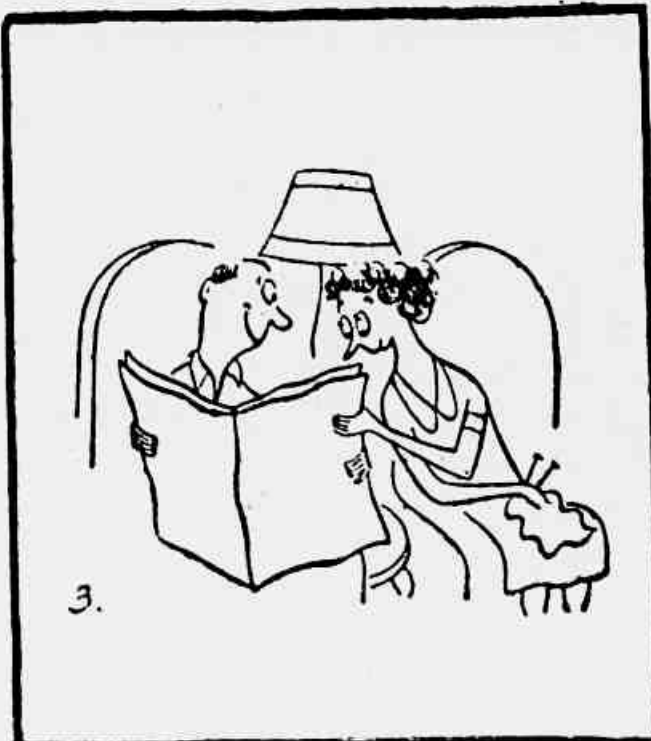




Ao alto, à esquerda: — O poeta Claudio Manoel da Costa, vivido pelo ator Alberto Perez; à direita: Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, interpretado com entusiasmo por Felipe Szafran. Em baixo, à esquerda: Tomaz Antonio Gonzaga, lírico e impetuoso, vivido com segurança por Luis Delfino; à direita: Marilla, um dos papéis mais difíceis da peça, interpretado muito bem por Lisette Buono. Na página ao lado: — Zeni Lacerda e Amélia Gomes, duas jovens do Teatro Universitário, num detalhe de um passo do minueto dançado no segundo ato do drama patriótico de Castro Alves.









— O senhor tem razão, papai... Os invernos deviam ser muito mais frios quando o senhor era moço...

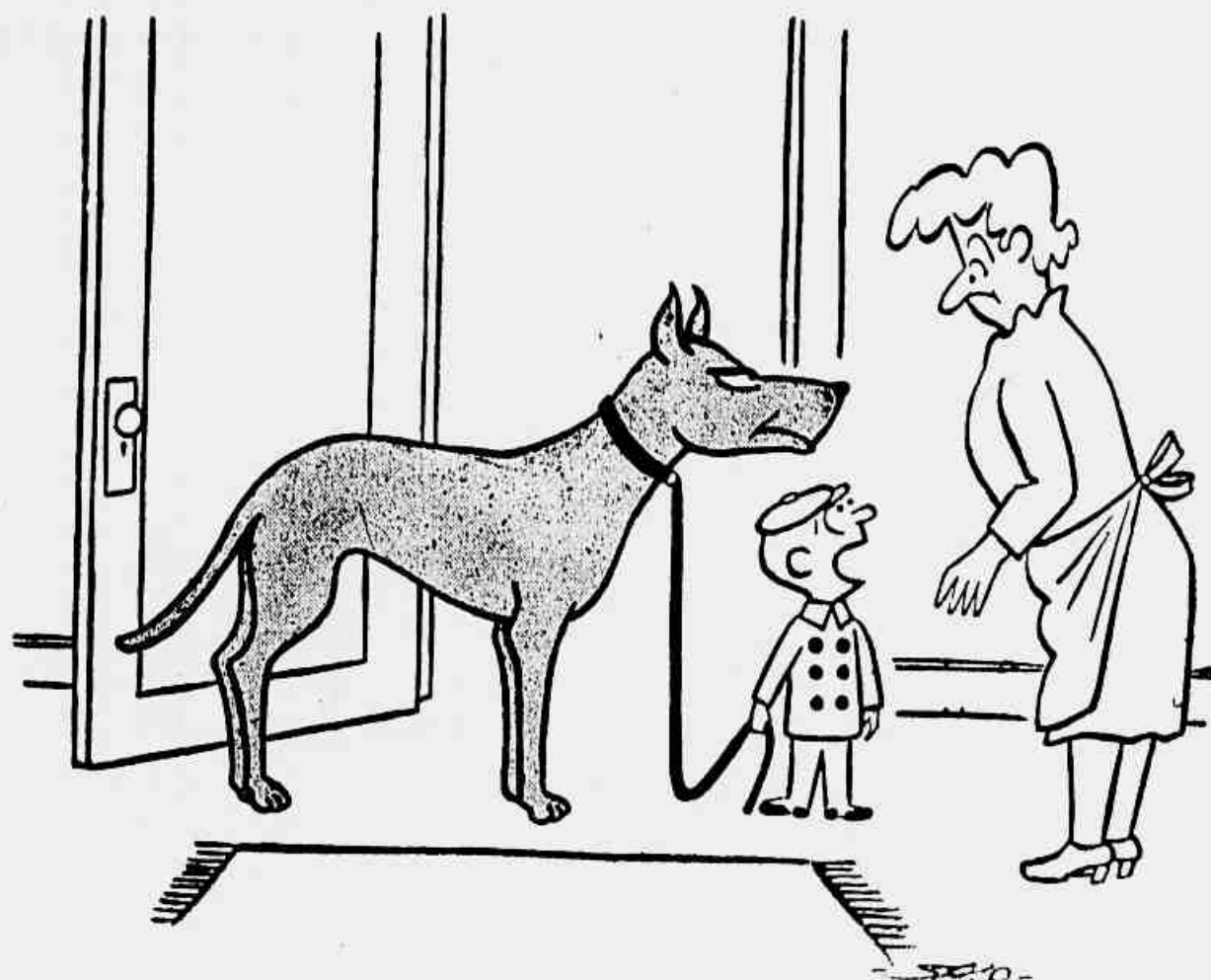


— Está bem... Não é necessário argumentarmos mais. Reconheço que o meu amigo tem razão...

B O M H U M O R



— Reconheço, Gustavo, que sua mulher e eu lhe devemos qualquer espécie de explicação... Qual é a que você prefere...



— Pode deixar, dona Balbina, que eu tomarei conta dele direitinho...



— Pois é! Eu já fui mágico, antes de comprar esta barbearia...



— Esta mesa foi uma das compras mais felizes que eu já fiz...



FLORA MAY, ora abrilhantando a temporada de Henriette Morineau, no Regina, já dividiu entre o palco e o microfone, seu trabalho artístico, procurando impor-se ao apreço de ambos os públicos, o que facilmente conseguiu, uma vez que lhe sobram qualidades para tanto. Sua estreia na ribalta ocorreu na companhia de Raul Roulien, por ocasião da representação de "Malibú", a brilhante peça de Henrique Pongetti, enquanto que no rádio apareceu através da Rádio Gaucha, vivendo a "Marqueza de Santos", da peça de igual título. Figurou nos elencos de Dulcina-Odilon, Renato Viana, Procópio Ferreira, Joracy Camargo, Delorges Caminha, Mesquitinha, Iracema de Alencar e Artistas Unidos. Na Rádio Nacional, fazendo a "Miss Kitty" da novela "Em busca da felicidade", a apreciada atriz viveu o ponto culminante de sua carreira radiofônica. Foi esplendido o seu desempenho no papel de milionária excêntrica, contracenando com artistas do valor de Zézé Fonseca, Rodolfo Mayer, Floriano Faissal e Iara Sales. Ainda no "broadcasting" carioca se reuniu a Raul Roulien, quando este dirigiu efêmeramente a Rádio Jornal do Brasil, trabalhando no malogrado programa "Segredos de Hollywood", numa dramatização da vida de Bette Davis e na "Senhorita Pancromática". Trabalhou, a seguir, na Rádio Cruzeiro do Sul, onde Joracy Camargo foi buscá-la para a sua companhia. A Metro Goldwyn Mayer por sua vez, convidou-a a fazer um "test" de voz, afim de aproveitá-la na "dublage" dos seus filmes, falando por Lana Turner. Flora May possui duas interessantes filhas, ambas estudando em colégios internos.



EM Ismênia dos Santos tem o rádio brasileiro uma das suas artistas máximas. É uma das nossas mais completas rádio-atrizes, vivendo com absoluta propriedade papéis cômicos e dramáticos, sem que seu talento em um gênero sobrepuje o outro. Sozinha, a grande comediente Conchita de Moraes e filha de Armando Duval, a prima de Dulcinéa soube fazer da arte a razão de ser de sua própria existência. Ismênia dos Santos não encontra rival para viver a característica "Juraci", do programa "Taboleiro da Bahiana", nem existe quem melhor faça a "figura central" de "Ana Maria", novela cuja irradiação se estende por vários anos, sem desinteressar ou enfadar aos radio-ouvintes. Vindo do teatro para o rádio, com um tirocinio bastante apreciável, Ismênia dos Santos destacou-se em "Manhãs de sol", "As levianas" e "Os sorrisos da vida", além de ter tido papel saliente nas operetas "Conde de Luxemburgo", "Princesa dos dólares", "Os gaviões" e várias outras. Exclusiva da Rádio Nacional, cabendo-lhe a responsabilidade nas novelas das vinte e uma horas, teve atuação marcante em "Renúncia", "A outra" e, ultimamente, na novela "Mãe", de Giuseppe Ghisaroni, na qual criou a personagem central, recebendo os mais calorosos aplausos. Fora do rádio, Ismênia dos Santos exerce importante cargo no Ministério do Trabalho, razão de não a ouvirmos trabalhando nas novelas diurnas. Além das novelas, a apreciada artista abrilhanta vários programas, como o "Almanaques Kolinos", "Taboleiro da Bahiana" e outros.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

A música popular brasileira encontrou em Orlando Silva um dos seus intérpretes preferidos, somando-se às dezenas os sucessos do "cantor das multidões" que, neste momento, se prepara para regressar ao rádio, cantando para os ouvintes de quatro grandes emissoras — Rádio Mayrink Veiga, Rádio Jornal do Brasil, Rádio Mauá e Rádio Clube Fluminense, — percebendo seis mil cruzeiros mensais. Exclusivo da PRE-8 por um longo período, criou nessa emissora seus maiores sucessos musicais, como "Lábios que beijei", "Jardineira", "Nada além", "A última estrofe" e tantas outras melodias, cantadas pelo Brasil inteiro. Neste carnaval, embora sem compromisso com qualquer emissora, Orlando Silva gravou várias composições dos nossos autores populares. De origem humilde, vencendo pelo seu próprio esforço, Orlando Silva, com a sua voz romântica, convenceu Francisco Alves a incluí-lo em um programa que então tinha na Rádio Cajuti, iniciando assim carreira radiofônica, a 23 de julho de 1934. Da PRE-2, por motivo da cessação de suas atividades, ingressou na Mairynk Veiga, que trocou pela Transmissora, onde permaneceu por oito meses. Findos estes, assinou contrato com a Nacional, conservando-se pelo espaço de quase treze anos. Realizou várias temporadas pelos Estados sulinos, sendo que no Paraná distribuiu regular estoque de lenços pelas suas numerosas fans, além de ter o pafêto marcado por inúmeros lábios. No cinema, o "cantor das multidões" apareceu nos discurtidos "Alôs", interpretando músicas carnavalescas.



BRANDÃO FILHO é, no seu gênero, um dos mais completos cômicos do rádio brasileiro, atuando em programas de enorme aceitação, como "Tancredo e Trancado", "Coisas do Arco da Velha", "Piadas do Manduca", e "Alma do Sertão", todos irradiados pela Rádio Nacional, da qual ele é artista exclusivo desde 1942. Filho de famoso ator, o popular Brandão, quando da morte deste viu-se obrigado a seguir a carreira paterna, ingressando como corista no elenco do Democrata Circo, ao lado de seu velho amigo Paraíso. Mais tarde passou para o Circo Dorby, de onde saiu a convite do empresário M. Pinto, para estreiar no Teatro Recreio, na peça "A Canção Brasileira", em que fez o papel de Cavaquinho. Trabalhou em várias companhias. Foi o "Chalaca", em "Carlota Joaquina", ao lado de Jaime Costa. Trabalhou com Palmeirim Silva, Roulien, a Comédia Brasileira, Lucília Peres, etc. Vitor Costa foi buscá-lo no Ginástico, para fazer uma ponta na novela "Em busca da felicidade". Tal foi o agrado de seu papel, o "Mão leve", que o mesmo se estendeu até o fim da história. Por esse desempenho, percebia o "cachet" de cinquenta cruzeiros. Sua estreia no cinema deu-se em "O bobo do rei", ganhando duzentos cruzeiros para fazer uma sequência. Trabalhou ainda em "O dia nosso", ao lado de Oscarito, Genésio Arruda e Paulo Gracindo, e em "A Inconfidência Mineira", bancando um nobre. Na peça "A mulher que veio de Londres", Brandão Filho foi escolhido para fazer um galã dramático, que de modo algum convenceu a plateia, arrancando ao em vez estrondosas gargalhadas.





Primo Carnera deixa que duas lindas californianas lhe apalpem a musculatura, antes de uma luta livre em Hollywood.

PRIMO CARNERA VOLTOU A' ATIVIDADE

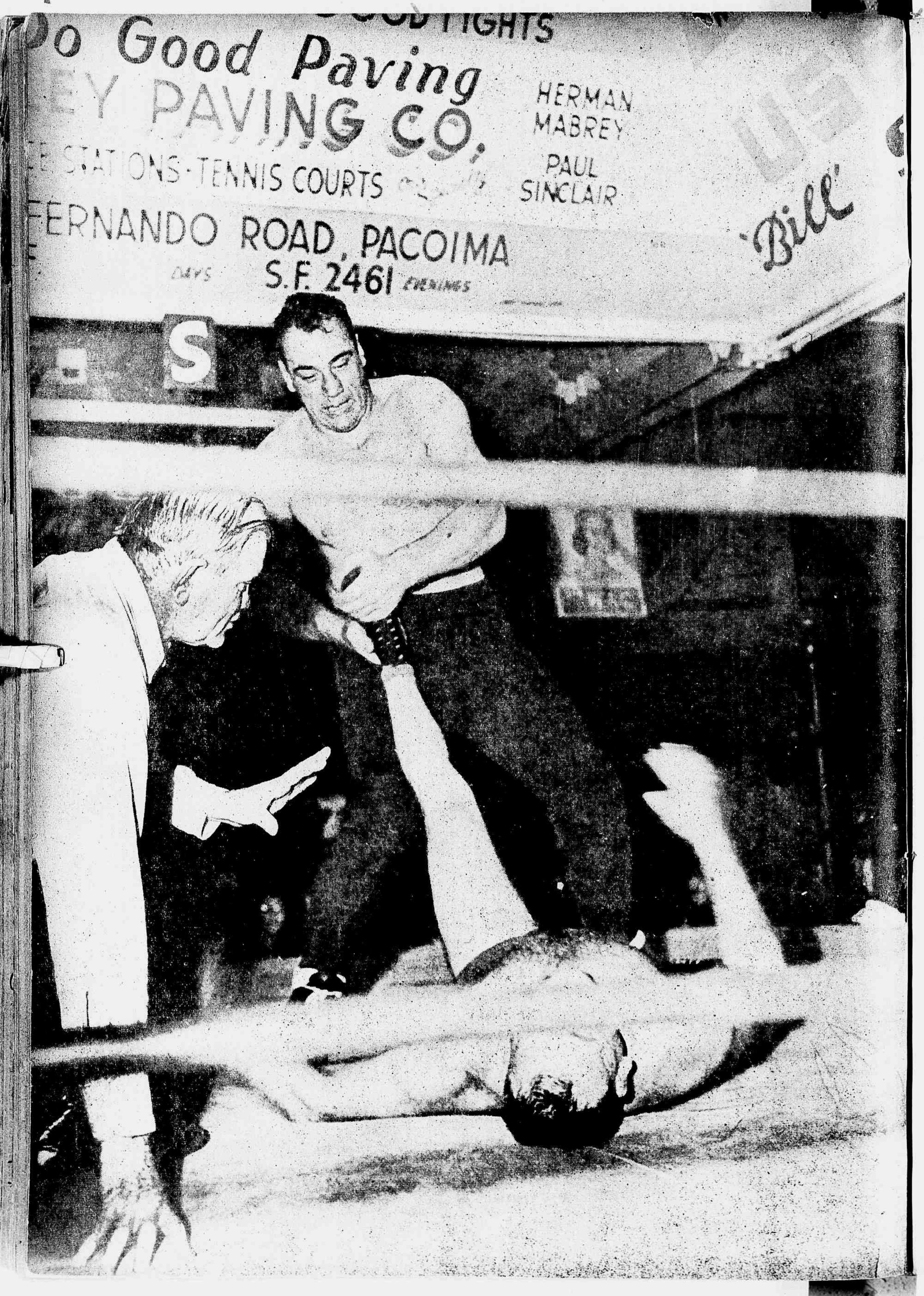
O EX-CAMPEÃO MUNDIAL DE PESO PESADO NÃO É MAIS PUGILISTA, MAS ASPIRANTE AO CAMPEONATO DE LUTA LIVRE

Fotos da Keystone Press Agency — Exclusividade, no Brasil, de REVISTA DA SEMANA e "Esporte Ilustrado"

PRIMO CARNERA, o gigante italiano, que conseguiu conquistar, ainda que efêmeramente, o título de campeão mundial de pugilismo de todos os pesos, logrou uma grande popularidade, no mundo inteiro, mais graças ao seu físico avantajado do que mesmo à sua técnica de profissional do "ring". Perdendo o campeonato, Primo Carnera foi para a Itália, onde aplicou o seu dinheiro em propriedades, mas em razão da guerra e da inflação, perdeu quase tudo o que possuía e resolveu, então, reencetar novamente sua carreira esportiva, não mais

como pugilista, mas como aspirante ao título de campeão mundial de luta livre. Tendo se transferido para os Estados Unidos, depois de ter sido considerado elemento não-perigoso pelo comitê de expurgo ao fascismo, Primo Carnera já se apresentou no "ring", com sucesso, derrotando alguns dos seus primeiros adversários. Em razão dessas vitórias, Primo Carnera se acha muito animado, confiando em que conseguirá conquistar um outro campeonato e conquistar algumas bolsas recheadas de dólares. Embora não tão importante como o esporte do sôco, a luta livre também produz

bôas rendas e, para Primo Carnera, o que sair na rôde é peixe. Além do mais, seu nome de ex-campeão mundial de pugilismo e sua estatura gigantesca servem para estimular o interesse do público norte-americano pelas suas exibições. Seu "manager", H. Harris está convencido de que fez um excelente negócio, encampando Primo Carnera e procurando, para este, adversários capazes de despertar o interesse do público. Quem foi rei sempre tem majestade... e Primo Carnera ainda tem os seus "fans".



Good Paving
PAVING CO.

HERMAN
MABREY

PAUL
SINCLAIR

STATIONS - TENNIS COURTS
FERNANDO ROAD, PACOIMA
S.F. 2461

DAYS

EVENINGS

Bill

S



Em cima : Um médico da Saúde Pública, o Dr. Fahey, tira a pressão arterial de Primo Carnera, antes do gigante iniciar uma luta na Califórnia. Embora sendo homem de meia idade, Primo Carnera ainda goza de um físico excepcional. Em baixo : à esquerda : O nome de Primo Carnera está em foco outra vez... E já há quem lhe peça autógrafos de novo, como faz esta garota americana, "fan" dos esportes violentos. A direita : Primo Carnera discute estratégia com seu "manager", H. Harris, antes de uma luta levada a efeito na Califórnia.



Vitória, outra vez ! O opositor de Primo Carnera, Rebel Russell, está estirado na lona, vencido, enquanto o gigante italiano lhe torce uma perna com ferocidade. Será que Primo Carnera se tornara outra vez campeão ?



A Historia

E ou não digna de fé a história de Plattner? eis aí uma bela pergunta para um espírito crítico. De um lado temos sete testemunhas, ou, para sermos perfeitamente exatos, temos seis testemunhas e meia, mais um fato incontestável; de outro lado, temos o preconceito, o bom senso, as resistências da opinião; mas o que é tudo isto? Jamais houve sete testemunhas que parecessem mais respeitáveis; nunca houve um fato mais incontestável que a inversão da estrutura anatômica de Gottfried Plattner; nem tampouco houve jamais história mais absurda que a que vos vai ser contada.

A parte mais absurda dessa mesma história é a contribuição do digno Gottfried, pois conto-o no número das sete testemunhas. Que o céu me preserve de, por amor à imparcialidade, fomentar a superstição e de acabar assim por compartilhar a sorte dos patronos de Eusapia. Com franqueza, há o que quer que seja obscuro no caso de Gottfried Plattner; mas, de que natureza seja o elemento inexplicado, concordo com a mesmíssima franqueza que nada sei. Fiquei surpreso com o crédito concedido a essa história pelas personagens mais conspícuas e mais graves. Mas o mais simples é expô-la, sem mais comentários, ao leitor.

A despeito do seu nome, Gottfried Plattner é um inglês autêntico. Seu pai era alsaciano, tendo vindo para a Inglaterra pelo ano de 1860. Casou com uma honesta jovem inglesa, sem hereditariedade fisiológica, e morreu em 1887, após uma vida lisa e serena, consagrada, creio, principalmente à colocação de táboas de soalho. Gottfried tem 27 anos de idade. Graças às três línguas cujo conhecimento ele deve a seus pais, é hoje professor de línguas vivas em uma pequena escola particular do sul da Inglaterra. Aos olhos de qualquer pessoa, ele parece imensamente com qualquer outro professor de línguas vivas de qualquer outra escola particular. O seu traje não é nem sumptuoso, nem da moda, mas tampouco é de um preço ou de um aspecto tais que o tornem digno de reparo; nada tem de particular a sua pele, a sua estatura e o seu andar. Talvez se pudesse apenas notar que, como sucede à maior parte das pessoas, o seu rosto não é absolutamente simétrico; um dos olhos, o direito, é um pouco maior que o outro, e a face direita é um nadinha mais volumosa. Se, observador superficial como os mais, o leitor lhe descobrir o peito, ouvirá bater o seu coração e provavelmente achará que esse coração bate como o seu ou como o meu. Mas, nesse caso, o leitor e um observador experimentado não seriam da mesma opinião. O observador experimentado achá-lo-ia completamente diferente. E, uma vez prevenido, o leitor por sua vez perceberia bem facilmente uma particularidade: o coração de Gottfried bate do lado direito do peito.

Demais a mais, não é essa a única anomalia da conformação física de Gottfried, conquanto seja ela a única perceptível ao vulgo. Uma auscultação atenta dos órgãos internos de Gottfried, praticada por um cirurgião bem conhecido, parece que estabeleceram que todas as outras partes não simétricas do seu corpo estão igualmente mal colocadas. O lóbulo direito do fígado está à esquerda, o esquerdo, à direita; os pulmões estão trocados. O que é ainda mais singular, a menos que Gottfried seja um consumado farsista, é que estamos forçados a crer que a sua mão direita ficou sendo muito recentemente a esquerda. Depois que temos tido ocasião de observá-lo (com a máxima imparcialidade possível), ele sente a maior dificuldade em escrever, exceto indo da direita para a esquerda sobre o papel, e servindo-se da mão esquerda. Ele não pode atirar nada com a mão direita; fica embaraçado durante as refeições para servir-se do garfo e da faca; as

suas idéias sobre a polícia das estradas (ele é ciclista) testemunham também uma confusão perigosa. E não temos a mínima razão para crer que, antes da sua aventura, Gottfried tivesse sido jamais canhoto.

Há contudo outra coisa pasmosa em toda esta história insensata. Gottfried apresenta três fotografias suas. Uma delas, quando ele tinha cinco ou seis anos, representa-o de sobranceiras cerradas, ostentando pernas gordas sob um vestido escocês. Nessa fotografia o olho esquerdo está maior que o direito, e a face esquerda é um nadinha mais volumosa. Justamente o contrário do que se observa hoje em dia.

A fotografia de Gottfried aos quatorze anos parece contradizer esses fatos; isto, porém, provém de ser essa uma fotografia de brinquedo, dessas que se vendem por baixo preço e que estavam então em voga, que eram tomadas diretamente sobre metal e que, por consequência, invertem os objetos como faria um espelho. A terceira representa-o aos vinte e um anos e confirma o testemunho das outras. Quem isto vê, julga obter aqui de fato a confirmação mais palpável de que, para Gottfried, o lado esquerdo e o direito estão invertidos. Não obstante, como é que um ente humano se pôde tornar um monstro semelhante? A menos que não seja um milagre inaudito, é sumamente difícil formar uma idéia sobre o caso.

Sem dúvida os fatos se poderiam explicar, em rigor, no caso de se supor que Plattner empreendeu uma penosa mistificação, aproveitando-se da posição anormal de seu coração. As fotografias podem ser falsificadas; pode-se fingir que se é canhoto; mas o caráter do homem não se presta a essa interpretação. Ele é pacífico, prático, modesto e pareceria perfeitamente aos olhos de Max Nordau. Gottfried gosta de cerveja, fuma com moderação, passeia todos os dias, e, como é natural, tem em alta consideração o valor do seu método de ensino. Possui, muito embora nunca a tenha exercitado, uma bela voz de tenor, e tem prazer em cantar diversas canções populares. Gosta de lêr, mas sem excesso — mormente as obras de imaginação penetradas de um otimismo vagamente piedoso, — dorme bem e raramente sonha. Ele é, de fato, a última pessoa a quem se possa atribuir uma aventura fantástica. Bem longe, na verdade, de impor esta história ao mundo, ele tem tido, sobre o caso, algumas reticências singulares. Recebe os curiosos com uma timidez atraente (é este o termo) que desarma os mais desconfiados. Ele parece ingenuamente envergonhado de que lhe houvesse acontecido uma coisa tão extraordinária.

E' de lastimar que a aversão de Plattner pela idéia de uma autópsia post mortem adie, talvez para sempre, a prova positiva da inversão de todos os seus órgãos da direita e da esquerda. Só a autópsia poderia fundamentar a verdade da nossa história. Não há meio de se poder pegar em um homem, agité-lo no espaço, — e modificar assim a posição normal dos seus órgãos. Pode-se fazer o que se fizer, a sua direita é sempre a sua direita; a sua esquerda é sempre a sua esquerda. Muito o contrário se daria com um objeto delgado e chato: quem recortasse uma figura em um pedaço de papel, uma figura com um lado direito e um lado esquerdo, poderia mudar esse lado levantando simplesmente a figura e voltando-a. Mas com um sólido é diferente. Os teóricos ensinam que a única maneira de mudar a direita e a esquerda de um corpo sólido é subtrair esse corpo ao espaço tal como nós o conhecemos, isto é, fazê-lo sair da existência ordinária e situá-lo em qualquer parte, fora do espaço. Este raciocínio é um pouco abstrato, sem dúvida; mas quem quer que tenha um pouco de conhecimento das ma-

temáticas, poderá assegurar ao leitor a exatidão dele. Para exprimir a coisa em linguagem técnica, a curiosa inversão da direita e da esquerda em Plattner é prova de que ele viajou além da nossa atmosfera, no que se chama a Quarta Dimensão, e que depois disso voltou para o nosso mundo. A menos que prefiramos considerar-nos vítimas de um embuste laborioso, e sem motivo, somos quase obrigados a admitir que assim é.

Eis aí o que temos a dizer sobre os fatos tangíveis. Chegamos agora à narração dos fenômenos que acompanharam a sua desaparecimento provisória do nosso mundo. Sabe-se que, na Escola particular de Sussexville, Plattner não tinha apenas o encargo das línguas vivas; ensinava também química, geografia comercial, escrituração mercantil, estenografia, e igualmente qualquer outra ciência que pudesse desear a fantasia inconstante das famílias. Ele sabia pouco ou nada dessas ciências; mas, nos estabelecimentos livres, a sabedoria de um professor é, com toda a franqueza, muito menos necessária do que uma moralidade irrepreensível e umas maneiras corteses. Em química, Plattner era particularmente ignorante; nada sabia, dizia ele, além dos três gases (pouco importa a quem quer que seja saber o que são esses gases). Todavia, como os seus discípulos principiavam sem nada saber e com ele adquiriam toda a sua instrução, a ignorância do mestre poucos inconvenientes determinou, tanto para ele como para os outros. Ora, aconteceu entrar para a escola um rapazinho chamado Whibble; parece que este havia sido educado por um parente pouco criterioso que lhe deixara adquirir hábitos de curiosidade. Esse discípulo seguia a aula de Plattner com um interesse manifesto e persistente, e, a fim de mostrar o seu zelo, por diversas vezes levou algumas substâncias ao mestre para que este as analisasse. Plattner, lisonjeado por este testemunho evidente do interesse que sabia despertar, confiante, aliás, na ignorância do pequeno, analisou aqueles corpos e até proclamou algumas generalidades sobre a composição dos mesmos. Sim, ele ficou tão estimulado com a curiosidade do discípulo que procurou uma obra sobre química analítica e principiou a estudá-la enquanto vigiava o estudo da noite. Ficou surpreendido de encontrar na química uma ciência muito interessante.

Até aqui a história é vulgar; mas eis senão quando aparece o pó verde. A origem desse pó verde parece infelizmente perdida. Whibble conta uma história complicada; achou-o, disse ele, tal qual está, em um embrulho, dentro de um forno de cal, não longe das Dunas. Teria sido uma felicidade para Plattner e bem assim para a família do jovem Whibble, que tivessem aproximado um fósforo desse pó, assim que ele foi descoberto. Certo, o discípulo não o levou para a escola em um embrulho, mas sim dentro de um frasco ordinário de farmácia, de oito onças, arrolhado com a massa de papel. Ele remeteu-o a Plattner, à saída da aula da tarde. Quatro alunos tinham ficado de castigo, depois das orações que terminam a classe, para concluírem as suas lições; Plattner tinha que vigiá-los na pequena classe de química. O material para o ensino prático, tanto na escola particular de Sussexville, como em quase todas as pequenas escolas do país, tem por característico principal uma simplicidade severa. Ele conserva-se fechado em um pequeno armário abandonado a um canto, o qual ocupa mais ou menos o mesmo espaço que uma mala ordinária de viagem. Plattner, enfastiado da sua vigilância enfadonha, pareceu acolher como uma agradável diversão o pequeno Whibble e o seu pó verde: abrindo o armário, ele procedeu desde logo às experiências de análise. Whibble, fe-

lizmente para ele, sentou-se a uma boa distância para observar. Os quatro alunos maus, simulando uma aplicação séria no seu trabalho, observavam o mestre às furtadelas com o mais vivo interesse; porquanto, mesmo no domínio dos três gases, Plattner era em química, segundo creio, um prático tomerário.

As cinco testemunhas são unânimes no que contam em relação aos processos de Plattner. Este pôs um pouco de pó verde em um recipiente apropriado e experimentou a substância sucessivamente com água, com ácido clorídrico, ácido nítrico e ácido sulfúrico. Não tendo obtido resultado, deitou uma pequena quantidade dele — cerca da metade da garrafa — sobre uma ardósia e aproximou-lhe um fósforo. Ele segurava o frasco na mão esquerda. A substância principiou por fumar, despreendendo cheiro, depois explodiu com uma violência atrozadora, e com um clarão de cegar.

Os cinco meninos, que estavam preparados para uma catástrofe, ao verem a labareda, meteram-se atrás das carteiras e não escreviam; nenhum deles foi atingido gravemente. A janela, porém, foi atirada e caiu no pátio do recreio, e o quadro preto foi derribado de cima do cavalete. A ardósia ficou reduzida a pó. Do teto desprenderam-se fragmentos de gesso. E foram estes os prejuízos que sofreram a casa e o material; e os meninos a princípio não vendo Plattner, imaginaram que ele tivesse sido precipitado e que talvez se achasse caído do outro lado das carteiras. Saíram pois dos seus bancos para irem socorrê-lo e ficaram pasmos de o não encontrarem em parte alguma. Ainda atordoados pela violência inesperada do estampido, eles correram para a porta aberta, com a idéia de que, sentindo-se ferido, ele se tivesse precipitado para fora. Mas Carson, que ia na frente, quase ao chegar ao vão da porta, deu cara a cara com o diretor, o senhor Lidgett.

Lidgett é um homem corpulento, irracional e que só tem um olho.

Os meninos dizem que o encontraram aos tropeços pela sala, vociferando algumas dessas amabilidades que os mestres de escola iracundos costumam empregar nas ocasiões em que é preciso restabelecer a ordem.

— Ruim desastrado!... onde está o senhor Plattner? disse ele.

Os meninos estão de acôrdo sobre as expressões. ("Emplastro", "plralho", "mandrião!") Eis os termos correntes de que se servia Lidgett).

Onde está o senhor Plattner? foi esta uma pergunta muitas vezes repetida durante alguns dos dias subsequentes. Dir-se-ia, na verdade, que a hipótese insensata "reduzido a pó" se tivesse, pelo menos uma vez, realizado. Não se via o mínimo vestígio de Plattner; nem uma gota de sangue, nem um pedaço da roupa. Evidentemente ele havia sido aniquilado pela explosão e não deixara após si o menor sinal; nem mesmo com que cobrir uma moeda de dez soldos, para empregar a locução proverbial! O seu total desaparecimento, em seguida à explosão, é um fato indubitável.

Não é necessário estender-nos aqui sobre a emoção que o acontecimento ocasionou na escola particular de Sussexville, em Sussexville, e em outras partes. E' bem possível que alguns dos nossos leitores se lembrem de ter ouvido contar, durante as férias do último verão, alguma versão indireta e vaga sobre esse fato sensacional. Parece que Lidgett fez tudo quanto dele dependia para abafar a história, para reduzir-lhe as proporções. Instituiu um castigo de 25 linhas para copiar a todo aquele de entre os alunos que mencionasse o nome de Plattner; além disso, ele declarou em plena aula

(Continua na pág. 52)

Conto de H. G. WELLS



Ilustração de ARMANDO PACHECO

de PLATTNER

MÚSICA

A ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA NA TEMPORADA DE 1947

N O final da temporada passada de mos um balanço nas atividades musicais, destacando, entre outras iniciativas dignas de apreço, a obra do maestro José Siqueira, na direção da Orquestra Sinfônica Brasileira, da qual faz parte aquele plano valioso de troca de regentes. Mandamos Szenkar, que podemos considerar um pouco nosso, Eleazar de Carvalho e o próprio José Siqueira aos Estados Unidos. E, por outro lado, recebemos aqui alguns dos maestros que encontramos no panorama musical americano, posições definitivas, tidas na estima do público e na admiração dos críticos. É evidente que nem todos os "importados" corresponderam à intenção que os trouxe, nem todos confirmaram, no contacto direto, aquelas excepcionais qualidades que sua fama trombeteava pelo mundo, impressionando os arrastais nativos.

A nossa atitude sempre foi de independência. Nem concebíamos o cargo de cronista musical sem essa condição indispensável. Em seu uso e gozo, temos atingido, não raro, interesses, vaidades, firmes convicções, que respeitamos, mas das quais nos reservamos o direito de discordar. Não é uma preocupação destrutiva. Muito pelo contrário. Nada mais grato do que empregar estas colunas no elogio, dando vazão a um sentimento, que conservamos, de admiração pelos talentos que nos parecem os mais marcantes, para as personalidades artísticas que impressionam, como é o caso do jovem pianista William Kappell, um nome desconhecido que soube despertar, desde o seu primeiro concerto, o entusiasmo da assistência.

Não esperávamos da Orquestra Sinfônica, num primeiro ensaio de permuta, uma lista perfeita, uma série de maestros que só contivesse figuras de primeira linha. De qualquer forma, tivemos, no desfile dos artistas-convidados, alguns que fizeram valer, sózinhos, a temporada inteira. Um exemplo disso que não nos cansaremos de citar foi Charles Munch, cujo triunfo, agora confirmado, com idêntico sucesso nos Estados Unidos, não será facilmente esquecido.

As decepções foram em menor número. E serão esquecidas. Eis que a Orquestra Sinfônica Brasileira, ainda sob a inspiração desse infatigável batalhador que é José Siqueira prepara um novo programa de realizações, uma nova série de regentes, que deverá vir este ano.

LISTA DE REGENTES

Um dos nomes que mereceu especial atenção, durante a recente temporada de carro de Téspis, foi o maestro Oliviero de Fabritius, da boa escola de Toscanini, que, dirigindo uma ópera, sempre valoriza cem por cento a partitura, mantendo, não obstante, o equilíbrio necessário para não se destacar demasiadamente, afogando os artistas, perdidos diante do brilho

Um balanço, uma lista e alguns sucessos — O regente do Carro de Téspis num concerto sinfônico — Eleazar de Carvalho, aos cuidados de Serge Koussevitzky — Jascha Horenstein e Yaroslav Krombholc, o russo e o tcheco — Perspetivas animadoras — A atividade do maestro José Siqueira.

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

de uma performance perfeita. Isso é tanto mais raro quanto se aplica não exatamente àquelas óperas em que a orquestra subitamente pulou do seu recanto escondido, em que "acompanhava" o canto, para uma posição proeminente, em Wagner, por exemplo. Foi no italianíssimo Verdi que Fabritius foi buscar, como Toscanini, um relevo por outros insuspeitado para a orquestra, detalhes que escapariam a um maestro mais distraído, menos seguro e menos escrupuloso.

que interpreta, guiado mais pela força de sua intuição do que pela construção minuciosa, pela análise demorada. Temos em Szenkar o protótipo do regente romântico. E se isso lhe sacrifica, às vezes, uma certa precisão no conjunto, nem sempre bem articulado, em contraposição lhe acrescenta as virtudes de suas próprias limitações, isto é, as qualidades inerentes à classe de maestro em que se encaixa. Preferindo, pessoalmente, a finura de um Munch ou a nitidez de um



O famoso maestro Serge Koussevitzky, apertando a mão do seu pupilo o maestro Eleazar de Carvalho, atualmente nos Estados Unidos, aprimorando os seus dotes de regente.

O maestro de Fabritius deverá nos aparecer, agora, contratado pela OSB, na plataforma dos concertos sinfônicos. Evidentemente, atacando outro gênero, é imprevisível, de uma maneira exata, a sua atuação. Porém, as qualidades já evidenciadas só nos levam a crer na sua vitória.

Eugen Szenkar também voltará. Já temos comentado, em outras ocasiões, a personalidade deste regente, que se afasta da meticulosidade de um Kleiber, vencendo mais pelo arrebatamento e pela sua maneira pessoal de render-se à obra

Kleiber, não podemos deixar de dar a Szenkar o que lhe cabe, no rol das realizações artísticas.

O maestro Eleazar de Carvalho nos pareceu, quando por aqui andava, um grande talento imaturo. Repetimos, em várias crônicas, essa observação insistentemente confirmada. Quando ele partiu para os Estados Unidos com o propósito que agora se evidencia de estudar, isto é, esquecer, por um momento, os primeiros triunfos fáceis de sua carreira, para correr o caminho laborioso da formação artística, também não deixamos de expri-

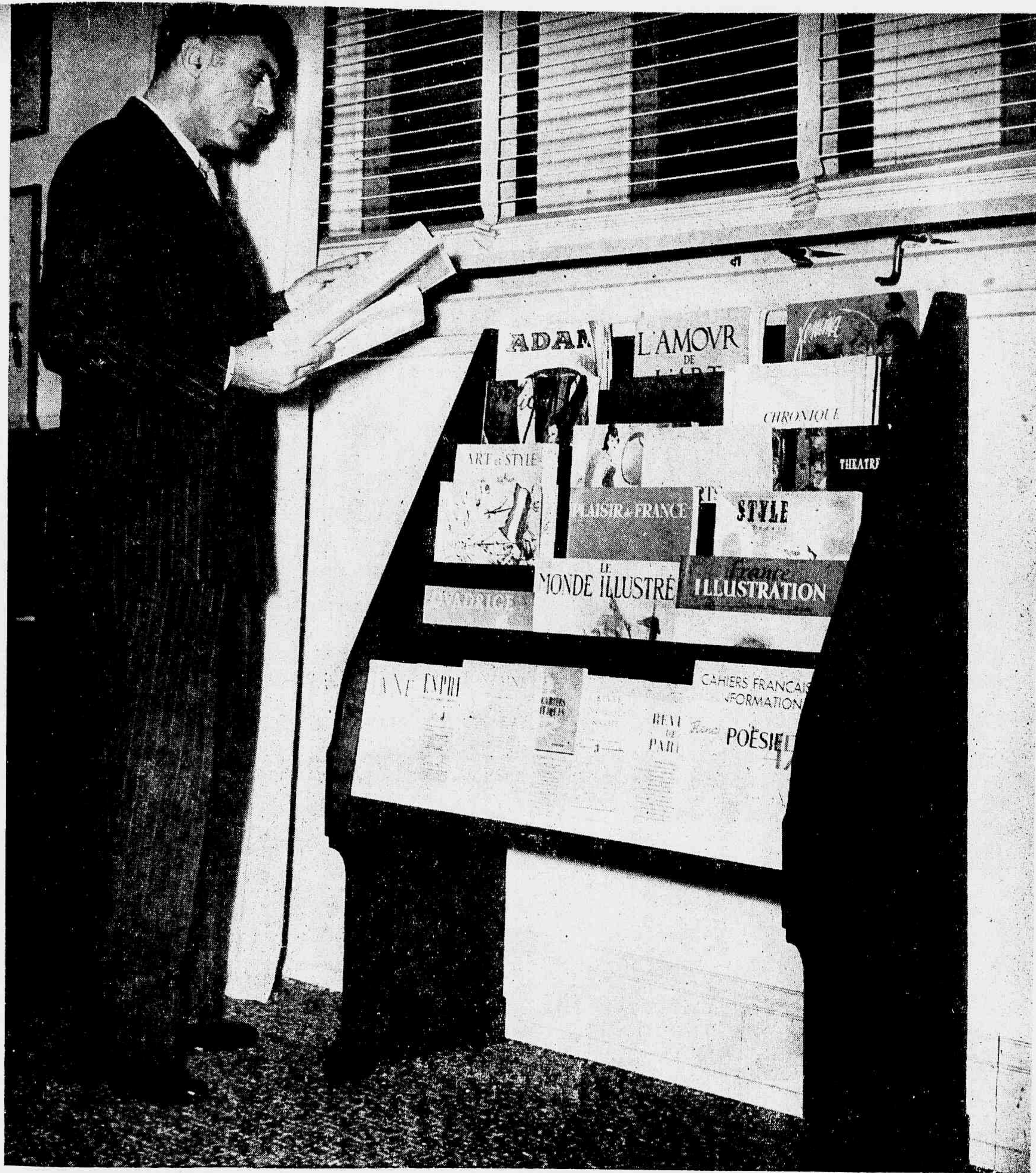
mir a nossa opinião de que ele era, antes de tudo, possuidor de dotes excepcionais, porém, de uma maneira geral, mal empregados. Da sua indiscutível capacidade intuitiva, da sua habilidade para aze-nhorear-se de alguns detalhes observados no procedimento dos melhores regentes, de tudo isso nada extrairíamos, caso ele não resolvesse entregar-se, com a humildade dos grandes, a um guia que o orientasse, desenvolvesse, nele, o que há de mais precioso, dominando, ao mesmo tempo, o seu temperamento impulsivo e, portanto, com uma tendência quase que irresistível à superficialidade, a deixar-se guiar mais pelo seu "faro" inato — com perdão da comparação — do que por uma segurança ao trilhar as partituras, segurança esta que só se adquire no convívio demorado, no estudo ininterrupto.

Eleazar de Carvalho deverá vir ao Rio este ano. O maestro Serge Koussevitzky, velho mestre a quem está entregue o destino artístico de Eleazar de Carvalho, por intervenção de Heitor Villa-Lobos, mandou ao maestro José Siqueira uma carta, em que cita os progressos realizados pelo aluno, e inclusive alude a concessões especiais feitas, em virtude dos dotes e das aptidões reveladas. Assim, podemos esperar Eleazar de Carvalho, confiantes em que não nos voltará o irrequieto compositor daquela lamentável "Sinfonia Branca" e sim um temperamento talhado para realizações mais importantes, depois de um processo de amadurecimento.

Visitar-nos-á, também, o maestro português Freitas Branco, do qual temos referências que o recomendam altamente à nossa estima. O professor Fernando Lopes Graça, um dos maiores valores da crítica musical portuguesa, ainda recentemente aludia ao mérito de Freitas Branco, não somente pelo que ele tem realizado, como regente, como igualmente por tudo o que, na qualidade de desbravador dos caminhos virgens da música moderna em Portugal, ele tem conquistado credenciais especialíssimas e uma posição à parte. No cenário da música portuguesa contemporânea, bastante pobre, Freitas Branco surge na qualidade de um precioso precursor de fecundos movimentos de renovação, reunindo em torno de sua figura os talentos jovens.

Jascha Horenstein, Yaroslav Krombholc, o primeiro russo e o segundo tcheco, criaram em torno de si uma expectativa favorável, com base nas informações recebidas a respeito de concertos na Europa e nos Estados Unidos.

Finalmente, teremos a volta de William Steinberg, que deixou ótima impressão, na temporada passada, um regente seguro e escrupuloso, dominando perfeitamente o conjunto valioso que é a OSB, que só precisa de um bom maestro para nos dar excelentes concertos. E bons maestros, em face das notícias que recebemos, não faltarão, este ano.



Charles Boyer folheia as mais recentes revistas francesas que lhe chegam para a Fundação de Pesquisas Francesas.

HOLLYWOOD, março - Tendo em mente o pensamento de que "a fidelidade na reprodução de uma região estrangeira e dos costumes típicos de seu povo é um fator de vital importância para a compreensão entre as nações" foi que Charles Boyer, o "astro" francês a serviço do bom cinema de Hollywood, resolveu instituir em 1940 a Fundação de Pesquisas Francesas. A finalidade dessa nova e útil instituição é desenvolver o gosto pela literatura, pela história, pela arte e pela ciência francesas nos Estados Unidos. A biblioteca pertencente à Fundação começou com 600 volumes, tirados das próprias estantes do iniciador dessa grande obra de alto valor social, que hoje conta nada menos de 15.000 livros, muitos dos quais em edições raras, focalizando quase todas as fases da cultura francesa.

— O meu desejo é auxiliar a qualquer pessoa que precise colher informações ver-

CHARLES BOYER

EMBAIXADOR GRATUITO A SERVIÇO DA FRANÇA

O intérprete de "Arco do Triunfo", hoje ultra-milionário, fundou e mantém a sua custa a Fundação de Pesquisas Francesas — Uma obra magnífica, de boa vontade e de patriotismo.

Por LUIS SERRANO

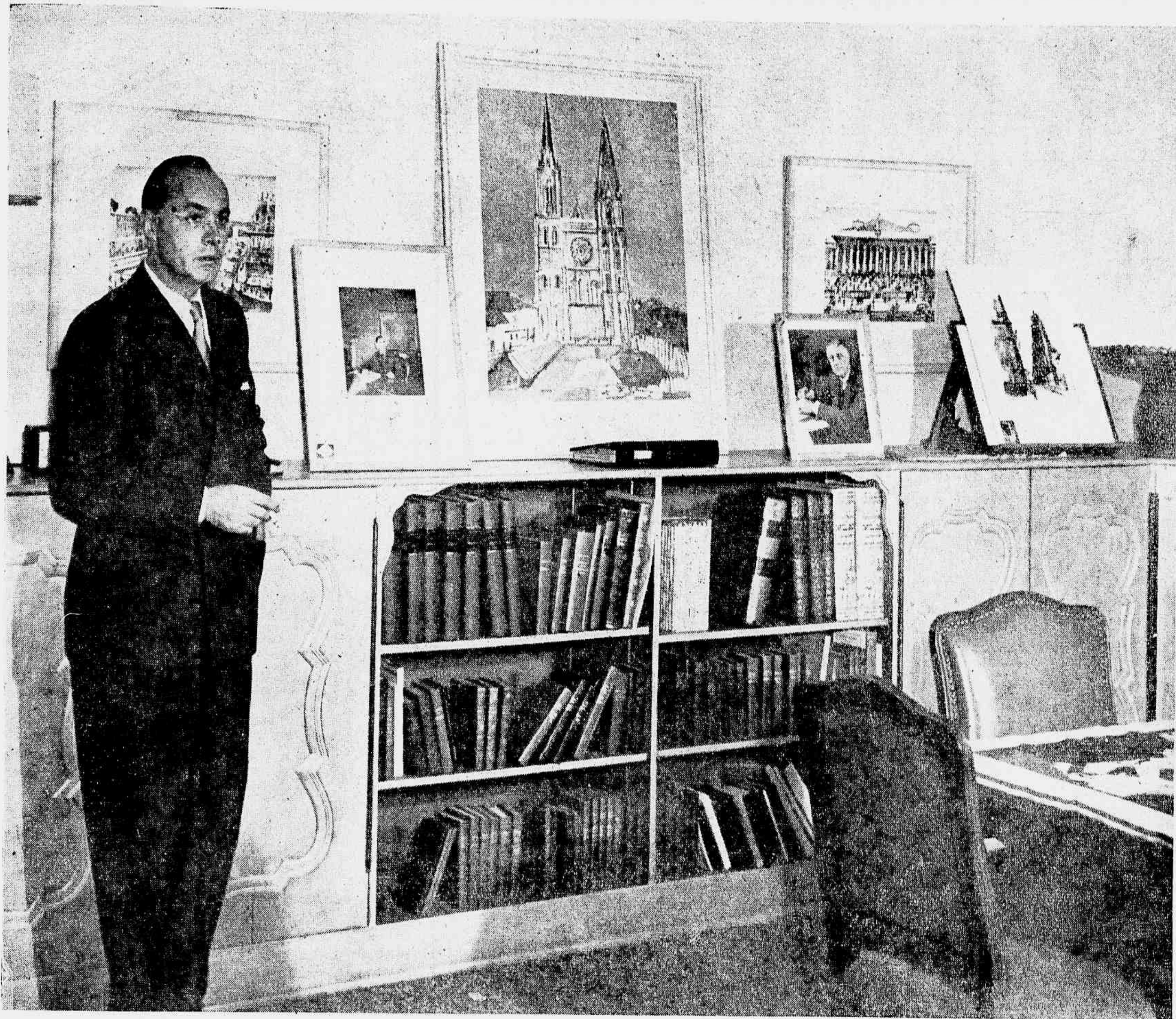
(Correspondente Especial da REVISTA DA SEMANA em Hollywood)

dadeiras e acuradas sobre o meu país — explicou-me Charles Boyer.

A Fundação de Pesquisas Francesas se encontra muito bem instalada num moderno e vasto edifício de dois andares. Os mó-

veis, muitos dos quais são reproduções de estilos provençais franceses, são confortáveis e de bom gosto artístico. A decoração da casa consta de ricos quadros de pintores famosos, bustos de bronze e mármore, autó-





Ao alto: Aspecto parcial do salão de leitura da Fundação de Pesquisas Francesas, instituição que teve como idealizador Charles Boyer, o qual aparece na foto. Em baixo: Uma rica edição de uma das maiores e melhores enciclopédias, pertencentes à Fundação de Pesquisas Francesas. Seu idealizador, Charles Boyer, está filmando atualmente "Arco do Triunfo", para a Enterprise, ao lado de Ingrid Bergman.

grafos de Guy de Maupassant, do General Lafayette, de George Sand e de outras personalidades de renome universal, os quais passarão mais tarde a fazer parte de uma galeria de arte que Charles Boyer pretende criar, anexa a um teatro. Grandes mapas da França ornaram o salão de leitura. Um mada-mundi também se encontra nessa dependência, mostrando as colônias americanas e francesas assinaladas com as cores vermelho e verde respectivamente. Fazem parte também da decoração do salão de leitura dois retratos: um do General Charles de Gaulle e o outro do saudoso presidente Roosevelt, ambos com dedicatórias autografadas a Charles Boyer.

Falando sobre as responsabilidades do cinema no pós-guerra, disse-me o "astro" francês:

— O cinema pertence a todos os idiomas e a todos os países do mundo. É universal. Em outras palavras: todos nós vivemos num mesmo planeta — e a indústria cinematográfica deve ter sempre em vista esta verdade. Não se esqueçam os produtores de todo o mundo de que o cinema pode contribuir de um modo definitivo para a paz universal e a compreensão entre os povos. Deve

ser mesmo o traço de união que deverá ligar harmonicamente todas as nações do mundo.

Depois, lembrando as atividades do cinema durante o período da guerra por que acabamos de passar, continuou Charles Boyer:

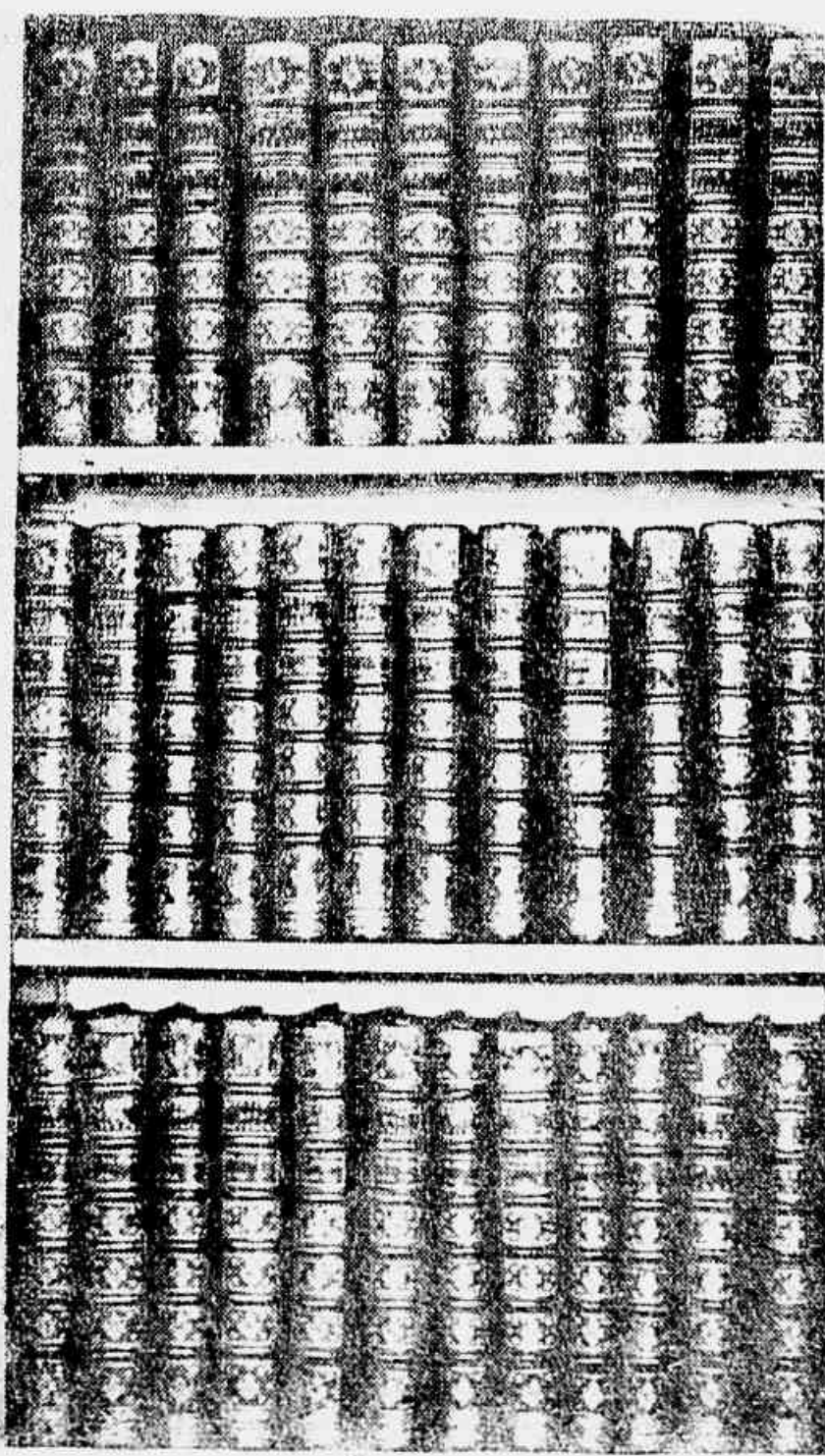
— Durante a guerra foram exibidos filmes documentários de valor, os quais impressionaram o público pela autenticidade e interesse vital. Entre outros quero citar aqui "Memphis Belle", "Fighting lady", "London can take it" e a série de películas informativas intitulada "Porque lutamos". E todas estas realizações no campo da cinematografia constituem verdadeiros documentos de uma humanidade afogada em sangue. Documentos completos e irrefutáveis em todos os seus detalhes. Autênticos em todos os seus aspectos. Nenhum erro de ordem técnica pode ser verificado nestas películas. Nenhum erro que venha diminuir o nosso interesse em ver a sua exibição.

Depois de uma pequena pausa, prosseguiu o "astro" com a sua palestra animada:

— Nestes anos que se seguiram ao término do último conflito mundial os produ-

(Continua na pág. 53)

Na página ao lado, ao alto: Charles Boyer, ao lado de nosso correspondente especial em Hollywood e de um cinematografista da Warner Brothers, por ocasião de uma entrevista concedida a REVISTA DA SEMANA nesse estúdio. Em baixo: Charles Boyer instituiu a Fundação de Pesquisas Francesas com o único fim de auxiliar aos estúdios na reprodução de paisagens, tipos e costumes franceses. Vemo-lo num flagrante ao lado da senhora C. Wilmarth, diretora da casa, e senhorita Jane Lawton, sua secretária particular.



GRANDJEAN FERREIRA

E S C R A G N O L L E D O R I A

JOÃO PAULO FALLIÈRE GRANDJEAN FERREIRA é nome destacado nos annos da nossa pintura. E' dado como nascido no Rio de Janeiro, no dia de Ano Bom, segundo Teodoro Braga na sua meritoria obra "Artistas e Pintores no Brasil", de valia para indicação de fontes informativas acerca daqueles artistas.

Desde o proprio nome em Grandjean Ferreira assinalava-se ascendência francesa paterna e materna, Fallière de um lado, Grandjean de Montigny do outro.

Grandjean Ferreira, na Academia Imperial das Belas Artes conheceu por mestre Corrêa Lima, sucessor de Debret na aula de pintura histórica, acabando Grandjean por preterir a obtenção do prêmio de viagem à Europa ou mais exatamente à Itália para onde mandados os alunos da Academia tidos por dignos daquela recompensa de aperfeiçoamento e estudos artísticos.

Desde 1842, o diretor da Academia e dela professor pugnavam sem cessar pela criação dos prêmios de viagem cujo valor na Europa bem conhecia Felix Emilio Taunay desejoso de vê-los criados no Brasil. Sabia Taunay quão útil a principiantes de mérito era uma excursão de permanência em grande centro de arte qual a Itália desde séculos.

Insistindo, insistindo, Felix Taunay arrancou a criação do prêmio em 1845, fixado em triênio o prazo de estadia na Europa.

Mercê da tenacidade do seu diretor, teimando no proveitoso a terceiros, foram sucessivamente recebendo prêmios de viagem, Baptista da Rocha, Elisio Pamphiro, Pessoa de Gusmão e Antonio Nery.

Em 1849 tocou vez de pensionato a Grandjean Ferreira, de alegria partilhada pelo avô Grandjean de Montigny tão mestre de Arquitetura na Academia.

Premiado, no calor de vinte e seis anos de idade, avaliando Europa, até pelo sangue, Grandjean Ferreira sem dúvida exultou em 1849 ao receber o quinto pensionato acadêmico.

Ir à Itália, que senão acordado! Contemplar de perto tudo quanto, século a século, tudo quanto o gênio, o talento de mestres incomparáveis haviam acumulado em privilegiada terra latina!

Nada mais grato é ao investigador de passado não repetir ou afirmar no ar, prazer de muitos. Auxiliem-nos a

lugir disto o próprio Grandjean Ferreira dirigindo-se por carta particular a Felix Emilio Taunay que para ele, como para demais, tanto concorrera para o ambicionado prêmio de viagem.

A 21 de outubro de 1851, de Veneza, Grandjean Ferreira escrevia ao seu estimado diretor.

Dizia-lhe ter enviado à Academia, a 4 de agosto, a cópia da "Virgem do Foligno" de Rafael.

Cumprindo exigência de pensionato, a 11 de outubro expedida para o Brasil uma composição, "Christo no Jardim das Oliveiras".

Declarava Grandjean a Taunay: "Pintei este quadro com muito prazer e vontade de merecer a aprovação da Congregação da Academia, pedindo a V. Ex. a crítica dos defeitos que se notem no quadro para que eu não venha a cair nos mesmos erros".

Estou agora em Veneza, a cidade poética, simpática, a pátria da cor. Tinha sempre vontade de vêr esta mágica cidade, como diz o vate (Garrett) a cidade gentil. Creio impossível sonhar coisa mais linda e formosa, a laguna a refletir os palácios e a bordada como uma renda, as barcas com velas e as gôndolas deslizando ligeiras dão vida particular à cidade, às vezes parecendo mover-se.

O céu he (sic) mais bello que o de Nápoles e de Roma e o mar he brilhante e argentino. A frente de São Marcos de forma tam (sic) graciosa, he de côr maravilhosa; os mármores, os mosaicos, os vidros da basilica são de todas as cores em doce harmonia quando o transmontar do sol sobre S. Marcos produz o efeito de outro sol a deitar-se.

A galeria e as igrejas são ricas de belas pinturas de Tintoretto, Veronese, Ticiano, Bellini, etc. Que prazer para mim vaguear no meio de todas essas belezas, estudando rodeado de tais exemplos.

Sinto muito a felicidade que gozo e recorde com reconhecimento a Congregação da Academia cuja benevolência me permitiu o que gozo.

Sentime-hei feliz se puder retribuir em proveito de minha pátria o bem que dela recebi.

Trabalho — ao artista escapou escrever "lavoro" em vez de trabalho — com prazer e coragem, empregando o tempo do melhor modo possível, levando daqui a maior recordação que puder.

Faço esboço nas galerias, nas igrejas, desenho nas ruas e quando o fôro não me der licença de sair principiarei um pequeno quadro de composição.

Se Deus quiser espero mostrar à Congregação muitas provas do meu labor.

A Academia de Veneza, onde se acha também o Museu, de tão liberal quanto possível. Assim que se pede licença para trabalhar na Academia logo se pode executar o quadro que se deseja, todos se mostrando desejosos de prestar serviços.

A Escola é organizada por seus alunos e tam bem que nada deixa a desejar.

No mês de janeiro pretendo ir a Florença. Compreendo bem a admiração da Itália que me incutiu meu bom Avô. He a terra das bellas artes por excelência e de quanta variedade e belleza são ellas todas.

Vivesse ainda o Snr. Grandjean, que tanto ensinava, como é pungente a morte, posso dizê-lo a V. Ex., tam amigo do Snr. Grandjean e tam dedicado, sendo para mim um alívio relembra a V. Ex. a saudosa memoria do seu amigo.

Pego a V. Ex. a apresentação, a seus dignos colegas, dos meus cumprimentos respeitosos e afetuosos, lembrando-me particularmente a meu mestre o Sr. Lima".

Terminando carta, Grandjean de Ferreira pedia a Taunay que aceitasse protestos de distinta consideração e respeitosa amizade.

Atendendo aos termos da missiva dizendo respeito aos sentimentos do pensionista de homenagem à Congregação da Academia ao conhecimento desta sem dúvida Taunay levou a carta particular de Grandjean de Ferreira ao conhecimento da Congregação da Academia.

Teria Grandjean dirigido a seu diretor outras cartas externando impressões sobre cidades de arte por ele visitadas, entre elas sobretudo Roma e Florença? A carta de Veneza justifica curiosidade. E', porém, aviso de prudência contentar-se cada um com o que possui sem desejar mais.

A carta de Veneza mostra Grandjean enamorado da cidade, cativo de sua laguna, de suas barcas, de suas gôndolas, das suas ruas lambidas de água, de suas igrejas ornamentadas por um Ticiano, um Tintoretto, um Veronese. Que mestres em lições mudas para a admiração e proveito de Grandjean, a solicitar e obter prorrogação de seu tempo de bem aproveitado pensionato, prorrogado por um biênio.

Biografando com esmero carinhoso a Grandjean de Montigny, Morales de Los Rios Filho avivou a memória de Grandjean Ferreira, a assinar-se Grandjean de Ferreira como fez na carta a Taunay.

Nesta prometera Grandjean Ferreira mostrar-se reconhecido à Academia. Não podia esquecê-la, material e artisticamente a ela para sempre ligada a memória do avô materno falecido quando o neto na Europa.

"Minha pátria", disse Grandjean Ferreira referindo-se ao Brasil, lembrado por Morales de Los Rios haver Grandjean Ferreira tirado no Museu de Madrid cópia da cópia do retrato de Mauricio de Nassau existente em Haia.

Valer-se-ia Varnhagem da cópia para ilustração de sua "História Geral do Brasil", o historiador agradecendo o obsequio "ao ilustre pintor fluminense", fluminense valendo então o mesmo que carioca.

Nos seus aproveitados tempos de pensionato apreciara em pintura o gênero alegórico tão do gosto de um Ticiano que nanagenário ainda tinha vista e pulso para celebrar numa alegoria a vitória de Lepanto.

Com uma composição alegórica, exaltadora da Arquitetura, da Escultura e da Pintura, ornou Grandjean Ferreira a sala da Biblioteca, sala reputada nobre, na Academia Imperial das Belas Artes.

Em 1938 se houve por mal demolir o edifício da Academia na augusta e histórica travessa das Belas Artes. Conforme Morales de Los Rios, os painéis da sala da Biblioteca foram por milagre parar em nova Escola de Belas Artes, milagres as preservações de passado, no Brasil voraz de apagar tudo quanto represente seus tempos idos mesmo gloriosos.

A composição alegórica foi destinada a ornar parede depois de ornar teto, ficando de novo numa biblioteca: a da Escola das Belas Artes na Avenida Rio Branco, moradora em condomínio com um Museu até que um dia, a uma cabeça de governo acuda por acaso a idéia de quanto recomenda um país a boa instalação de seus tesouros de arte.

Vista de Veneza, cidade do grande enlevo do pintor Grandjean Ferreira



ÉPOCA — 1519, cento e um anos antes da chegada do "Mayflower" a Plymouth.

Lugar — Cidade do México, capital do reino dos aztecas.

México, a Veneza do Novo Mundo. Construída sobre uma ilha, no meio do lago Tezcuco, era uma jóia no seio do Vale Fértil, a dois mil metros acima do nível do mar. Os canais que cortavam as suas ruas coloridas eram cruzados por pontes de pedra, e neles era intenso o trânsito de gôndolas que transportavam gêneros para o mercado. Neste, os aco- modados aztecas, vestidos com suas túnicas de algodão, faziam um próspero comércio de milho, legumes e cevada, produtos de caça, peixes, frutas, mel e pão de milho, barras de chocolate e pães de sal, mantos de plumas escarlates e couraças de algodão acolchoado, vasos de cobre, especiarias e incenso, brincos, ornamentos para o nariz e para os lábios, e, acima de tudo, ouro — placas de ouro sólido, sacos de ouro em pó, escudos de ouro, pratos, braceletes e porta-jóias de ouro resplendente, primorosamente cingulados.

Tenochtitlan — nome azteca do México — era um dos países mais ricos do mundo. Seus jardins flutuantes — grandes balsas de flores cultivadas — transformavam o lago Tezcuco num enorme turbilhão de incenso vivo. Suas pirâmides, monumentos, fortalezas e fontes eram obras duma raça que atingira elevado grau de civilização. O mais curioso de todos os edifícios era o grande templo, no centro da cidade. Rodeava-o um muro quadrado, ornado de figuras de serpentes. Nesse muro havia quatro portões de bronze, cada um dos quais dava para uma das principais avenidas da cidade. Constituído em forma de pirâmide, o templo estava dividido em cinco pavimentos e tinha exteriormente uma escada em espiral, de modo que nos dias de sacrifícios a turba podia ver a procissão dos sacerdotes dando voltas sucessivas ao redor do templo até alcançar o cimo, onde havia um enorme altar ladeado por dois ídolos. Neste altar ardia um fogo que nunca se deixava apagar. Devia estar sempre pronto para receber sacrifícios humanos.

Porque eram uma raça selvagem, esses civilizados aztecas. Assim como as selvagens raças civilizadas dos nossos dias, eles acreditavam em matar seres humanos afim de atingir a meta da sua ambição. Não só, como as raças brancas de agora, matavam uns aos outros na guerra, como também queimavam homens e mulheres nos altares dos templos. Entre os aztecas, a vida não tinha grande valor. Conta-se que numa dessas cerimônias religiosas foram queimadas nada menos de vinte mil vítimas humanas no templo da Cidade do México.

Junto ao altar, no último andar do templo, estava o grande tambor feito de peles de serpentes. Este instrumento era ouvido em todas as ocasiões solenes. Produzia um som soturno e plangente que infundia terror nos corações do povo.

A voz do tambor era a voz do rei. Quem quer que lhe ouvisse as ordens devia obedecer imediatamente. Era o rei dos aztecas um chefe grande e poderoso. Seu palácio era a maravilha dos sete reinos de Tenochtitlan. Estava situado em frente ao templo — um edifício irregular, de granito polido, tão vasto que "se um homem caminhasse por ele até ficar exausto, só teria visto uma parte do palácio". Paredes forradas de tapeçarias, pavimentos incrustados de pedras preciosas, pátios adornados com colunatas de pórfiro e jaspe, mesas de cedro aromático e banheiras, fontes e leitos de ouro lavrado — tal era o palácio de Montezuma, rei dos aztecas.

Nunca um soberano dos aztecas reinara com tanto esplendor. Seiscentos fidalgos e damas do seu serviço pessoal aguardavam-lhe as ordens na antecâmara. Quem quer que tivesse acesso à sua presença era obrigado a descalçar os sapatos e vestir por cima das roupas uma túnica de tecido grosseiro, como sinal de extrema humildade. Devia então prostrar-se três vezes diante do rei, tratando-o primeiro por "Senhor", depois por "Meu Senhor", e finalmente por "Grande Senhor".

Montezuma mudava de roupa quatro vezes por dia, e nunca usava duas vezes o mesmo traje. Embora tivesse uma vasta

A VIDA DE MONTEZUMA

(1466 - 1520)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

comitiva de belas esposas e concubinas malas, sempre almoçava só. Colocavam ao redor dele um biombo de tecido de ouro, para que nenhum olhar curioso pudesse espreitar as refeições do rei. Era tão metódico em seus hábitos que se desfazia dos pratos, assim como das roupas, depois de usados uma vez.

Quando sua liteira real era carregada pelas ruas da cidade todos eram obrigados a ficar imóveis, com os olhos fixos no chão.

Além do palácio, Montezuma tinha grande número de vivendas de campo, florestas para caçadas e sítios de recreio. Uma das suas predileções era um aviário em que tinham sido reunidas todas as variedades de pássaros canoros, bem como todas as espécies de aves de rapina. Dizia-se que estas últimas eram diârinamente alimentadas com quenhentos perús.

Como os monarcas absolutos da Ásia e da Europa — embora nunca tivesse ouvido falar deles — Montezuma julgava que todos os seres vivos, tantos homens como animais, haviam sido criados especialmente para seu gozo pessoal. Contudo, no seu caráter bárbaro havia um belo toque de brandura. Tinha maneiras encantadoras e era extremamente generoso. Um dos preceitos do código de ética dos aztecas era a liberdade, e Montezuma fora educado estritamente de acordo com os princípios morais do seu país. Era magnífico em suas dádivas aos ricos e pródigo nas esmolas aos pobres. E, como resultado, foi um dos reis mais populares da história de Tenochtitlan.

★

Mas, a despeito de tudo isso, Montezuma era um príncipe infeliz. Porque estranhos presságios se haviam manifestado ultimamente no México. Um dia, sem tremor de terra ou qualquer outra causa

aparente, o lago Tezcuco subitamente se agitara; as águas, transbordando das margens, inundaram a cidade e destruíram muitos edifícios. Outra vez, a torre do grande templo se incendiara misteriosamente e todos os esforços para salvá-la foram baldados. Em três ocasiões diferentes tinham-se visto bolas de fogo na parte oriental do céu, e ouvira-se o ribombar do trovão num firmamento sem nuvens.

Que poderiam significar esses sinais? Teriam alguma relação com a profecia de Quetzalcoatl, o Grande Deus Barbado, o deus branco que havia muitos, muitos anos se fizera de vela no mar oriental e nunca mais fora visto? Quetzalcoatl tinha profetizado que havia de regressar um dia, num futuro distante. Estaria próximo esse dia? E deviam aqueles fenômenos ser interpretados como prenúncio de sua segunda vida?

Assim, pelo menos, julgavam os astrólogos. Quetzalcoatl estava para voltar. E ia trazer para o México uma nova raça de homens, brancos como ele. Homens cruéis, que, com o trovão nas mãos, atacariam o reino de Tenochtitlan. E assim, com o coração cheio de terror, Montezuma aguardava o regresso de Quetzalcoatl. Sacrificou muitos homens e mulheres a Mexitli, o deus da guerra, pedindo-lhe que protegesse os aztecas contra os estranhos homens brancos que vinham do oriente — os homens que carregavam o trovão nas mãos.

★

Naturalmente, não havia nada de milagroso na predição dos astrólogos quanto à vinda dos homens brancos. Tinham chegado ao México vagos rumores do descobrimento de Colombo, da expedição de Balboa e da escaramuça entre Diego, filho de Colombo, e os nativos do Yucatan. Um ataque de homens-deuses barba-

dos, que vinham em enormes canoas de asas brancas, trazendo consigo estranhos animais chamados porcos, cavalos e galinhas. Homens que levavam nas mãos um bastão de ferro donde jorrava o trovão e a morte.

E agora, em 1519, os rumores se tornaram mais numerosos e menos vagos. Quetzalcoatl estava por fim na terra dos aztecas. Chegara com onze navios e uma enorme multidão de homens — na realidade eram apenas quinhentos e cinquenta, mas o número aumentava ao passar de boca em boca. Homens brancos com barbas negras, que avançavam, marchando e combatendo, através dos países aztecas. Alguns vinham montados em estranhos animais de quatro pés, velozes como o vento, destruindo todas as plantações que encontravam. Houve uma batalha em Tabasco, outra em Cempoalla, uma terceira em Tlascala; e por toda parte os homens brancos, com os seus mortíferos bastões trovejantes e os espantosos cavalos, espalhavam a morte e o terror entre os nativos. E não era de admirar, pois à sua frente vinha o Deus Branco, Quetzalcoatl. Mas agora usava um nome diferente — Hernando Cortez.

De quando em quando chegavam a Montezuma notícias do avanço de Cortez. e o rei ficava a tremer no seu palácio.

— Que quer ele de nós? — perguntou a um dos mensageiros.

— Duas coisas — respondeu o mensageiro. — Destruir os nossos deuses e levar o nosso ouro.

Efetivamente, com a perversa mentalidade da época, Cortez tinha um duplo intento ao conquistar o México. Estava igualmente ansioso por salvar a alma dos aztecas e por roubar-lhes o que traziam sobre o corpo. Seu zelo de missionário era, pelo que sabemos, tão ardente quanto o desejo de ganho pessoal. E podemos calcular quão ardente era este por uma conversação que teve com um dos chefes tributários dos aztecas.

— Por que — perguntou o azteca — tanto apeteceis a riqueza de Montezuma?

— Nós, os espanhóis — tornou Cortez, — sofremos duma enfermidade do coração, para a qual o ouro é o único remédio.

Montezuma, ao saber dessa fome de ouro de Cortez, procurou livrar-se dele por meio de presentes. Enviou-lhe uma dádiva magnífica — duas cargas de finos trajes de algodão, vários mantos de penas bordadas e um cesto de vime cheio de adornos de ouro.

— O rei — disse o mensageiro, — pede que aceiteis esta oferta e volteis para o vosso país natal.

Cortez tomou o presente, contemplou com avidez os objetos de ouro e continuou a marchar para a capital.

Montezuma, que apesar de tudo ainda alimentava alguma esperança, mandou-lhe um segundo e mais esplêndido presente. Cortez mal pôde conter-se quando, sobre os ricos tapetes estendidos no chão, trinta escravos expuseram as suas cargas de objetos preciosos — magníficas vestimentas; colares e braceletes de prata; penachos de plumas brilhantes; animais esculpidos em metal precioso, primorosamente trabalhados; um enorme prato redondo de ouro, "tão grande quanto uma roda de carro"; e um elmo cheio, até à borda, de ouro em pó.

— Aceitai este presente do meu rei — disse o embaixador. — Podeis permanecer nas suas praias até ficardes repousados da vossa viagem. Mas não deveis visitar a capital, pois o caminho é íngreme e duro, e passa pelos países dos inimigos do rei. Não arrisqueis as vidas dos vossos homens; fidei aqui algum tempo, e depois voltai para a vossa pátria.

Mas Cortez, tendo recebido tão resplandecente amostra da opulência de Montezuma, não pensava em voltar. Pelo contrário, estava decidido a apossar-se de todas aquelas riquezas.

— Esta generosa dádiva — disse o embaixador, — ainda mais me estimula o desejo de conhecer o vosso rei e agradecer-lhe pessoalmente.

O embaixador regressou ao México e comunicou a triste nova a Montezuma. O hóspede não convidado recusava retirar-se. A profecia de Quetzalcoatl cumprira-se.

★

Como um furacão que se aproxima, assim avançava o bando devastador de Cortez. (Continua na pág. 50)



MONTEZUMA, O ÚLTIMO REI DOS AZTECAS.

*Uma tradicional
firma de Belem
do Pará
representará
com exclusividade
no Rio
os caminhões GMC,
da General Motors.
Pessoas presentes
ao ato de
inauguração
do modelar
estabelecimento*



A fachada da Importadora de Ferragens S. A., cuja inauguração no Rio de Janeiro dota a capital da República das mais modernas instalações para venda e assistência técnica a caminhões e ônibus.

Inaugura-se no Rio **IMPORTADORA DE**

INAUGUROU-SE no Distrito Federal a Importadora de Ferragens S. A., filial da firma do mesmo nome que há vários anos opera na capital do Estado do Pará. Tendo adquirido no Norte do país uma tradição de eficiência e idoneidade em to-

dos os seus negócios, o que hoje constitui um patrimônio da organização, a Importadora de Ferragens S. A. vem agora para o Rio de Janeiro, para aqui aplicar toda a experiência colhida através de sua operosidade.

Entretanto, a instalação de nova casa na cidade carioca não significa apenas uma ampliação dos negócios da firma: ela deu ao Rio, com as magníficas instalações montadas à rua São Luis Gonzaga, 145, em São Cristóvão, um estabelecimento modelar no que diz respeito a vendas, reparos e assistência aos caminhões e ônibus G.M.C., da General Motors, que representa no Rio.



Uma vista dos escritórios da firma, na parte superior do imponente edifício.



O amplo salão de exposição de caminhões e ônibus GMC, da General Motors, que a Importadora de Ferragens S. A. representa no Rio com exclusividade.



Rio a DE FERRAGENS S.A.



Os dirigentes da Importadora de Ferragens S. A., senhores Luiz Nunes Direito e Antonio Velho, que levaram avante o notável empreendimento de construir instalações modelares para a venda e reparos de caminhões e ônibus.

Na fotografia vêm-se os dirigentes da Importadora de Ferragens S. A. e da General Motors que compareceram ao ato inaugural. Entre outros, os senhores Luiz Direito, J. Trinchero, gerente de ônibus e caminhões da G. M., E. G. Poxon, diretor-gerente da G. M., George Harrington, gerente geral da Região Pan-Americana da General Motors, Antonio Velho, J. C. Fouse, gerente geral de vendas da G. M., S. Cornacchionni e H. Nogueira.



Os convidados para o ato inaugural, no momento em que o senhor Luiz Direito fazia a saudação.



Hoje, essas instalações podem ser consideradas o que há de mais moderno no Brasil, no gênero.

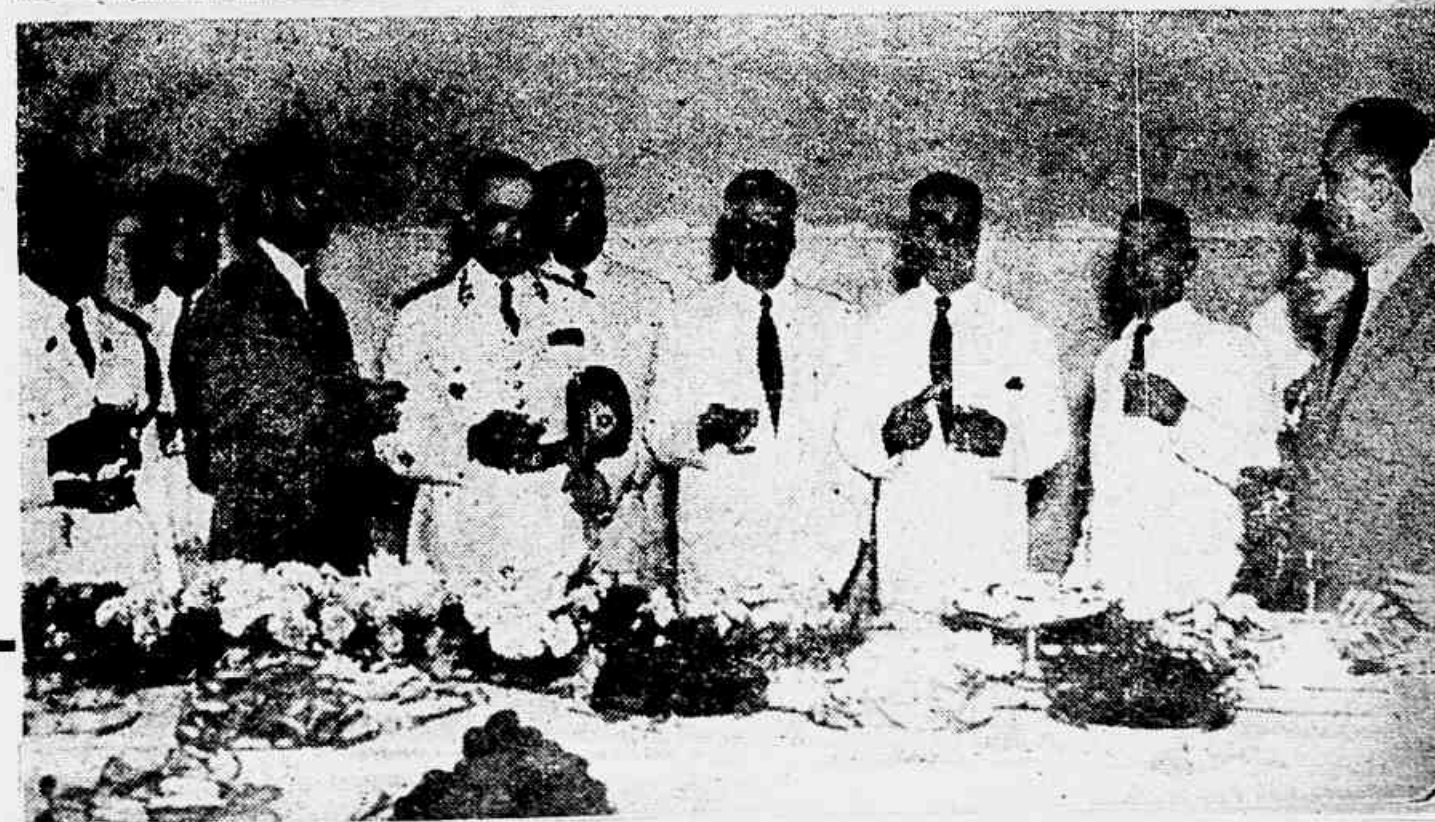
A Importadora de Ferragens S. A. está habilitada, graças às suas moderníssimas instalações e aparelhagens, a prestar inteira assistência aos transportadores rodoviários. Conta com técnicos especializados em tudo que diga respeito a caminhões e ônibus G. M. C. em toda a série de 226 modelos de veículos. Os seus escritórios estão prontos a atender a quaisquer planos que digam respeito ao transporte rodoviário, e fornecer aos transportadores a sua experiência nesse ramo de negócios. As fotografias desta página, tomadas por ocasião da inauguração do novo estabelecimento, evidenciam o cuidado técnico com que foram planejadas e executadas as instalações, nos seus mínimos detalhes.



Grupo de convidados feito durante a inauguração da Importadora de Ferragens S. A.



Flagrante quando se fazia o brinde com champanhe, vendo-se entre outros, os senhores generais Milton de Freitas Almeida e Firmo Freire, George Harrington, deputado Lameira Bittencourt e João Botelho.





ORLANDO
MATTO

OS TRÊS REIS MAGOS

I — Cabo

Miquelina, gordinha e baixa como um bule de chá, tem trinta anos e um desgosto único na vida, que é o de morrer solteira. Está de pé às cinco horas, pega a vassoura, entra na fila da carne, passa o café, lava a louça, lava a roupa, varre outra vez, como ontem e todos os dias, sempre a mesma coisa; e a patrão ralhando, a patrão ralhando. Garbosos praças de cavalaria a bater as esporas na calçada não passam mais olhando as janelas: Miquelina está feia e gasta — tem trinta anos, meu Deus do céu!

A patrão granfina, a quem é uma boneca sem coração, eis que Miquelina chora porque não vai passear com a Zulmira, manda-a chorar no quarto, porque:

— Simplesmente, não suporta cenas de gentinha...

Miquelina uma parte da casa, como uma cadeira ou um tapete!

Miquelina não vai ao circo, dizem que o palhaço é tão gozado, não vai ao Passeio Público ver os macaquinhos comer banana, não vai ao cine República ver "O nascimento, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo". Ela não pensa muito nas coisas para não cansar a cabeça; julga-se linda no seu espelho portátil (brinde das Lojas Americanas) e aceita a vida como a chuva que cai do céu.

Hoje, por exemplo, Miquelina varre a casa, cantarolando um sambinha do novo carnaval; um dia igual aos outros, ela amaneceu assim, as fontes transbordantes de amor, num ímpeto de beijar crianças e enfeitar a casa toda de glicineas brancas e azuis.

Ela sabe que há vestidos de veludo?

Ela não sabe e aos domingos, à tarde, quando o serviço está feito, vai à igreja rezar à Virgem Maria que lhe mande um noivo, por favor! porque o primeiro pé de galinha foi o primeiro aviso; mas Deus sabe que Miquelina existe?

Miquelina, gordinha e baixa como um bule de chá, em noite de luar, passeando pelas ruas com a Zulmira, sentiu o seu coração rolar do peito e partir-se em três pedaços sangrentos na calçada — qual um prato de louça que lhe escapou das mãos... Um príncipe encantado, gentil em seu cavalo branco, de bandolim ao peito, baixou das nuvens docemente cantando, assim o Orlando Silva quando canta:

*São oito horas,
Maria querida,
são oito horas
e o sol já raiou...*

O seu sonho prometido tomou vulto humano, apeou-se do cavalo, retiniu as esporas e se apresentou marcial, em continência galante:

— Cabo Augusto dos Prazeres, do 3º RAM às suas ordens, senhorita...

Miquelina, com uma rosa florindo no peito, pensou de repente como tinha podido viver trinta anos, sem saber que no mundo também há os cabos Augustos dos Prazeres...

II — Circo.

Era um cabo como outro qualquer, mas para Miquelina era príncipe encantado de seus sonhos.

Augusto falava tão lindo e difícil que, às vezes, até não sabia bem o que ele queria

lhe dizer; garboso e dono de si, os dois galões na manga dando importância de general, ele falava, superior, das coisas da vida e de um mundo — com salário mínimo, vestidos de veludo... E que também tinha lugar para uma casinha branca, de cortinas verdes, com que Miquelina adormecia sonhando.

De início, morria de pudor em lhe deixar pegar na mão:

— Tem gente, Gusto... Podem ver, homem!

Era só de vergonha da sua mão calosa, sem unhas pintadas.

— Bobinha...

Ele disse e lhe beijou a ponta dos dedos, como fazem os galãs de cinema mudo e a pobre moça deixou que as lágrimas rolassem pelo rosto, assim a chuva que escorre por uma vidraça. Ele a levou ao circo, uma vez. A porta do pavilhão fervilhava de gente que não ia entrar; luzes, a charanga tocando "Valência", vaga ruidosa da soldadesca em folga, tilintando as esporas e cheios da insolência de quem vai para a guerra; as mesas no meio fio, com velhas de mil anos servindo café e bolinhos fritos... Chegavam duas negrinhas, uma gorda e bonita e outra, feia e magra, rindo-se muito ao porteiro; um cafajeste, encostado de mãos no bolso à parede, disse uma gracinha. A gorda sorriu e a magra se voltou e uivou, arreganhando os dentes:

— Vá dizer isso pra mãe...

Miquelina passou, soberba como uma rainha, por essa gentinha sem olhar; num banco da geral, Miquelina olha olha e olha: o circo é um conto de fadas, em que ela é a fada. O povo, a bandinha, os palhaços de cara pintada seu homem que lhe cingiu o braço em redor da cintura, com gesto de posse — o mundo é sempre maior e mais deslumbrante do que a gente pensa... Os palhaços cabrioleiam um deles chama o outro de "gigolô" e o circo rebenta na gargalhada; o cabo Augusto dos Prazeres lhe apertou com força a cintura, a cochichar baixinho no ouvido, o bafo quente a arrepiando de prazer:

— Você me deixa louco, Mirinha...

E ela, sob o espanto do baleiro, dizendo "ó! a bala, ó!...", levantou-lhe uns olhos doces de cadela no cio.

A saída do espetáculo (voltem na próxima semana!). Augusto pôs cara triste de mocinha que foi ao baile e não dansou nenhuma vez e sua voz soou de maguada queixa:

— Eu vou pra Itália, Mirinha... Não sei se volto, você sabe.

Miquelina pensou no seu homem morto, morto, morto, uma bala no meio da testa, não disse nada e foram andando até o fim da rua, abraçados e indecisos iguais a dois bêbados, lá onde as retas paralelas se encontram e há um foquinho vermelho na frente de uma casa sem número.

III — Bambino.

Miquelina teve um filho. O milagre do espírito santo repetiu-se aos olhos da humanidade preta na sua danação, mas os ho-

mens passam olhando as pontas dos pés e ninguém parece ter nada com isso.

Esfumou-se o vulto lírico do cabo Augusto dos Prazeres na legenda, lá no fim do mundo, onde a um filho se chama de "bambino". A esta hora, a guerra estalando sobre a sua cabeça, o moço deve ter um medo louco de morrer; será que ele sabe que tem um bambino?

Miquelina sentiu pavor, arrancou os cabelos, foi ler a sorte numa bruxa, chorou que nem criança que tem medo do escuro; depois, encomendou missa às almas do purgatório e disse a Zulmira que ia beber que-rosene, cabeça de fósforo e gasosa... Zulmira, porque nunca teve um filho, ainda assim ficou cheia de inveja da outra. Quando veio a hora da anunciação, baixou sobre Miquelina a música de serafins tocando harpas nos dedos mui doces e ela soube que era a semente dos novos tempos, Miquelina teve o filho.

Agora está na janela, detrás da vidraça, sua criança no colo, enquanto o jovem e robusto Augustinho (já pesa 3 quilos e 800 gramas!) abria os olhos para as cores do mundo, deslumbrado como um pinto que sai da casca.

Transeuntes passam, a fitar pontas de pés, não indagando que dia é hoje. Hoje é sexta-feira? É que é preciso ir ao emprego, ganhar dinheiro, ficar rico e poder mandar nos outros. Hoje é segunda e o estudante de filosofia, que acordou tarde e está de mau humor, não sorriu à mocinha que sorriu a ele; será que sabem do cabo Augusto dos Prazeres, soldado expedicionário, que teve um bambino?

Miquelina, imóvel à janela, exhibe ao mundo o fruto de seu pecado.

A lousa negra defronte a quitanda de seu Elias grita em letras brancas: "Ovos.... dz. Cr\$ 12,00 — Só hoje!". Os três reis magos, por ordem Gaspar, Melchior e Baltazar foram, com o incenso, a mirra e o ouro, comprar ovos (dz. Cr\$ 12,00 — Só hoje) e não viram Miquelina com o bambino ao colo, que nem uma iluminura no livro das horas do sr. Bispo.

Corre a gente raivosa na rua, com pressa de chegar na hora, gesticulando e apertando a carteira no bolso de medo dos gatunos e não sabe que um milagre aconteceu outra vez. Dois homens estão danados entre si, porque um não tem as mesmas idéias que o outro um operário espera um bonde que nunca chega, mulher de preto chorando em frente ao altar da igreja, o bambino abre os braços e sorri ao dia de hoje.

Deus existe para a hora da morte e, portanto, ninguém parece ter nada com isso. É preciso não perder um minuto de vida, há audiência marcada em palácio, é preciso comprar ovos (dz. Cr\$ 12,00 — Só hoje!), é preciso ler um romance de M. Dely, é preciso ir ao cinema (oh! Ingrid Bergman...), é preciso operar a apendicite, é preciso comprar uma gravata borboleta: Miquelina pendeu a cabeça de rosa mística sobre o seu bambino e também pensa que é preciso. É preciso acender uma vela à Virgem Maria para que o soldado combatente, cabo Augusto dos Prazeres, do 3º RAM, às suas ordens, senhorita, não morra desta bala que traz o seu nome. Por favor! meu Deus (morto, morto, morto, um número em operações de guerra...) do céu, deixa que ele viva para ver o filho primeiro...

(Continua na pág. 54)

Conto de DALTON TREVISAN
Ilustração de ORLANDO MATTOS

Premiado no Concurso Permanente da REVISTA DA SEMANA



DEVE A ALEM CARVÃO A

O Ruhr e o drama da Europa — Aspectos c
nica — Escassês de alimentos e diminuição
prato nacional que Hitler deu de presente

Por FERNAND F

Da França, Pres
(Fotos da Keystone, de Londres)
REVISTA DA SEMANA

ESSEN, março — Estamos escrevendo da zona carbonífera alemã, o Ruhr, de onde as indústrias germânicas têm a maior parte de sua vitalidade e, também, do seu poder de destruição. O Ruhr, que se acha hoje sob o controle aliado, interessa grandemente à França, por diversas razões, de ordem econômica, como de ordem política. A França sempre dependeu da importação de carvão estrangeiro, pois as suas reservas não lhe bastam. O consumo é grande demais para que possam ser suficientes. A Inglaterra era, antes, um dos principais fornecedores de carvão à França, mas com as suas próprias dificuldades internas, não tem podido exportar o referido produto na medida desejada. Assim, a França tem apelado, ultimamente, até mesmo para os Estados Unidos. Entretanto, está às portas da França uma das maiores bacias carboníferas do mundo. Foi esse o reservatório que suprimiu de carvão, durante quase cinco anos, a máquina de guerra de Hitler, proporcionando-lhe o combustível necessário à sua marcha implacável. Os franceses procl

O problema da alimentação na Alemanha é premente, mas as rações da mais alta categoria. Apesar disso, a produção de cereais, suas rações ou as dividem com parentes que têm quotas de alimentos. As caminhadas são reduzidas a dez minutos, antes das refeições. sacrificam as rações dos pais. Em cima, à direita: as crianças alemãs recebem do Governo Militar um suprimento diário em sua alimentação. grande antecipação aos locais de distribuição da sopa, ficando com duas de dois a seis anos, no Ruhr, estão recebendo ajuda da Cruz Vermelha e bolachas, num dos refeitórios que mantém; ao centro, — se o prato nacional, como mostra o flagrante, em que aparece a mãe alemã, da geração contemporânea da ditadura de Hitler. Ele p como esta se nutrem da generosidade da Cruz Vermelha.



EMANHA DAR A FRANÇA?

Aspectos atuais da zona carbonífera germânica — diminuição da produção — Sopa aguada, o de presente aos seus néscios seguidores...

BERNARD FIZAINÉ

Da França, Prosse
stone, de Londres. Exclusividade de
A DA SEMANA no Brasil).

a carbonífera germânica, que está em concordância com a lógica e com o espírito de justiça que o carvão do Ruhr possa servir, agora à obra de reconstrução da Europa, assim como serviu à obra de sua destruição.

MINEIROS QUE BATERAM "RECORD" DE PRODUÇÃO

Os mineiros do Ruhr são capazes de um grande esforço, porque a verdade é que, em 1943, correspondendo a um apelo do "feld-marechal" Goering, — que se suicidou em Nuremberg como é sabido, — bateram um verdadeiro "record" de extração de carvão. Se eles forneceram o máximo para a guerra, é natural que deles se exija que produzam também o máximo para a paz e a reconstrução. No entanto, o que se verifica é que, enquanto a extração do carvão na França é hoje aumentada de 106% sobre a época anterior à guerra, a produção carbonífera do Ruhr é apenas de 45% da mesma produção. No Sarre, onde as condições do carvão francês mais se assemelham às do

mente, mas os mineiros, pela natureza do seu trabalho, percebem a produção decresce, alegando-se que os mineiros fazem comércio com têm quotas de alimentos mais escassas. Em cima, à esquerda: as ar em correntes, nem mesmo caminhar muito, para não gastarem energia. Antes das refeições. Quando brincam, ficam esfomeadas e geralmente feita: as 5.000 crianças de Dortmund, um dos centros do Ruhr, obtiveram sua alimentação, consistindo numa sopa. As crianças chegam com da sopa, ficando longo tempo à espera. Em baixo, à esquerda: crianças da ajuda da Cruz Vermelha Sueca, que presentemente lhes fornece uma; ao centro, — se não é substancial, a sopa quente e aguada é hoje ue aparece mineiros e empregados de fábricas; à direita, uma pequena de Hitler. Ele prometia o mundo à juventude alemã e hoje crianças de da Cruz Vermelha Sueca e das nações aliadas.





A colheita este ano, na zona sob o controle britânico, no Ruhr, significa tudo para muitos milhões de alemães. A Inglaterra não pode fazer mais sacrifícios de comida em favor de seus antigos inimigos e os alemães chegaram à conclusão de que terão de se esforçar, lavrando o solo e cuidando eles próprios de prover o seu sustento. A gravura mostra um camponês alemão semeando um campo.



carvão do Ruhr, os engenheiros da França conseguiram um aumento de produção correspondente a 67%. Alguma coisa, portanto, está se passando na bacia reno-vestfaliana. Foi isso que me levou a ir investigar a situação atual do Ruhr.

O CONTROLE DO CARVÃO ALEMÃO

O serviço de controle do carvão alemão, — o North German Coal Control, — está instalado em Essen, na suntuosa Via Huegel que serviu de domicílio à orgulhosa e riquíssima família Krupp. No grande "hall", trabalham os oficiais da Comissão de Controle Britânica, sob o olhar duro do marechal Hindenburg, cuja efígie faz "pendant" com uma efígie de Alfred Krupp, fundador da dinastia dos reis da aço da Alemanha. Instintivamente procuramos o lugar onde devia existir o retrato de Adolf Hitler. Um imenso quadro de família, do gênero "fotografia a óleo", mostra vários membros da dinastia Krupp agrupados em torno de Bertha Krupp, a mulher que deu nome a um canhão famoso, o "Grande Bertha", da guerra 1914-1918, e de seu marido, Von Boehlen und Halbach. O senhor Collins, o administrador inglês, com quem conversei preocupa-se, antes de mais nada, com a mão de obra. O Ruhr em 1936, contava 337.000 mineiros, que extraíam diariamente 442.000 toneladas de carvão. O pináculo da produção foi como já notei em 1943, quando 400.000 homens (dos quais metade era constituída de prisioneiros de guerra e de deportados), com um volume correspondente a 448.000 toneladas diárias. Hoje, o número desses trabalhadores se limita a 205.000 e a produção decaiu para apenas 198.000 toneladas. O absentismo assume as proporções de uma praga, pois atinge mais ou menos a 20% do efetivo total dos mineiros.

— Com mais 100.000 trabalhadores, — diz o senhor Collins — o problema do Ruhr estaria resolvido. A produção poderia ser elevada a 350.000 ou mesmo 375.000 toneladas diárias. E note-se que não exijo mineiros treinados, mas apenas trabalhadores ordinários. Entretanto, o caso não é tão simples assim, porque...

MAIS GENTE PARA ALOJAR, VESTIR E ALIMENTAR...

O senhor Collins continua a explicar. Essen foi uma das zonas mais bombardeadas pelos aliados, que mortali-

Estes gêmeos aqui aparecem, à espera da sopa que o Governo Militar Aliado permitiu à Cruz Vermelha Sueca que fosse servida, em caráter "extra", às 52.000 crianças de Dortmund, no Ruhr. Na página à direita, dois mineiros do Ruhr, fazendo uma refeição do prato nacional, — a sopa. A isto foi reduzida a Alemanha pelos sonhos loucos de Hitler.





A criação de carneiros vem dando ajuda real ao combate à fome na Alemanha. E' preciso, entretanto, uma vigilância para que os carneiros não desapareçam. O Governo Militar só permite a venda de dois de cada vez, a agricultores, para criação ou engorda.

mente alvejaram o coração industrial da Alemanha agressiva e arrogante.

— Mais cem mil homens representariam maior produção, mas seriam também mais pessoas para alimentar, vestir e calçar. Seriam necessários também mais instrumentos de trabalho, mais vagonetes, mais locomotivas, etc. Ora, para fabricar o material de construção, como para fabricar as ferramentas, os tecidos, os sapatos, e para reparar as locomotivas e vagoneiros, é necessário, antes de tudo, recorrer ao carvão... Não temos mais carvão, porque precisamos de mais gente. Mas, para ter mais gente, é preciso ter mais carvão...

Para fazer cessar esse círculo vicioso, que constitui o problema do carvão do Ruhr, os alemães encontraram um meio muito fácil e muito simplista: impedir totalmente a exportação de carvão do Ruhr. Assim, esse carvão alimentaria apenas a indústria e os lares alemães. Mas a retenção alemã é considerada chocante e até imoral, especialmente na França. Como pode a Alemanha ficar egoisticamente com todo o carvão do Ruhr, para reaparelhar as suas indústrias, em detrimento dos países que desgraçou cujo progresso, com suas destruições e atos deshumanos, estardou por mais de meio século? Isso seria um benefício apenas para os agressores contumazes das nações pacíficas. O que, entretanto, não impediu que um jornalista inglês, Victor Gollancz, no "New Statesman and Nation", sugerisse que fosse posta em prática, em benefício da Alemanha, o que chamou de "moralória do carvão".

O RUHR SEMPRE FOI O NERVO DA GUERRA

E' preciso, entretanto, que não se esqueça que antes da guerra, era a França o principal importador de carvão do Ruhr. Agora, mais do que nunca, é necessário que o abastecimento volte às suas condições normais.

O Ruhr sempre foi o nervo da guerra, o arsenal germânico, no tempo de Hitler, como no de Guilherme II. Ali foram forjadas as armas da agressão. E agora ali devem ser forjadas as armas da paz européia. Os nomes das jazidas de carvão do Ruhr são, — é interessante notar, — nomes pacíficos, sem nenhuma destinação guerreira. Por exemplo: O Roseiral, A Felicidade de Carolina, A Fonte do Rei, A Lua Cheia, O Bom e Alegre Sol da Manhã. Uma outra se chama "Boa Esperança". E outra, ainda, tem um nome simbólico: "Concórdia".

DIFICULDADES ALIMENTARES, ETC...

Uma das dificuldades maiores do Ruhr é a alimentação. A dieta do mineiro está fixada em 3.274 calorias e, para os que trabalham no subsolo, na parte mais profunda das minas, em 3.966 calorias. Para impedir que a maior parte dessas rações seja desviada em proveito de suas famílias, os repastos quotidianos lhes são servidos no próprio local do trabalho, constando de um litro de sopa gorda e dois sanduiches de carne. Esses sanduiches devem ser de dimensões respeitáveis. Além disso, o mineiro recebe cartões especiais de carne, de manteiga e de margari-

na, além de um litro de conhaque por mês e de uma ração dupla de cigarros. Mau grado as precauções das autoridades, para que essas rações sejam consumidas pelos próprios mineiros, tem sido impossível impedir que alguns deles dissimulem uma boa parte, afim de levá-la para a mulher e os filhos, quando não são estes que vão ao encontro deles, à boca da mina, nas horas das refeições. Outros, os solteiros, às vezes se privam de alguma coisa, para fazer um pequeno câmbio-negro e para satisfazer pequenas fantasias pessoais. O problema da residência está sendo resolvido por meio de casas pré-fabricadas, que os alemães apelidaram, ironicamente, de "casas de cachorros". Realmente, é pouco para os que sonhavam dominar o mundo e habitar em palácios, nas colônias que Hitler lhes prometia. Um problema curioso é o da desnazificação. No Ruhr a desnazificação tem sido uma pilhéria. Para começar, o expediente burocrático, o papelório inútil, foi imenso. Os questionários organizados constavam de 133 perguntas. Os alemães troçavam, até, falando de um "Reich Milenário", que constaria de doze anos de hitlerismo e de 988 anos de desnazificação. No Ruhr, julgaram mais prático, encerrar as investigações e dar as minas como completamente desnazificadas... Convém notar que, nas províncias reno-vestfalianas, em 690.000 processos, houve 190 mil indivíduos privados de emprego e 8.000 internamentos administrativos. Aqui estão alguns dos aspectos atuais do Ruhr, observados na minha visita, a serviço da reportagem da France-Presse.

Em baixo, à esquerda: Uma freira católica, Irmã Vigilantia, serve sopa às crianças protegidas pela Cruz Vermelha Sueca; ao centro, um alemão típico do Ruhr, Herr Gustav Wagner, chefe dos bombeiros de Ewald Fortetzung Mine, uma das grandes jazidas de carvão germanicas; e à direita, crianças alemãs à espera da hora da sopa.



NOS BASTIDORES FEMININOS

DEVEMOS dar valor aos nossos afetos e aos nossos carinhos. Ser firmes quando amamos, alguém. Ser honestas e sinceras para com os outros e para com a nossa própria pessoa. Uma amiga pode nos ser muito querida, porque compartilha das nossas idéias, porque frequenta a nossa mesma sociedade, porque tem os nossos mesmos costumes, a nossa mesma moral, os nossos mesmos gostos. Demonstramo-lhe, a todo o instante, o quanto a queremos. Porém, se um dia essa amiga cair num erro porque deixar de querê-la? Porque deixar que ela se entregue, só à sua dor, se, é exatamente nessa ocasião que ela mais precisa do nosso afeto?

Se já a amávamos, devemos continuar amando-a apesar do seu erro, apesar da sua infelicidade, apesar de já não continuar ela brilhando como antes. Existem casos muito numerosos de moças ricas que se tornam pobres e que então deixam de contar com o amor e a amizade daquelas que a queriam ou pelo menos diziam querê-la enquanto era rica e tinha alguma coisa para oferecer-lhes.

Um afeto assim não tem valor algum. É uma amizade de conveniência que cessa logo que as vantagens desaparecem. Não é digno da mulher um amor assim... É por isso que devemos valorizar os nossos sentimentos. É por isso que devemos ser constantes fiéis, ainda que as pessoas a quem amamos sejam afetadas por alguma desgraça.

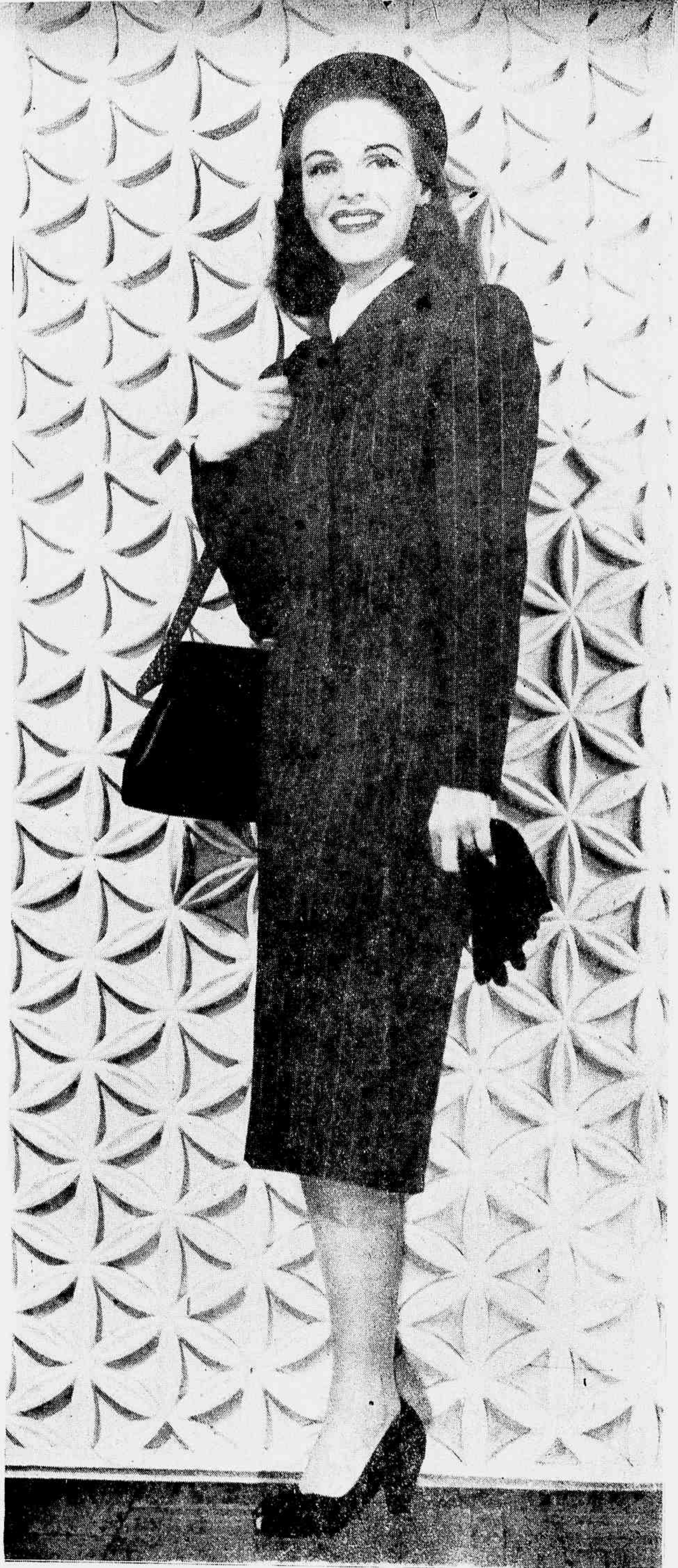
Se algum dia, uma nossa amiga, verdadeira amiga, cair num charco, estendamos a mão para salvá-la, ajudemos a pô-la de pé, a limpar as manchas da lama, porque, não há, para o coração sincero, a puro, alegria maior do que proteger e salvar o objeto dos seus amores. E cada vez que encontramos uma nossa amiga no chão, lembremos de que também ali poderíamos estar. Essa atitude é muito mais própria da mulher, muito mais humana do que a de comentar e ridicularizar a quem antes enaltecíamos, aprofundando ainda mais, com a nossa maldade, a ferida que poderíamos ter ajudado a fechar.

KITTY



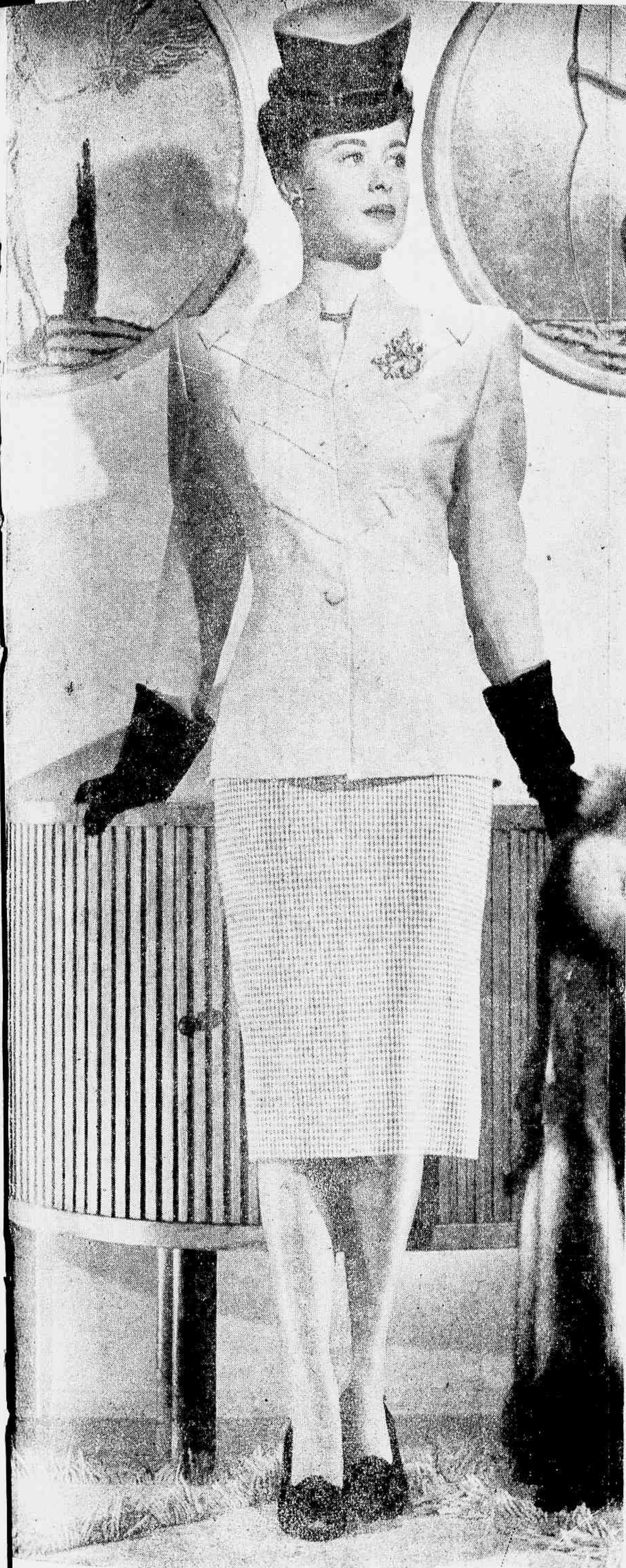
Betty Hutton a "loura incendiária" da Paramount não é apenas uma estrela famosa de Hollywood, é também uma perita cozinheira e quando os trabalhos o permitem, ela própria gosta de cozinhar os seus quitutes. Aqui a vemos preparando uma succulenta galinha ao molho pardo para o seu esposo, o Dr. Paul Brikmann.





N ESTAS páginas vocês encontrarão as últimas novidades em modelos para meia-estação vindos de Hollywood, para realçar a beleza da mulher brasileira. À esquerda: Uma das mais elegantes "estrelas" do cinema, Merle Oberon aqui está no seu simples e distinto "duas-peças" de lã cinza, casaco sem gola, aberto até quase a cintura, com aplicações nos ombros e nos bolsos. Blusa de seda branca com gola re-

CINCO NOVOS MODELOS



...anda. E agora: Yvone de Carlo, também da Universal, num modelo de lã azul claro, mangas japonesas três quartos, gola alta dupla. A seguir temos: Vera Zaina, "estrela" Universal, num elegante "tailleur" de lã azul marinho com listras brancas. O casaco também alto, com transparência também. Para completar, botas azul marinho, bolsa à mão, sapatos e luvas também da mesma cor do "tailleur". Delicioso este conjunto que

Helen Walker, da Fox, nos apresenta. A saia, é em tecido quadriculado preto e branco e o casaco é cinzento. Talhe alto, pequeno decote em "V". Muito originais as setas aplicadas no casaco. Marguerite Chapman, da Colúmbia, exibe um modelo prático, de muita graça e elegância. É de fina lã preta, mangas compridas com a frente da blusa em camurça verde claro. Botões cobertos. Lapela bastante larga.

PARA A PROXIMA TEMPORADA



Os chapéus pequenos sempre tiveram o seu "público"... De fato, constituem uma encantadora moldura a um rosto bonito, mas os aconselhamos, principalmente às que tenham rosto oval, como o de Joan Winfield, da Warner Bros., que aparece aqui em lindas sugestões. Nesta página, apresentamos: Para um jantar elegante, a encantadora "estrela" da Warner Bros., de palha

CHAPÉUS PEQUENOS

brilhante preta, enfeitado com cetim e véu também pretos. Na página à direita, ao alto: Para "cocktail", Joan usa este modelo de "crinoline" preta, formando gomos. Laços rosa formam uma sombra bastante sugestiva. "Breton" de fina palha branca, com véu

preto e enfeite de gorgurão preto. Mesmo com "tailleur" de lã, Joan prefere usar o seu "breton" de palha. Em baixo: Este é um modelinho ligeiro, também "breton", em palha inglesa preta, com enfeites de "gros-grain" branco e véu preto. Finalmente, para terminar, Joan apresenta este modelo muito "chic", branco, enfeitado com galão de cores diversas e véu cinza claro.



IDA LUPINO

RECEBE PARA JANTAR

ESSA curiosa e talentosa "estrela", é tida como uma das mulheres mais elegantes de Hollywood. A famosa "estrela" da Warner Bros., apresenta às nossas leitoras dois modelos do seu guarda-roupa particular, próprios para receber em casa para jantar. À esquerda: Com saia preta drapeada dos lados e na frente, formando ligeira cauda atrás. Ida Lupino usa uma blusa de seda branca com mangas compridas, gola alta, e pequenos laços na frente. Observem o interessante "movimento" que é obtido com os drapeados da saia. Em baixo: O segundo modelo é de lã cinzenta, decote profundo em "V", com largas lapelas. Na cintura e nos quadris, bem como nas mangas, enfile de galões bordados a prata.





Está perto o inverno e, portanto, vamos desde já pensando no que devemos fazer. De Paris nos vem estes dois elegantíssimos modelos que aqui apresentamos: à esquerda: de Robert Piquet. Modelo em lã preta, blusa lisa, gola alta, mangas japonesas. A saia é originalíssima, com o seu avental que faz a volta ao corpo, encurtando mais e mais abo-
 toando do lado direito. À direita: "Duas-pegas" de lã quadriculada, cinzenta e branca. O casaco tem bolsos salientes.
 Uma grande "escharpe" com franjas dá uma nota "chic" à essa "tollée".

VAI FAZER FRIO

de Paris



Modelo de shantung. Blusa colante, com duas correiras de botões. Saia de linhas modernas, franzida, com pequena tosse na cintura

★

Vestido de linho simples, com decote oval. Ao centro, uma interessante pala com quatro botões. A saia é franzida só na frente.

★

Vestido de seda assimétrico. Cinto e laço de laqué.



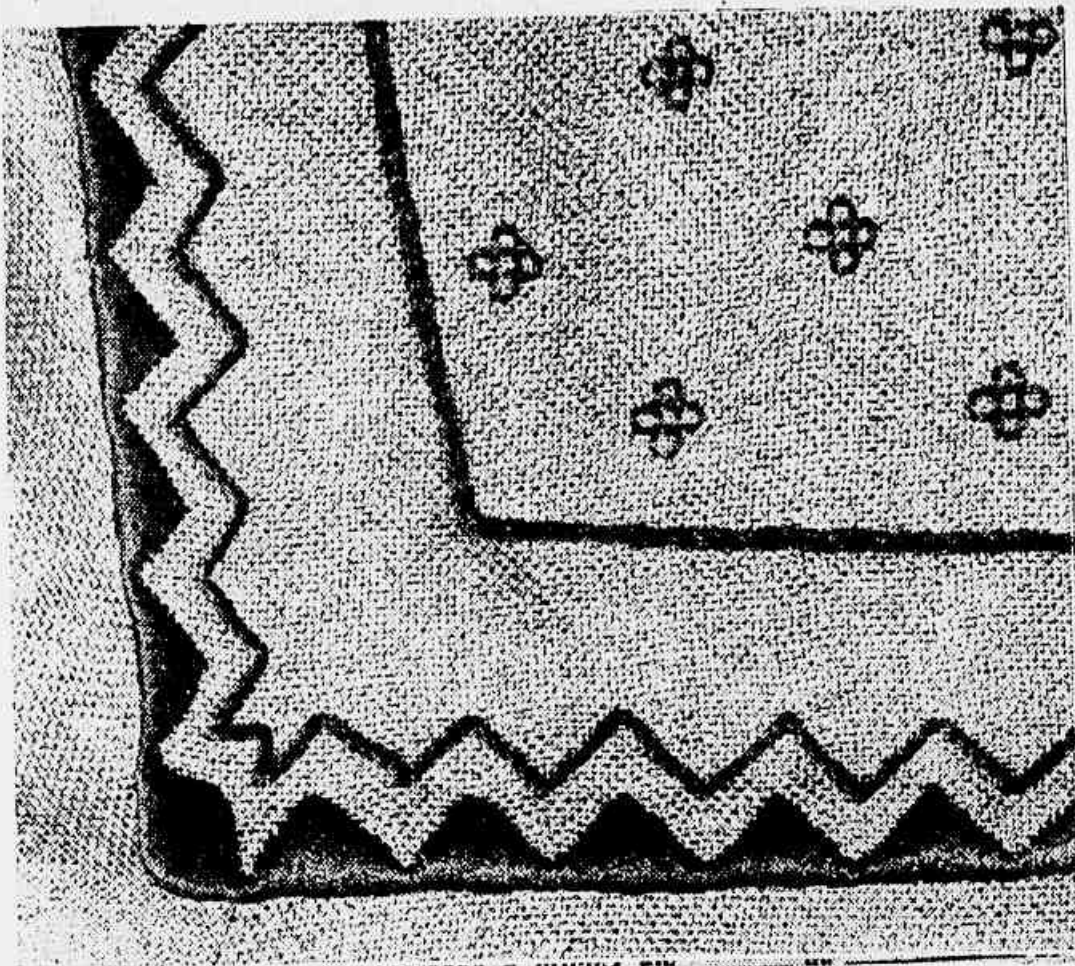
Vestido preto de seda maleável,
guarnecido de branco. Drapeado
nos quadris.



Vestido d'apres-midi: Decote qua-
drado. Mangas duplas. Saia fran-
jada na frente.



Vestido de tecido listrado. Na blu-
sa pala com botões. Mangas três-
quartos.



TRABALHOS MANUAIS

VESTIDO DE LÃ BORDADO (2152)

Material necessário:

Linha Mouliné (Stranded Cotton) marca "Ancora".

6 meadas de F579 (Marron Médio) ou outra cor desejada.

(Usar seis fios de linha).

Fazer o vestido com uma pala ou então fazer a pala separada. 1 agulha Milward "Crewel" nº 5.

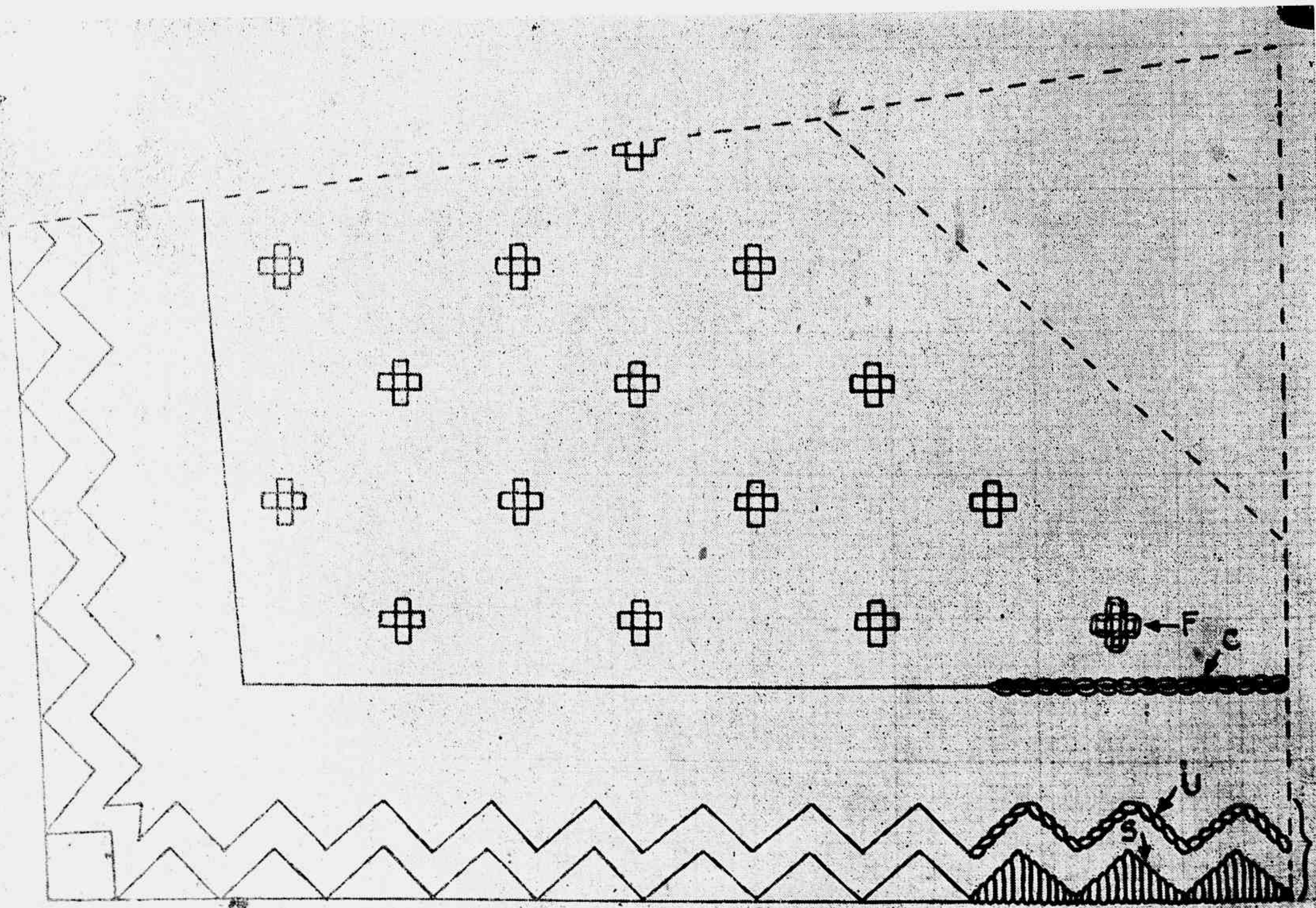


Traçar o desenho na pala de conformidade com o modelo fotográfico. Na manga deve-se traçar somente a cercadura do desenho.

Seguir o diagrama para os pontos empregados. As letras no diagrama representam os pontos usados e são como segue:

F — ponto de quadrinhos; U — ponto de haste; C — ponto cadeia; S — ponta cheio.

Passar bem o bordado pelo avesso.



YVONNE DeCARLO...

DELICIOSO CONJUNTO DE ARREBATAMENTOS SELVAGENS E
DE FEMININA DOÇURA...
NA HISTÓRIA DE UMA ESTRANHA JOVEM...
E DO HOMEM QUE ERA SEU DESTINO!

Salome
YVONNE DE CARLO
ROD CAMERON

em



"ERA SEU DESTINO"

("THE LADY OBJECTS")

em **TECNICOLOR**

PALPITANTE DE AÇÃO...
DE INTENSIDADE...
DE EMOÇÕES!

Produção
FESSIER-PAGANO

Direção de
CHARLES LAMONT




e **BEVERLY
SIMMONS**

com

ANDY DEVINE FUZZY KNIGHT SHELDON LEONARD ANDREW TOMBES

O Sineiro da Taquara

GERALDO
ALATTO



TAQUARA era o tipo da povoação sem interesse. Só mesmo no inverno a gente poderia morar ali. Vacas leiteiras não faltavam. Bom campo, bom pasto. Depois, não era tão frio como na Serra. As pessoas fracas do peito davam-se bem. Os reumáticos não se queixavam. Por isso é que meu tio Zeca descia todos os anos, quando as águas engrossavam. Descia com a mulher, meio entrevada, os dois filhos, e uma negra. Tio Zeca sempre fora considerado um cabeça de vento. Homem que não tinha juízo direito, que não respeitava ninguém, que chegava a ser odiado pelas suas loucuras. Diziam que desgraçava moças, iludindo-as com presentes, com porcarias de quitanda, se valendo da fome das pobres para chamá-las nos peitos. Ou, quando elas entortavam caminho, fazia violência, dava pancada, dominava pelo terror. E o resultado era o mesmo. A família socegou, quando tio Zeca resolveu casar. O malucão agora vai criar juízo, pensaram todos. Qual, o quê! Ficou pior do que antes. Deu tanto desgosto à mulher, envergonhou tanto a pobre, que ela acabou ficando entrevada para o resto da vida. Para quem vivia daquele geito, tanto fazia Taquara como qualquer outro lugar. Não tinha gosto para nada. Da sala de visitas, dando para a praça pequenina, coberta de capim, onde pastavam bois, carneiros e cavalos, sua vista é que passeava lá longe pelas campinas, pelos lugares que ela em pessoa não poderia correr. De um lado, a paisagem arrematava num alto serrote azulado, o Serrote do Diabo, assim chamado devido ao ronco, aos estampidos subterrâneos que se ouviam em suas imediações. Para a gente do lugar aquilo eram tripas do Diabo que estavam roncando. Em frente, o casario irregular, um teto de telha, outro de palha, a igreja de Nossa Senhora das Mercês, o lugar de matar gado. Sem nunca sair de casa, a mulher do tio Zeca controlava, da sua janela, a vida de toda a povoação. A mulher do seu Mamede, por exemplo, só se banhava duas vezes por semana. Era fácil anotar quando ela saía, com a criada, a caminho do Jaibara. E falando-se no rio, falava-se em tudo, porque essa coisa refinada, com água caindo de chuveiros no telhado, ou jorrando no fundo de banheiras, ali não existia, era invenção de inglês. Sabia tudo, realmente. Mesmo porque havia pouca coisa que saber. A vida ali era um nada. As mulheres cuidavam dos filhos. Os maridos jogavam gamão, damas, firo, vispora ou bisca. As crianças vadiavam à toa montadas em carneiros ou em poldrinhos. E os vaqueiros tomavam conta do gado. Tiravam o leite, curavam as bicheiras, faziam a matança. E os novilhos e os pais-de-chiqueiro, os cavalos, os barrões e os carneiros inteiros, com suas fêmeas, faziam a prosperidade geral. Era tudo. E tudo

Conto de R. MAGALHÃES JUNIOR



isso, não tinha interesse para ninguém. Nem mesmo para uma entrevada, como aquela. Muito menos para tio Zeca, que começou a sondar terreno, a preparar aventuras. Quanto maior a cidade, mais fácil o adultério, mais alastrada a corrupção. Não é moral que estou fazendo. Morem vocês em lugar pequeno e depois me digam. Ali, em Taquara, era difícil fazer alguma coisa que não chegasse logo aos ouvidos de todos. Perigoso, não havia dúvida. Mas tio Zeca era homem que não engeitava parada. Começou se engraçando com a mulher do sacristão. Bonita mulher, ainda que não passasse de uma simples matuta. Louvo nele ao menos o bom gosto de escolha, coisa que de certo modo coloca bem a família. Fazemos as nossas deidices, mas sabemos como e por quem as fazemos. A época era boa para começar o namoro. O sacristão era, também, fabricante de rêdes para pescaria, feitas com fibra de paco-paco. O dia todo não saía de casa. Ficava ali plantado, entregue ao trabalho, devorando a mulher com os olhos. Ou, então, ficava fumando o eterno cigarro de palha, deitado sobre as raízes do grande jatobazeiro, em frente da sua choupana. Feio, quase monstruoso, barbicha rala, a camisa aberta no peito e pés sempre descalços, não escondia o ciúme terrível, nem a paixão violenta pela mulher, tão bonita e tão dada, sempre a sorrir para os homens. Na povoação, todos a respeitavam, por temor ao marido, por o lugar ser pequeno. Mas tio Zeca não tinha disso. Quando voltava do rio, se atrazava, dava um geito de dizer uma coisa amável, tinha atrevimentos que os outros não tinham. A mulher ficou cativa. O que não havia para os dois era oportunidade. Tio Zeca, para se aproximar, foi à casa do sacristão, comprar rêdes de pescar para o filho. Levou o menino também. Assim evitaria desconfiança.

— Meu filho quer ser pescador...

O menino estava meio resabiado com tanta boa vontade. Quis aproveitar, com esperança:

— Se o senhor me desse uma espingarda, papai...

— Que espingarda, menino! Para fazer artes? Para andar atirando nos outros? Você vai é pescar mesmo...

Comprou rêdes. Sorriu para a mulher. E o sacristão viu tudo. Viu, mas fez que não viu. Por fim, eles tiveram a oportunidade que não vinha. Começaram as festas de igreja,



Ilustração de ORLANDO MATTOS

as novenas, mesmo sem padre, tiradas por uma velha desdentada que sabia latim decorado e que estropiava cômicamente o "kyrie". A mulher do sacristão deu parte de doente. Não sabia bem o que era. Uma morrinha, uma lezeira. Era melhor não ir. Mas ficasse sem susto, que não era nada demais. Quem sabe se amanhã não estaria boa?

Sacristão, num lugar como aquele, é como farmacêutico em lugar que não há médico. Receita e avia o remédio. Ele acompanhava a novena e era também o sineiro. Era um gosto, para ele, repicar o pequeno sino, naquelas festas ingênuas. Mas agora era sem satisfação que o fazia. Andava com a pulga atrás da orelha. Aquela história inventada pela mulher ficara zoando na sua cabeça. Estava desconfiado. Sempre achára que a mulher queria dar para ruim. Era, porém, sua mulher, e enquanto fosse ninguém tocava nela com um dedo. Quem tocassem, pagaria. Não podia impedir que lhe fosse infiel. Mas, ai dela, e ai dele também, se o traisse. Enquanto o sino soava, plangia, os dois, tio Zeca e ela, estavam se beijando, aproveitando o amor criminoso.

O melhor era disfarçar e ver um meio de apanhá-los em flagrante. Fez camaradagem com o filho do rival. Tinha seus nove anos o filho de tio Zeca. Quando se tem nove anos, até mesmo ser sacristão, tocar sino, a gente deseja. Nas novenas, punha o menino ao seu lado. Ensinou-lhe tudo, com a condição de ficar como segredo entre os dois. O menino sentia certo contentamento, achando que recebia uma homenagem, uma prova de confiança. Por fim, foi declarado capaz de ficar sozinho tomando conta do sino. O sacristão foi até à igreja e, depois de algum tempo, voltou à casa, encontrando a mulher e tio Zeca na senvergonhice.

Era a hora da sua vingança. Vingança estudada, vingança preparada, vingança saboreada. Tio Zeca era homem valente. A valentia dava-lhe forças para enfrentar a situação com coragem, deixando-se matar decentemente, sem súplicas, sem rogos, sem arrependimento, sem medo. Isso, porém, não era tudo para o sacristão. Aproximou-se de tio Zeca, com um riso sinistro:

— Vou matar-te, bandido! Quem desencaminha mulher dos outros, é assim que acaba...

Tio Zeca ouviu calado. Homem disposto, isso ele era. Mas, o sacristão ainda não havia dito tudo:

— Vou matar-te e teu filho é que me ajuda a te dar castigo. Está ouvindo? É por ti que o sino que está tocando, é por ti que o sino que está tocando! Preparei-o, ensinei-lhe a tocar, para me substituir... É o teu filho que está te matando...

Longe, o sino continuava a tocar...



Ela



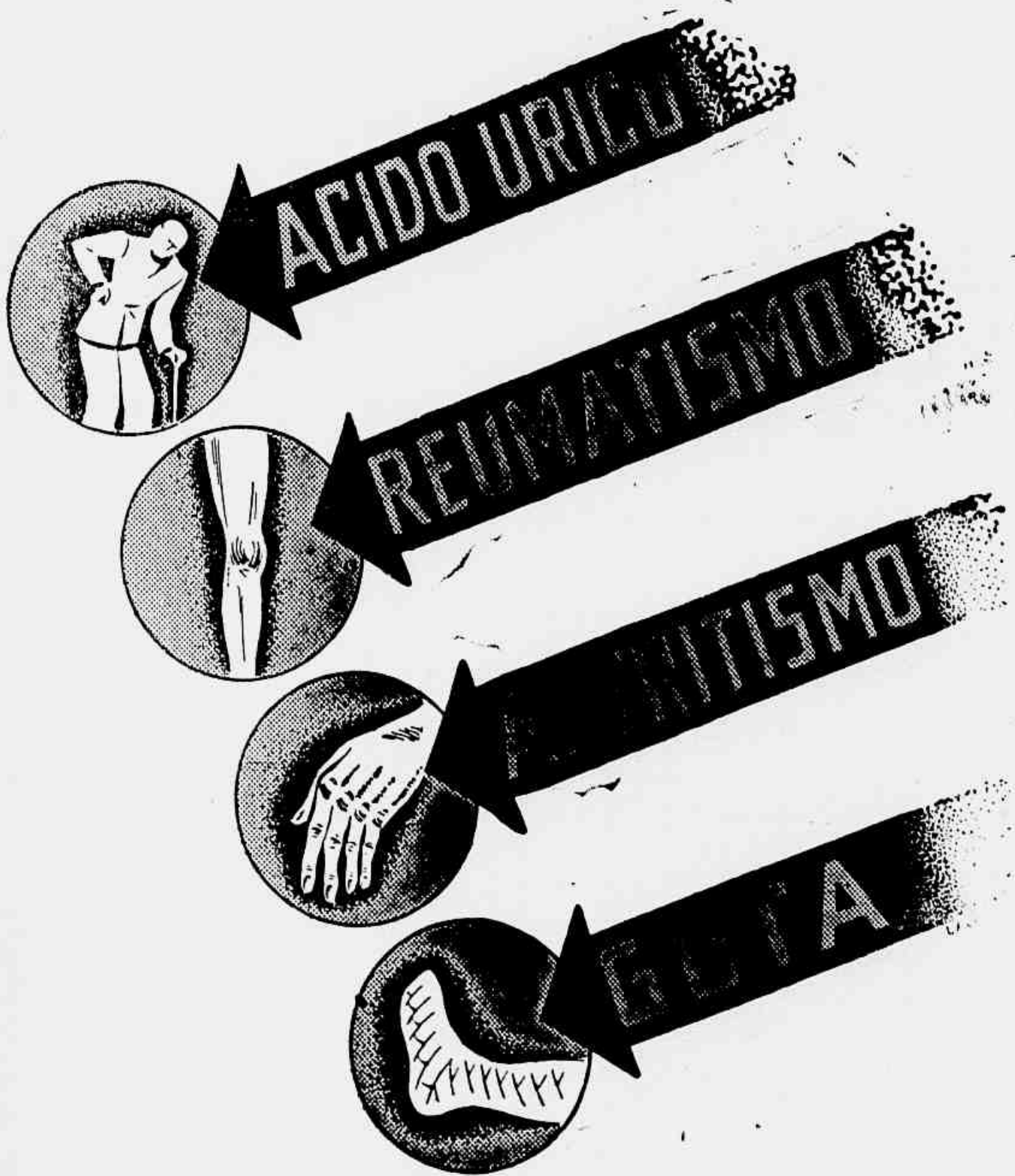
"BRILHA" SEMPRE ! ➡➡

Em todas as atividades, ela brilha sempre porque a par do apuro no vestir, mantém seus cabelos bem penteados, brilhantes, saudáveis e juvenis. E consegue-o usando Brylcreem que dá brilho, fixa sem emplastar, permitindo repentejar. Brylcreem tonifica a raiz do cabelo evitando a caspa. Isento de goma, amido, álcool e sabão. É produto positivo e científico! Experimente após o permanente. Brylcreem comprado, cabelo penteado!

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABELO



LYTOPHAN MODELOS FRANCESES



A esquerda: Renée Patton apresenta este elegante conjunto composto de saia de lã preta, com macho na frente e casaco de lã verde claro, longo, com recortes e grandes botões. A direita: Este, de Pierre Benoit, é de grande classe, e indicado para as reuniões elegantes. É de seda preta, enfeitado com franjas também pretas. Pano drapeado cai atrás, na cintura, dando maior graça ao modelo.

Encanta!
—diz a simpática esposa
do grande galã de cinema
CHARLES BOYER
"Me fascina o TANGEE com 'efeito
de pétala' e, principalmente, o
vibrante Tangee Red-Red!"

**Obtenha o que
encanta ao homem
do seu coração!**

Quando aplicar um tom TANGEE
verá surgir em seus lábios, como
se fosse natural, um fulgor dis-
creto e, ao mesmo tempo, uma
suavidade gentil, garrida e juve-
nil que atrairá irresistivelmente
porque expressa a plenitude da
vida. Este é o resultado do famoso
"efeito de pétala", exclusivo de
TANGEE.

O BATON
Tangee

Em tons
primorosos
Red-Red
Medium-Red
Theatrical
Natural
Gay-Red

USE TANGEE PARA
SE VER... A MAIS LINDA
QUE PODE SER!

D'PREMIER' DOS VINHOS
Linos

PROPORCIONAM
PRAZER E SAUDE
OS TRADICIONAIS

VINHOS RAMOS-PINTO

**QUINADO
IMOS-PINTO**

SEMPRE PREFERIDOS



DISTRIBUIÇÃO DESTA REVISTA EM SÃO PAULO

Agencia Zambardino
Rua Cap. Salomão, 67
Telefone: 4-1569



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

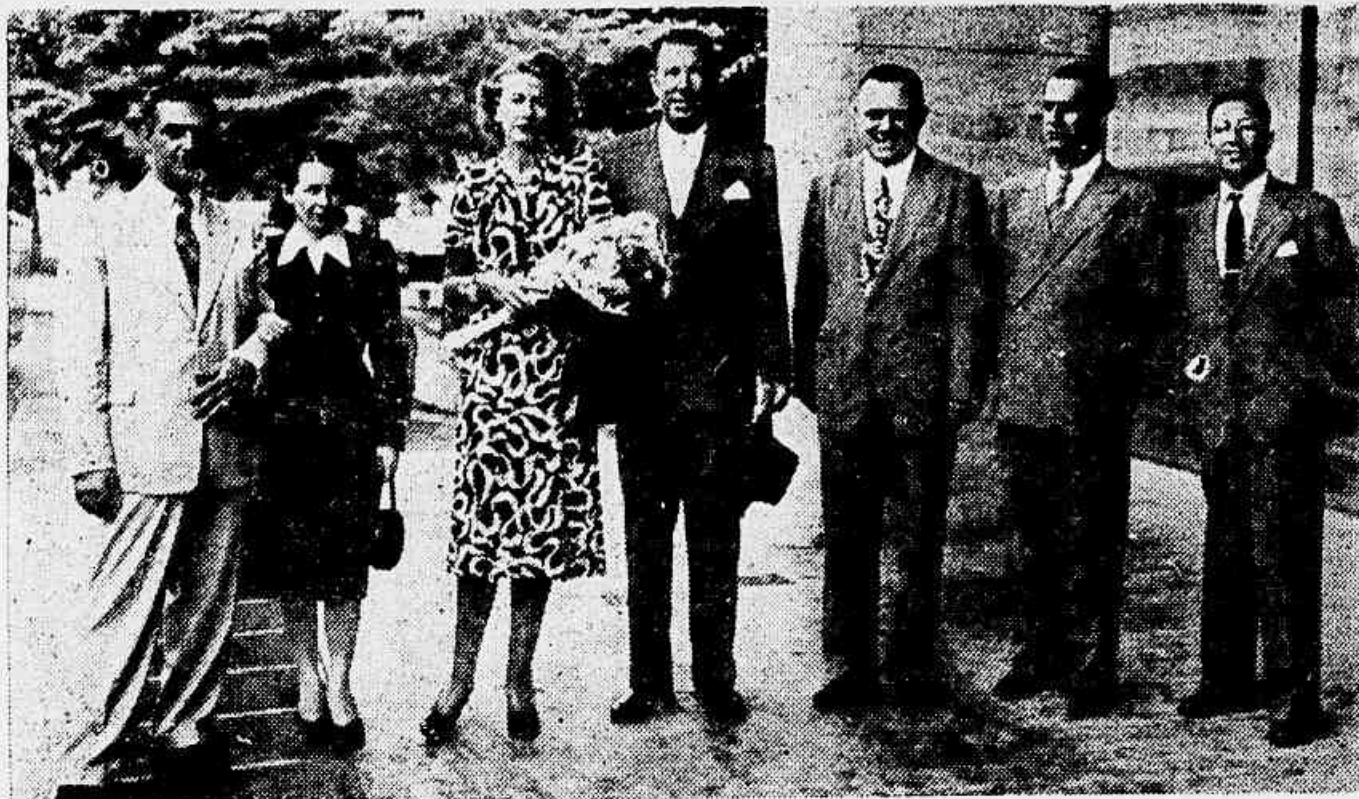
PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECCÕES
DO COURO CABELUDO

**Aos srs. distribuidores e assinantes
desta revista**

Rogamos indiquem sempre, com as suas
remessas de dinheiro, nome e endereço
certos a que as mesmas se destinam.



Constance Luft Huhn, conhecida autoridade em beleza e presidente da casa Tangee, chegou ao Aeroporto Santos Dumont, procedente de Montevideu.

A senhora Huhn, que recentemente foi considerada uma das dez damas mais elegantes e de melhores vestidos dos Estados Unidos, vem acompanhada de seu esposo, o Sr. Tevis Huhn, proeminente homem de negócios de publicidade em Nova York. A senhora Huhn nos visita com o objetivo de estudar os costumes e estilos sul-americanos e para analisar as condições do mercado em geral.

"Muitos dos nossos mais atraentes estilos de maquiagem", disse a senhora Huhn, "foram inspirados nos países da América Latina. Dele temos conseguido cores e atrativas cores, e de suas paisagens e trajes típicos temos aprendido novos e cálidos matizes. Por isto ao projetar produtos que atraíam a atenção das senhoras mais elegantes das Américas, automaticamente criamos produtos que têm recebido grande e entusiasta aceitação.

Basta citar que a Casa Tangee é uma das maiores do mundo e que seus produtos são populares em todas as partes para provar que o entusiasmo é mundial.

A senhora Huhn alcançou distinção pelo simples motivo de ser uma das poucas belezas famosas que trabalham. Em sua mansão dominando o Atlântico, e em seu escritório, e em sua fábrica em Long Island City, a nobre dama de negócios superviza e dirige um dos maiores negócios de cosméticos do mundo.

Na foto acima, vemos o senhor e senhora Tevis Huhn, presidente da Casa Tangee em companhia dos seus representantes no Rio e em São Paulo.

A vida de Montezuma

(Continuação da pág. 25)

tez. Montezuma, horrorizado, nada podia fazer para detê-lo. Dia após dia chegavam mensageiros com mais informações sobre os homens brancos. Tinham entrado na cidade de Cholula, a poucas milhas de México, queimando os deuses e trucidando os habitantes.

Ao ouvir estas notícias Montezuma fechava-se no palácio e punha-se a rezar aos deuses. — Salvai-nos, ó Grandes Espíritos, do Guerreiro Branco! — Mas os deuses não escutavam as suas preces, e o Guerreiro Branco continuava avançando.

Por fim, vendo que não havia meio de deter a marcha dos homens brancos, o rei mudou de tática. Em vez de aconselhá-los a se manterem à distância, começou a rogar que viessem. Desta maneira esperava escapar-lhes à cólera e convertê-los em amigos seus.

E assim continuaram Cortez e seus homens a marcha, atravessando o vale de Cholula e transpondo as duas montanhas que guardam a entrada da cidade do México — Popocatepetl, o vulcão que fumeja, e Ixtacihuatl, sua esposa gigante.

Ao aproximar-se Cortez da cidade Montezuma enviou um emissário ao encontro do guerreiro branco para escoltá-lo até o palácio.

Ei-los, agora, passando a ponte que liga a cidade à terra firme. Densa multidão de nativos, alguns nas suas canoas e outros aglomerados nas margens do Lago Tezcucó, assistem espantados e temerosos à chegada dos "deuses-a-cavalo". Que destino trarão esses deuses aos habitantes de Tenocitlan?

Ah! Bem cedo não de sabê-lo, pois aqui vem Montezuma em pessoa dar as boas vindas a Cortez à entrada da cidade! O rei, na sua magnífica liteira, é carregado aos ombros dos principais fidalgos, que caminham com os olhos postos no chão. A frente marcham três nobres levando varas de ouro nas mãos, e atrás vem longa comitiva. Ao aproximar-se dos estrangeiros brancos, o rei apeia da liteira e avança sobre um tapete estendido. Um servo mantém acima da sua cabeça um dossel de penas verdes bordadas a ouro, para resguardar o grande monarca dos raios solares. Mas quem o resguardará dos planos ambiciosos de Cortez?

Aqui se encontram, por fim, o grande rei do Ocidente e o grande conquistador do Levante. Cortez vai abraçar Montezuma. Alguns nobres se interpõem, todavia, para impedir tal profanação da augusta personagem. Cortez então se limita a deitar aos ombros de Montezuma

um colar de pedras coloridas. O rei, para retribuir o obséquio, faz um aceno a um famulo para que ofereça a Cortez um colar de conchas com pingentes de ouro. Após breve troca de cumprimentos, por meio dum intérprete, Montezuma conduz os indesejáveis hóspedes a um palácio próximo do seu.

— Grande Deus Branco, ou Grande Chefe Branco, quem quer que sejais vós, estais agora em vossa casa. Sols o amigo de Montezuma; repousai e restaurai as vossas forças.

Com estas palavras o rei despede-se dos espanhóis. Ao virar-se para sair, leva um sorriso no rosto — e uma grande aflição no peito.

★

Ao pôr do sol Cortez celebrou sua chegada à Cidade do México com uma salva de artilharia. Montezuma, no palácio, teve um sobressalto de terror. A voz do Novo Deus!

No dia seguinte o espanhol visitou o rei azteca. Nessa visita tratou, cortezmente mas com firmeza, de explicar a necessidade de abolir o culto dos aztecas e substituí-lo pelo Cristianismo.

— Grande Chefe — replicou Montezuma, — vossos deuses sem dúvida vos são muito propícios. Mas o mesmo se dá com os nossos. Fazei-nos, portanto, o favor de deixar-nos seguir em paz a nossa religião, assim como nós vos deixamos seguir a vossa.

Cortez achou melhor não insistir no assunto, por enquanto. Em consequência, pediu-lhe permissão para visitar o grande templo.

— Podeis visitar o nosso templo — disse Montezuma, — mas deveis respeitar os nossos deuses.

Ofereceu mandar uma liteira para transportar Cortez até o alto do templo.

— E' uma longo subida, ó Grande Chefe Branco: mais de cem degraus. Recelo que vos cansels.

— O Chefe Branco — bravateou — nunca se cansa.

Assim, pois, subiu a pé os cento e quatorze degraus até o cimo. Abaixo dele jazia a cidade, panorama de brancos palácios de pedra que cintilavam como prata ao sol tropical. A distancia apareciam as pirâmides dos templos das outras cidades mexicanas. E por cima de tudo isso, erguiam-se as duas montanhas que guardavam a região — o Vulcão que Fumeja e sua Esposa Gigante.

Os olhos de Cortez luziam com a ambição de depor aos pés do rei espanhol todo aquele país. Uma nova possessão para a Espanha, novas riquezas para ele, e nova religião para os aztecas. A personalidade desse extraordinário conquistador — devemos repeti-lo — era uma estranha mistura de cobiça e devoção.

MASCARA DE LAMA RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
Limpa os poros — Modela o rosto
A VENDA EM TODA PARTE

Cortez era tão hábil quanto ambicioso. Tinha fomentado a rebeldia nas nações tributárias de Montezuma, e agora conduzia sob a sua bandeira muitos milhares de índios, além de seu punhado de aventureiros espanhóis. Estava finalmente pronto para subjugar o rei, e decidiu fazê-lo imediatamente. Qualquer demora, percebia-o o conquistador, poderia fortalecer o poder de Montezuma e afrouxar a lealdade dos seus próprios aliados índios. Acima de tudo, devia prevenir-se contra algum golpe de surpresa por parte do rei azteca.

Por conseguinte, um dia, pouco depois do nascer do sol, acompanhado de certo número de soldados seus, armados até aos dentes como de costume, solicitou Cortez uma audiência ao rei. Montezuma concedeu-a. Por algum tempo falaram de assuntos comuns. Por fim disse Cortez:

— Chegou aos meus ouvidos, Montezuma, que muitos dos meus companheiros brancos foram mortos na vossa província tributária de Almeria, e o governador da província declara que os matou por instigação vossa.

— Não é verdade! — exclamou Montezuma. — Eu não dei ordem para que se matasse nenhum dos vossos homens.

— Acredito. Não obstante, devo comunicar essas mortes ao meu rei, que vive do outro lado do mar. Portanto, peço que mandeis chamar o governador de Almeria, afim de averiguarmos a verdade do caso.

Montezuma ordenou aos seus fâmulos que fossem buscar o governador de Almeria.

— Logo que ele chegar — prometeu a Cortez, — nós o interrogaremos.

— Muito bem — disse Cortez. — E, enquanto isso, devo pedir que venhais para a minha residência, onde deveis permanecer comigo até apurar-se a verdade.

A estas palavras o rei empalideceu. Conservou, porém, a sua dignidade.

— Chefe Branco — disse, — não estou acostumado a ser prisioneiro de ninguém.

Cortez sorriu.

— Não sois meu prisioneiro. Sois meu hóspede.

Apreensivo, o rei ordenou aos seus cortesãos que o levassem ao quartel-general de Cortez. Silenciosamente eles o ajudaram a subir na liteira e, de cabeça baixa, levaram-no para fora daquele palácio que Montezuma nunca mais havia de ver.

O governador de Almeria chegou três semanas depois da prisão de Montezuma. Interrogado com instancia pelo espanhol e ameaçado de tortura, confessou que procedera de acordo com as instruções do rei azteca. Cortez condenou o governador à morte na fogueira e ordenou que Montezuma fosse posto a ferros. Quando eram colocados os grilhões no desditoso monarca, os nobres da sua comitiva abra-

A Beleza é Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é fêlo quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

çaram-se-lhes aos pés e introduziram seus mantos entre o ferro e a carne.

No entanto, Cortez teve-o acorrentado por pouco tempo. Aprendera esta valiosa lição: a humilhação do vencido, para ser devidamente suportada, deve ser imposta em pequenas doses. Mandou, por isso, soltar Montezuma e assegurou-lhe que o amava como a um irmão. O rei era bastante sensato para conhecer o valor de tais protestos, mas calou-se; ainda esperava, a despeito de tudo, que um milagre o salvasse, e com ele seu país e seus deuses.

Mas o milagre não veio. Por algum tempo, é certo, Cortez brincou de gato e rato com Montezuma. Permitiu-lhe que atendesse aos negócios de estado — sempre, é claro, sob o olhar vigilante dos guardas espanhóis. Encarregou um jovem oficial espanhol de pôr Montezuma ao par da história e dos costumes das nações européias, especialmente da sua religião. Cortez tinha-se tomado de verdadeira afeição pelo rei. Estava ansioso por salvar-lhe a alma antes de matá-lo.

Quanto a Montezuma, tratava o seu captor com toda a cortesia. Jogava com ele o totoloque — uma espécie de jogo

da bola em que se derrubavam figurinhas de ouro com pequenas bolas também de ouro. As apostas eram altas e os ganhos sempre divididos entre os servidores de Montezuma e os soldados de Cortez.

De quando em quando Cortez levava o rei a passear de barco no Lago Tezcucó. Fazia-o para convencer aos aztecas de que era o "amigo e hospedeiro" de Montezuma, e portanto eles não tinham por que se inquietar com o futuro do seu soberano. Estava decidido, se possível, a apoderar-se do México pela traição, ao invés de conquistá-lo pela força. Em realidade, tinha receio de combater, pois, a despeito de ser mais forte nas armas, temia que os aztecas terminassem vencendo graças a enorme superioridade numérica de que dispunham.

E assim, tendo Montezuma como refém, achou preferível contemporizar. Servindo-se do rei como de um títere, converteu-se no imperador do México.

Pouco a pouco, sempre que achava prudente fazê-lo, ia assumindo uma nova função, uma nova prerrogativa, uma nova insígnia que mostrasse aos aztecas ser ele, e não Montezuma, o verdadeiro rei. E os aztecas, à maneira das nações

CABELOS BRANCOS? LOCÃO Brilhante

intimidadas, tragavam uma insolência após outra, e nada faziam para escorrâ-lo do país. Porque o espanhol mantinha sempre a sua ameaça de tirar a vida de Montezuma, ao mais ligeiro sinal de rebelião por parte dos súditos do rei.

Um dia, porém, a revolta rebentou. Foi da seguinte maneira: Cortez, encorajado pela aparente submissão do povo, decidira implantar os símbolos do cristianismo no próprio recinto do templo azteca. Montezuma avisara-o dos riscos de tal ato, pois conhecia a índole da sua gente. Mas o espanhol, sem dar atenção a esta advertência, colocou um altar e um crucifixo no alto do templo. Depois, para rematar a cerimônia religiosa, destruiu os ídolos do culto azteca.



Sabonete DORLY
PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

A VENDA EM TODO O BRASIL

Pa. Ferraz

Realce seu Encanto embelezando seu Cabelo



Para realçar a beleza do seu rosto e aumentar seu encanto pessoal, proporcione aos cabelos a vitalidade e o brilho que lhes assegura o Tricófero de Barry. Famosa loção rejuvenescedora, Tricófero de Barry vem sendo usado, com pleno êxito, há mais de um século, por todos os que desejam eliminar a caspa, evitar a queda e o embranquecimento prematuro dos cabelos, e as afecções do couro cabeludo. Adote Tricófero de Barry — e verificará, por si mesma, o acerto da sua escolha.

Tricófero de Barry

EM USO DESDE 1801

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

QUANDO COMPRAR UM REFRIGERADOR

Exija!



ECONOMIA
FRIO CONSTANTE
GELO PURO
5 pontos
HUMIDADE DO AR
AR PURIFICADO

TODAS ESSAS VANTAGENS
SÃO EXCLUSIVAS DO

REFRIGERADOR NEVE

UM PRODUTO DAS
INDUSTRIAS NEVE LTDA.

EXPOSIÇÃO PERMANENTE
R. Paul e Silva, 74 (c. 14, Dr. D. 14) - Fone 3-1322 e 3-1214
SÃO PAULO
À VENDA NAS MELHORES
LOJAS EM TODO O BRASIL

O resultado foi exatamente o que Montezuma temia. Os mexicanos podiam sofrer toda sorte de afrontas que se lhes fizessem. Podiam suportar até mesmo a humilhação do rei. Mas não lhes era possível tolerar a profanação dos seus deuses.

Houve um murmúrio geral, depois um clamor de indignação, e por fim o povo pegou em armas. Montezuma aconselhou a Cortez a fugir antes que fosse demasiado tarde.

— Os deuses do meu país — disse, — decidiram vingar-se em vós. Imploro-vos que salveis a vossa vida enquanto é tempo.

Cortez ficou alarmado. Não tencionava fugir, porém. Estava pronto a combater, se necessário fosse. Todo o México se levantara contra ele. Um combate desigual, por certo; mas ele sempre gostara de lutar com desvantagem. Se perdesse, não perderia mais do que a vida. Todos têm de morrer algum dia. Mas se vencesse, as riquezas do México seriam suas. E a glória eterna.

Voltou-se para Montezuma.

— Estou decidido a ficar. Eles que me tirem daqui, se puderem.

Cercaram-no em sua fortaleza.

— Queremos os nossos deuses. Devolve-nos os nossos deuses!

— E o nosso rei. Dá-nos o nosso rei, o nosso Montezuma!

Então Montezuma, vestido com os seus trajes reais, com as sandálias de ouro e a corôa em forma de mitra, subiu ao parapetto da fortaleza em que o mantinham prisioneiro. Quando se apresentou à vista do povo, o clamor cessou.

O rei estendeu os braços.

— Meus filhos, peço-lhes que voltem aos seus lares e vivam em paz com os homens brancos.

— Nada de paz com os brancos! — exclamou Cuiclahua, o irmão de Montezuma. — Nós juramos matá-los a todos!

— Então, matem-me primeiro a mim — gritou Montezuma, apresentando ao seu povo o peito descoberto.

— Falaste bem! — bradou um dos guerreiros aztecas. — É melhor morrer logo que viver na deshonra!

Choveram pedras e frechas sobre o rei, que caiu ao chão.

Quando os aztecas viram o que tinham feito, levantou-se do meio deles um grito de consternação. Era, porém, tarde demais.

Montezuma foi levado aos seus aposentos na fortaleza. As feridas não eram perigosas, mas ele perdera a vontade de viver. Recusou toda assistência médica, bem como as consolações de seus captores. Arrancou as ataduras dos ferimentos e voltou o rosto para a parede.

Quando morreu, os próprios companheiros de Cortez choraram "como se", para citar as palavras dum deles, Bernal Diaz, "se tratasse de nosso próprio pai. E não é de admirar", acrescentava Diaz, "considerando que espécie de homem ele era".

Tal foi o caráter do último rei dos aztecas.

★

Quando a Cortez e aos seus sequazes, a prolongada resistência contra os sitiados, a ousada fuga da fortaleza, o afogamento dos soldados devido ao peso do ouro que carregavam consigo ao tentar atravessar a nado o lago para ganhar a terra firme, os ataques, os rechaços, a conquista final do México, o traiçoeiro assassinio do sucessor de Montezuma e a bárbara destruição da bela e antiga capital dos Aztecas — tudo isso é já outra história. E uma história bem interessante, pois demonstra que os deuses enlouquecem com a ambição de conquista aqueles a quem querem levar à perdição. Muitos dos soldados, depois da vitória, mataram-se uns aos outros em disputas sobre a partilha dos despojos. Quanto a Cortez, conquistou um país para o seu rei e foi recompensado com uma recepção glacial, ao regressar. Permitiram-lhe conservar uma pequena parte do tesouro que pilhara no México. Como Colombo, morreu pobre e esquecido.

(Do livro "Vidas de estadistas famosos")

A história de Plattner

(Continuação da pág. 19)

que sabia perfeitamente onde estava o seu adjunto. Todo o seu temor, — explica ele, — era que, a despeito das meticulosas precauções que ele tomava para simplificar o ensino prático da química, a possibilidade de uma explosão prejudicasse o bom conceito em que era tida a sua casa, o que sucederia se fosse divulgada a desaparecimento de Plattner no meio de circunstâncias sobrenaturais.

Realmente, ele pôs em prática os maiores esforços para tornar esse acidente tão trivial quanto possível. Notadamente ele interrogou as cinco testemunhas oculares do acidente de uma maneira tão autoritária que elas chegaram a duvidar do testemunho dos próprios sentidos. Mas, apesar de todos esses esforços, a história, exagerada, desfigurada, fez sensação no país durante nove dias, e algumas famílias tiraram seus filhos da escola sob diversos pretextos. O que não é menos divertido em tudo isto é que um grande número de pessoas nas circunvizinhanças sonharam com Gottfried Plattner durante o período de inquietação que precedeu à sua volta, e que esses sonhos apresentavam uma curiosa uniformidade. Em quase todos, Plattner aparecia, ora só, ora acompanhado, vagueando no meio de nuvens vaporosas e matizadas. Sempre o seu rosto se mostrava pálido e desfigurado; e às vezes ele fazia gestos na direção da pessoa que com ele estava sonhando. Dois ou três meninos, sob a influência evidente de um pesadelo, julgaram ver Plattner aproximar-se deles com uma leveza incrível e olhar para eles muito de perto. Outros fugiam com Plattner diante de umas criaturas vagas e extraordinárias em forma de bolas. Mas todas essas imaginações foram esquecidas, e iniciavam-se as pesquisas e os raciocínios, quando, na quarta-feira da semana que se seguiu à segunda-feira da explosão, Plattner tornou a aparecer.

Não foram menos singulares as circunstâncias da sua volta do que as do seu desaparecimento.

Pelo que nos é dado concluir da máscara irritada de Lidgett, segundo as recordações hesitantes de Plattner, eis aqui o que se passou. Na quarta-feira à tarde, à hora do pôr do sol, pouco mais ou menos, o diretor da escola, tendo terminado a sua tarefa do dia, passeava no jardim, colhendo e comendo morangos de que era muito guloso. E' um grande jardim à moda antiga, felizmente resguardado da indiscrição dos vizinhos por um alto muro de tijolos vermelhos, e coberto de hera. Exatamente no momento em que ele estava examinando uma planta particularmente vigorosa, produziu-se no ar um clarão súbito, seguido de um estampido abafado, e, antes que ele tivesse tido tempo de olhar ao redor de si, um corpo pesado bateu-lhe violentamente nas costas. Ele foi impelido para a frente, de modo a esmagar os morangos que tinha na mão, e com tanta brutalidade, que o seu chapéu de seda (Lidgett conservou-se fiel às idéias antigas no tocante ao modo de trajar dos diretores de colégio) enterrou-se-lhe na cabeça cobrindo-lhe o único dos olhos que lhe restava. O pesado objeto que lhe passara rente ao corpo, e fora cair no meio dos morangueiros, era nada menos que o nosso Gottfried Plattner, de há muito perdido e agora em um estado lastimoso. Ele estava sem colarinho e sem chapéu; tinha a roupa branca muito suja e as mãos salpicadas de sangue. Lidgett sentia-se tão indignado e tão pasmo que ficou agachado, com o chapéu enterrado nos olhos, enquanto interpelava veementemente Plattner sobre a sua conduta tão desrespeitosa quanto incompreensível.

Esta cena pouco idílica forma o remate do que se pode chamar os fatos exteriores da história de Plattner, — a versão esotérica. E' bem inútil entrar aqui em detalhes relativos à despedida do professor, proposta por Lidgett. Todos esses detalhes, com os nomes, com as datas e referências, encontram-se na relação considerável que foi produzida nessa ocasião perante a Sociedade para o estudo dos fenômenos sobrenaturais. A singular intervenção em Plattner do lado direito e do lado esquerdo foi pouco notada durante os primeiros dias; só foi observada a princípio ao verem-no escrever da di-

reita para a esquerda do quadro preto. Bem longe de se gloriar disso, ele antes ocultava essa estranha particularidade, porque pensava que ela lhe seria prejudicial para poder achar uma outra colocação. O deslocamento do coração só alguns meses mais tarde foi descoberto, quando ele foi anestesiado para lhe extrair um dente. Então, bem contra a sua vontade, obtiveram licença para fazer dele um rápido estudo médico em vista de um artigo sumário no jornal de "Anatomia".

Com isto esgotam-se os fatos materiais: podemos agora passar a fazer a narração do próprio Plattner. Primeiramente, porém, estabeleçamos uma distinção bem nítida entre tudo o que precede e o que se vai seguir. Tudo o que contei até aqui, está fundamentado com uma certeza absoluta capaz de satisfazer até mesmo um júri de instrução. Todas as testemunhas estão ainda vivas; o leitor, se para isso lhe sobrar tempo, pode procurar amanhã os alunos da escola, e até afrontar a cólera supersticiosa do temível Lidgett e permitir-se o prazer de múltiplos interrogatórios. Gottfried Plattner em pessoa, pode ser visto, bem como o seu coração caprichoso e as suas três fotografias. Pode-se ter como, fato provado que, em seguida a uma explosão, ele desapareceu durante nove dias; que voltou de maneira quase tão brusca e em circunstâncias, — quaisquer que sejam — desastrosas para Lidgett; e que voltou com os órgãos invertidos entre si, do mesmo modo como vemos invertida uma imagem em um espelho. Do último fato, como já ficou estabelecido, segue-se quase inevitavelmente que Plattner, durante esses nove dias, deve ter vivido uma existência exterior aos limites do espaço. As provas dessas afirmações são, em suma, muito mais convincentes que as que levam ao patíbulo a maior parte dos criminosos. Quanto, porém, à sua própria descrição do lugar aonde ele foi ter, e de que fala em termos confusos, com diversos detalhes que se contradizem, ou pouco falta para isso, não temos senão a palavra do próprio Gottfried Plattner. Não é meu intuito desacreditá-lo; mas, contrariamente ao que costumam fazer as pessoas que escrevem sobre obscuros fenômenos psíquicos, devo observar que não passamos aqui do que é notoriamente incontestável a uma série de considerações que todo homem dotado de razão tem o direito de admitir ou de rejeitar, como bem lhe parecer. O que precede torna-se aceitável; mas, por outro lado, elas estão de tal modo em desacordo com o bom senso que tocam as raias do inconcebível. Todo o meu desejo é, sem pretender exercer a menor influência no espírito do leitor, contar simplesmente a história tal qual m'a contou Plattner.

Ele fez-me a sua narração, em minha casa de Chislehurst, e, assim que se retirou, na mesma noite, fui para o meu gabinete e passei para o papel tudo o que ele me havia dito e como eu me lembrava. Posteriormente, ele fez-me o obséquio de ler o meu texto copiado à máquina: e, pois, a exatidão material dele é incontestável.

Plattner contou que, no momento da explosão, ele pensou que morria. Sentiu-se erguido do chão e arrastado à força para trás. E' esta uma observação curiosa para os psicólogos: mesmo durante aquele empurrão ele tinha consciência das cousas e inquietava-se, recelando ir de encontro ao armário dos aparelhos de química, ou ao cavaletto do quadro preto. Bateu com os calcanhares no chão, vacilou, depois caiu pesadamente, sentado sobre uma coisa macia e ao mesmo tempo sólida. O choque fê-lo ficar atordado durante alguns instantes. Dentro em pouco, sentiu um forte cheiro de cabelo queimado e pareceu-lhe ouvir a voz de Lidgett chamando-o. Compreendeu-se que o seu espírito tenha ficado profundamente perturbado.

A princípio, teve bem distintamente a impressão de que continuava a dar aula. Viu bem nitidamente a surpresa dos alunos e a entrada de Lidgett: sobre esse ponto ele é muito afirmativo. Sem dúvida não ouviu as exclamações que eles soltavam; mas atribui isso ao efeito ensurdecedor da experiência. Em volta dele, tudo lhe parecia escuro e incolor; mas o seu espírito contentava-se com esta explicação — que, embora falsa, caía sob os sentidos — isto é, que a explosão devia ter produzido um enorme volume de fuma-

A fascinação de Maria Dei Medici



Maria Dei Medici exerceu grande influência sobre Henrique IV, de França. E ninguém ignora que Maria Dei Medici possuía per-

nas de extraordinária beleza. Para manter a beleza das pernas, a mulher deve, antes de mais nada, eliminar as varizes, usando Hemo-Virtus. Com o uso de Hemo-Virtus, na dose de três colheres ao dia, as pernas ficam livres de varizes, voltando ao seu estado normal e readquirindo a perfeição estética. Em idêntica dose, debela os males causados pelos mamilos hemorroidários, inclusive os que sangram. Use a pomada no local e beba juntamente o líquido, para debelar tanto varizes como hemorróidas. Não encontrando nas farmácias, escreva para o Depositário, C. Postal, 1874, São Paulo.



ça espessa. Através da escuridão, os vultos de Lidgett e das crianças agitavam-se, pálidos e silenciosos como sombras. O rosto ficou-lhe a arder em consequência do calor do estampido. Ele ficou, segundo disse, "completamente estúpido". O seu primeiro pensamento claro parecia ter sido a consciência de que ele estava com vida. Depois procurou certificar-se de que não se achava cego e surdo; e inquieto, apalpava os braços e as pernas. Pouco a pouco as sensações foram-se-lhe tornando mais claras, e ficou admirado de não encontrar ao redor de si as velhas mesas do costume e todo o material da aula. Em vez disso, vultos escuros, indistintos, acinzentados. Depois aconteceu uma coisa que lhe fez dar um grito agudo e lhe revelou as suas faculdades até então aturdidas: dois dos meninos, fazendo os maiores gestos, passaram-lhe através do corpo! Nem um nem outro pareciam dar pelo obstáculo que se lhes apresentava. E' difícil imaginar a impressão que isto lhe causou. Eles foram de encontro a ele, mas tão suavemente, disse ele, como uma nuvem vaporosa.

Em seguida teve a idéia de que estava morto. Todavia, educado como tinha sido, em idéias perfeitamente sãs a esse res-

peito, surpreendia-se por continuar a sentir o corpo intacto. A sua segunda conclusão foi que ele não estava morto, mas que os outros o estavam: provavelmente a explosão tinha destruído a escola particular de Sussexville e todos na escola haviam perecido, exceto ele. Isto, porém, não o satisfazia igualmente. Principiou de novo a observar e viu cousas que o espantaram.

Tudo quanto o rodeava estava extraordinariamente escuro, sendo que, a princípio tudo lhe pareceu negro como carvão. Por cima da sua cabeça, até o firmamento lhe aparecia negro. O único ponto luminoso do quadro era um tenue clarão esverdeado que ele distinguia de um lado, no horizonte, e que fazia realçar uma linha de colinas escuras e onduladas. Tal foi, repito, a sua primeira impressão. Depois que o seu olhar se afez à escuridão, ele principiou a distinguir no meio da noite que o circundava, uma espécie de meia tinta esverdeada. Sobre esse fundo, os móveis e as pessoas da aula pareciam destacar-se como espectros fosforescentes, pálidos e impalpáveis. Tendo estendido o braço, ele passou a mão sem dificuldade através o muro da aula, junto da chaminé.

Plattner diz que fez então um violento esforço para atrair a atenção. Chamou por Lidgett em altos gritos; e tentou agarrar os meninos que andavam de um para outro lado. Só interrompeu as suas tentativas no momento em que Lidgett (de quem, na sua qualidade de adjunto, naturalmente ele não gostava) entrou na sala. Diz ele que aquela sensação de estar no mundo, sem todavia fazer parte dele, era-lhe sumamente desagradável. Comparava as suas impressões, não sem justiça, às de um gato espreitando um camundongo através de um caixilho de vidro. Todas as vezes que fazia um movimento para comunicar com o mundo familiar que o rodeava, sentia que o detinha uma barreira invisível e inexplicável.

Então voltou a sua atenção para os objetos que o rodeavam. Reparou que conservava ainda na mão o frasco sempre intacto e contendo o resto do pó cinzento; pô-lo dentro do bolso e principiou a tatear. Segundo toda a aparência, achava-se, sentado sobre um rochedo coberto de musgo aveludado. A região circundante não a podia ver, por quanto lho impedia o vulto escuro formado pela escola; mas sentia a impressão (talvez devida ao vento frio) de que se achava perto do cume de uma montanha e que abaixo dos seus pés abria-se um vale profundo. O clarão verde que atingia o céu parecia crescer em extensão e em intensidade. Plattner levantou-se esfregando os olhos.

E' de crer que tivesse dado alguns passos descendo a encosta íngreme; depois tropeçou, quase chegou a cair, mas sentou-se novamente sobre as rochas pontiagudas, afim de esperar o romper da aurora. Reparou que o mundo em volta dele estava absolutamente silencioso, tão sereno quanto envolto em sombra, e, posto que soprasse no alto da colina um vento frio, o frêmito da ramaria o sussurro dos pequenos arbustos, que se deviam ouvir, eram perfeitamente imperceptíveis. Plattner conquanto não a visse absolutamente, podia pois ENFENDER que a vertente da colina era rochosa e desolada. De minuto para minuto, o verde da colina clareava e, ao mesmo tempo, um clarão desmaldado, mesclado de rubro sanguíneo confundia-se com ele, sem todavia atenuar a escuridão do zenith e a desolação dos rochedos das cercanias. Tendo em conta o que se vai seguir, vejo-me inclinado a crer que aquele rubor bem pode ter sido um efeito de ótica causado pelo contraste. Qualquer coisa

negra volteou um instante sobre o fundo lívido, de um amarelo esverdeado, do céu baixo, e então se levantou do abismo negro que se abria em frente dele a voz débil e penetrante de um sino.

A opressão causada pela expectativa aumentava à proporção que a luz se tornava mais transparente.

Durante uma hora sem dúvida, ou mesmo mais, Plattner se conservou ali, sentado, ao passo que a estranha luz verde se ia tornando, de minuto para minuto, mais intensa e se alastrava, qual esteira flamejante, até o alto do céu. Naquela aurora, a visão espectral do nosso mundo ia aparecendo a Plattner cada vez mais pálida. Era isto provavelmente exato, na realidade, porque aquela devia ser para nós a hora do pôr do sol. A julgar pelo conhecimento que conservava do nosso mundo, Plattner, em alguns passos que deu sobre a encosta da colina, tinha atravessado o soalho da aula e achava-se já então, segundo parece, sentado no ar, na sala maior da Escola, situada no andar inferior. Ele via ainda distintamente os pensionistas, se bem que menos distintamente do que tinha visto Lidgett: estavam todos ocupados a fazer as suas lições da noite, e ele divertiu-se a observar que alguns deles preparavam clandestinamente os problemas de geometria com o auxílio de um outro já correto, que eles procuravam em uma coleção de cuja existência Plattner nunca desconfiara. Pouco depois, eles se foram sumindo de um modo regular, à proporção que aumentava a luz verde da aurora.

Olhando para o vale que se estendia por baixo dele, Plattner viu que a luz se havia difundido sobre a vertente rochosa até em baixo e que a profunda escuridão do abismo apresentava-se agora pontuada por um pequeno clarão verde, semelhante ao clarão de um relâmpago. Quase imediatamente, o limbo de um enorme corpo celeste, de um verde deslumbrante, emergiu entre as ondulações basálticas das colinas longínquas, e, ao redor de Plattner, destacaram-se as massas monstruosas das colinas, fantásticas e nuas, iluminadas de luz verde, sobre fundo negro. Plattner notou que um número considerável de objetos, em forma de bolas, revolteavam como penugens de cardos acima do cume. Todos estavam muito afastados dele. No fundo do vale, o sino soava cada vez mais rápido, com uma espécie de insistência impaciente, e várias luzes se agitavam aqui e ali. Os meninos, entregues ao seu trabalho, diante das carteiras, tinham-se tornado então quase imperceptíveis.

Este apagamento do nosso mundo, quando despontou o sol verde deste outro universo, é uma curiosidade sobre a qual insiste Plattner. Durante a noite do outro mundo, tornam-se difíceis os movimentos, em virtude do esplendor com que são visíveis as cousas deste mundo. E' um problema explicar o porque disto; se tal é o caso, nós, no nosso mundo, não recebemos reflexo algum do outro, o que talvez seja devido à iluminação relativamente brilhante do nosso próprio mundo.

Plattner diz que o meio dia do outro mundo, em todo o seu esplendor, não fica mais claro do que o nosso mundo durante a noite, por ocasião da lua cheia. Por conseguinte, a soma de luz, mesmo em uma sala que não seja demasiado escura, é bastante para tornar invisíveis as cousas do outro mundo, segundo o mesmo princípio pelo qual a pálida fosforescência só é visível na mais profunda escuridão.

Depois que Plattner me contou a sua história, tenho tentado lóbrigar qualquer coisa do outro mundo, sentado durante muito tempo, ao cair da noite, na cama-
ra escura de um fotógrafo. E' certo que

vi indistintamente a silhueta de rochedos e de encostas esverdeadas, mas sómente, devo reconhecê-lo, de um modo muito vago. Pode ser que o leitor seja mais feliz do que eu. Plattner disse-me que, depois da sua volta, viu em sonho e reconheceu certos lugares do outro mundo, mas isso foi provavelmente uma sugestão proveniente da recordação que ele conservou desses mesmos lugares. Parece perfeitamente possível que pessoas, cuja vista seja excepcionalmente penetrante, possam em dada ocasião, ver em volta de nós um reflexo daquele outro mundo estranho.

Tudo isto, porém, não passa de uma digressão. Quando o sol verde principiou a despontar, tornou-se perceptível uma longa avenida bordada de construções negras, conquanto muito indistinta e imperceptivelmente; e após algumas hesitações, Plattner principiou a descer o declive íngreme que conduzia até ela. A descida era longa e extremamente penosa, não só pelo seu escarpamento extraordinário, como também pela instabilidade das pedrinhas de que toda a superfície estava coberta. O rumor da sua descida — de vez em vez saltavam-lhe debaixo dos pés faíscas que saíam da rocha — parecia então ser o único rumor de todo o uni-

CHARLES BOYER embaixador...

(Continuação da página 23)

tores cinematográficos vêm procurando aperfeiçoar tecnicamente suas realizações.

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 63 — 2.ª Loja

E a sua preocupação nesse sentido aumentava dia a dia. Cada estúdio de Hollywood organizou um departamento de documentação. Os técnicos que se encarregam desses departamentos tratam de reconstituir com a maior fidelidade possível os trajes típicos e ambiente em que vive cada povo. Mas, às vezes, escapam-lhes alguns senões... Lembro-me de haver notado em certa película que um personagem era perfeito de uma cidade francesa. Rigorosamente, não existe uma pessoa como aquela... E se existisse,

o possuidor desse título pelo menos não usaria o traje apresentado no filme. Liberdades cinematográficas, dirão as pessoas indul-

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

verso; pois o som do sino havia cessado. Aproximando-se, ele reparou que os diversos edifícios tinham uma semelhança notável com túmulos e mausoléus, com a única diferença de serem todos uniformemente negros, em vez de serem brancos, como a maior parte dos sepulcros. Depois viu, saindo em multidão do edifício mais vasto, como se vêm os fiéis saírem da igreja, um grande número de vultos pálidos, redondos, esverdeados. Estes se dispersavam em várias direções ao longo da larga rua, uns dirigindo-se para as ruas adjacentes para reaparecerem sobre o declive escarpado da colina, outros entrando em algumas das pequenas construções negras que marginavam o caminho.

A vista daqueles espectros que se erguiam para o seu lado, Plattner deteve-se estupefato. Eles não andavam, porque eram destituídos de membros, e tinham a aparência de cabeças humanas, por baixo das quais fluía um corpo de larva. Ele estava por demais surpreso, na verdade, por demais possuído daquela visão fantástica, para se alarmar seriamente. Impelidos pelo vento glacial que soprava de baixo, eles se dirigiam para o seu lado, exatamente como evoluem as bolhas de sabão. E, quando ele examinou o mais próximo daqueles espectros, que vinham vindo, viu que era efetivamente uma cabeça humana, posto que com olhos malvados e impregnados de uma expressão de lastima e de angústia tal como ele jamais tinha visto no semblante de nenhum mortal. Ficou admirado de ver que ele não se voltava para olhá-lo, mas parecia observar e seguir um objeto invisível que ia

andando na frente dele. Durante um instante, Plattner quedou-se boquiaberto; depois compreendeu que aquela criatura observava com os seus olhos enormes qualquer coisa que se estava passando no mundo que ele mesmo acabava de deixar. A criatura aproximava-se cada vez mais, e Plattner estava demasiado surpreso para dar um grito. Quando ela passou perto dele, produziu-se um leve rumor semelhante a um sussurro. Ela deu-lhe no rosto uma pequena pancada — o contato foi frígido — e prosseguiu o seu caminho, subindo sempre para o cume da colina.

Uma idéia atravessou o cérebro de Plattner, isto é, que aquela cabeça tinha uma semelhança notável com a de Lidgett. Então ele voltou toda a sua atenção para as outras cabeças que já passavam aos bandos para escalar a vertente da colina. Nenhuma delas deu o menor sinal de o reconhecer. Duas ou três passaram muito perto dele e fizeram o mesmo que a primeira; quanto a ele, tratou nervosamente de afastar-se da passagem delas. Notou na maior parte delas, como na que ia adiante de todas, uma expressão de saudade impotente, e de todas ouviu o mesmo gemido lastimoso. Duas ou três vinham chorando; uma, que deslizava rapidamente, subindo, tinha uma expressão de raiva diabólica. As outras estavam impassíveis; algumas delas tinham nos olhos um ar de satisfação; uma finalmente parecia quase em êxtase. Plattner não se lembra de ter notado outras particularidades nas fisionomias que viu então.

Durante talvez várias horas, ele observou aqueles espectros estranhos que se

dispersavam por cima das colinas; só muito tempo depois que elas cessaram de sair dos negros edifícios agrupados no desfiladeiro foi que ele continuou a sua penosa marcha em direção ao vale. A escuridão ia-se tornando tão espessa em volta dele que mal podia firmar os passos. Por cima da sua cabeça o céu apresentava-se então de um verde pálido resplandecente. Ele não experimentava nem fome nem sede. Mais tarde, quando sentiu sede, ele descobriu um regato muito fresco que descia pela garganta; e, quando principiou a comer o musgo escasso dos rochedos, por falta de coisa melhor, achou-o bom para comer.

Avançou às apalpadelas pelo meio dos túmulos alinhados ao fundo do desfiladeiro, buscando vagamente uma explicação para todas aquelas cousas inexplicáveis. Após um espaço de tempo bastante longo, chegou à entrada do vasto monumento em forma de mausoléu donde as cabeças tinham saído. Encontrou ali um grupo de luzes verdes brilhando sobre uma espécie de altar de basalto; no centro do edifício, pendia, por cima da sua cabeça, a corda do sino do campanário. Em volta da muralha corria uma inscrição em letras de fogo, de aspecto desconhecido.

Enquanto ele se demorava a imaginar qual o sentido de tudo aquilo, ouviu o ruído surdo de passos pesados ressoando ao longe, na rua. Saiu a correr em meio das trevas, mas nada pôde distinguir. Veio-lhe à idéia puxar pela corda do sino; finalmente, tomou o partido de seguir os passos que tinha ouvido. Todavia, embora corresse depressa, não conseguiu alcançá-los a corrida em nada lhe

aproveitou. De um a outro extremo, a escuridão era a mesma que a da terra, quando apenas iluminada pelas estrelas, ao passo que a claridade de um verde espantoso estendia-se por sobre o cume das escarpas. Nenhuma daquelas cabeças aparecia mais por cima de Plattner. Todas elas, segundo parece, estavam ocupadas em transpor os declives. Levantando os olhos, ele viu-as treparem aqui e ali, umas balouçando-se junto do chão, outras librando-se levemente no espaço. Aquilo lhe fazia lembrar, disse ele, uns enormes flocos de neve, com a diferença que os de então eram negros, ou de um verde pálido. Plattner asseverava que ele passou uns sete ou oito dias a acompanhar os passos que não lograra alcançar, e que nunca mudavam de direção, a tatear nas novas regiões daquele desfiladeiro infernal, a subir e descer os píncaros impledidos, a percorrer as eminências e a observar os espectros em marcha. Conquanto uma ou duas vezes tivesse surpreendido uns olhos que o examinavam, ele não falou com quem quer que fosse. Dormiu no meio dos rochedos situados na encosta da colina. No desfiladeiro, as coisas da terra estavam invisíveis, porque, do ponto de vista da terra, ele estava longe do mundo, ao passo que, nas alturas, logo que principiava o dia terrestre, o mundo se lhe tornava visível. Algumas vezes ele tropeçou sobre os rochedos verde-escuro, outras, deteve-se à beira de um precipício, enquanto ao redor dele se balouçavam os galhos das árvores que marginavam os caminhos de Sussexville; ou então parecia-lhe estar passeando ainda ao longo das ruas da cidade, obser-

gentes. Mas... isso não é uma solução para o caso.

A iniciativa de Charles Boyer merece os maiores elogios justamente porque se propõe solucionar esse caso. Fazemos votos para que todos saibam compreender o sentido social da obra do brilhante ator de Hollywood. A Fundação de Pesquisas Francesas é uma das mais úteis instituições que se conhecem no gênero. Oxalá que ela preencha as necessidades do momento. O fundador, quando não está aparecendo diante da "câmera", — Charles Boyer acaba de filmar "O Arco do Triunfo", ao lado de Ingrid Bergman — passa horas esquecidas folheando os volumes da grande biblioteca e os mais recentes exemplares de publicações francesas, sobre os mais variados assuntos. A Fundação é dirigida pela Senhora C. Wilmarth, que conta com o auxílio da senhorita Jane Lawton, secretária particular de Boyer. Para encerrar este artigo transcreveremos a seguir as palavras com que André David, que foi o diretor da casa durante os anos de guerra e que agora acaba de regressar à França, definiu o gesto do protagonista de "Arco do Triunfo": "Charles Boyer é o responsável por tudo o que existe de bom na biblioteca desta casa. O seu desejo de que haja uma compreensão mais estreita e mais sólida entre a França e os Estados Unidos é nobilitante. Eu acho que a França não poderia ter um melhor embaixador de boa vizinhança".

Os três Reis Magos

(Continuação da pág. 29)

Os 3 reis magos na quitanda de seu Elias continuaram comprando ovos, dz. Cr\$ 12,00 — Só hoje!



Em São Paulo...

e sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

Ninguém parece ter nada com isso.

Por isso, meu amigo, meu inimigo, vamos sair pelo mundo, apregoando que a hora da anunciação já soou. Vamos dizer aos homens raivosos que passam, aos três reis magos, por ordem Gaspar, Melchior Baltazar, á estrela da manhã, aos pretos, aos brancos, a todos os homens que são nossos irmãos:

Miquelina teve um filho!

Neste mês vai sofrer outra vez?

Esta pergunta dirigimo-la a você, prezada leitora. A você que, como mulher, está sujeita todos os meses aos terríveis males resultantes do mau funcionamento de seus órgãos femininos. Terríveis males sim, porque, além de transformarem a sua existência num verdadeiro martírio, esgotam com rapidez a sua saúde, a sua mocidade, a sua beleza. Ponha um ponto final neste capítulo de amarguras. Não sofra mais neste mês e em nenhum outro mês de sua vida. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, conforme o caso — afastará definitivamente os seus males, restituindo-lhe a saúde e com ela a beleza, a mocidade, a boa disposição física e moral. O Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes — o N.º 1 e o N.º 2 — de acordo com as naturezas diferentes dos males femininos. O N.º 1 se aplica nas regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. O N.º 2 se aplica na falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flôres brancas, insuficiência ovariana, etc. O Regulador Xavier lhe dará saúde todos os dias do mês e todos os meses do ano.

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE. Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) Glândulas da secreção interna. METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL. CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cine-lândia. Fones: 225110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas

vando — ele próprio invisível — os detalhes de interior de uma ou outra casa. Foi então que descobriu que a quase cada ente humano vivendo em o nosso mundo pertencia alguma das cabeças da montanha; que cada um dos viventes humanos é vigiado por momentos por essas criaturas privadas de corpo e sem poder.

O que sejam esses guardas do vivos, jamais o soube Plattner. Dois de entre eles, porém, que continuaram a segui-lo depois de o terem encontrado, avivaram-lhe a saudade que desde a infância ele tinha guardado de seu pai e de sua mãe. De vez em quando, outros semblantes voltavam os olhos para ele: esses olhos assemelhavam-se aos dos mortos que, enquanto vivos, uns o haviam guiado, outros lhe tinham feito mal, outros o tinham ajudado durante a sua infância, ou durante a sua idade madura. De cada vez que eles olhavam para o nosso herói, este se sentia invadido por um sentimento estranho de responsabilidade. Ele aventurou-se a falar a sua mãe; ela, porém, nada lhe respondeu. Olhou para ele de frente, com melancolia, com firmeza, com ternura, — com um laivo de censura também, segundo lhe pareceu.

Plattner conta essa história com simplicidade; ele não procura explicá-la. Temos a liberdade de imaginar o que podem ser esses "guardas dos vivos", de desejar saber se serão de fato os mortos, e porque razão eles se preocupam tão apaixonadamente com um mundo que deixaram para sempre. Na minha opinião, é provável — e parece exato — que, uma vez terminada a nossa existência, quando não mais podemos optar pelo bem ou pelo mal, temos ainda que ser testemunhas dos resultados, das consequências dos nossos atos. Se as almas humanas sobrevivem após a morte, o interesse que elas tinham pelas coisas humanas perdura sempre. Mas essa conjectura é apenas minha, Plattner não propõe nenhuma interpretação, por isso que nenhuma lhe foi fornecida. Ele concorda em que o leitor se precavenha nesse sentido. Dias após dias, com a cabeça atormentada, ele vagueou através daquele mundo tão estranhamente alumiado e fora do nosso mundo; sentia-se fatigado e, para o fim, enfraquecido e faminto. Dia a dia, o entristecia e exasperava a — visão fantástica da região familiar de Sussexville. Ele não sabia onde pôr o pé: sempre, com um murmúrio glacial, uma daquelas guias vigilantes surgia diante dele. Depois, ao cair da noite, a multidão daqueles guardas em volta dele, imersos em profunda amargura, perturbava-lhe o espírito a mais não poder.

Consumia-o um imenso desejo de voltar à vida terrestre de que estava tão perto, e, no entanto, tão longe. O caráter sobrenatural dos objetos que o rodea-

vam o lançaram em uma angústia moral de veras dolorosa. Particularmente, os dois fantasmas, que lhe seguem os passos, contrangiam-no sobremaneira. Bem quisera ele gritar-lhe: "Deixem de me olhar assim", repreendê-los, esquivar-se-lhes: mas permanecia sempre emudecido, com os olhos fixos. Por mais que corresse com todas as suas forças naquele terreno desigual, os espíritos acompanhavam-no sempre.

Pela tarde do nosso dia, quase ao cair da noite, Plattner ouviu ao longe uns passos que se dirigiam para ele, partindo do fundo do desfiladeiro. Nesse momento ele errava no alto da mesma colina sobre a qual tinha caído, à sua entrada naquele outro mundo misterioso. Deu meia volta no intuito de se dirigir às apalpadelas e o mais depressa possível para o fundo do vale; deteve-se ao ver qualquer coisa que se passava dentro de um quarto, no fim de uma rua próxima à Escola. Conhecia de vista as duas pessoas que ocupavam aquele quarto. As janelas estavam abertas, as cortinas levantadas, e o sol entrava a jorros, de modo que, logo à primeira vista, se destacava em plena luz o aposento de forma oblonga, posto como uma lanterna mágica diante da paisagem negra e da aurora pálida e verde. Sobre o leito estava deitado um homem magro e cujo rosto, de palidez cadavérica, repousava terrível sobre os travesseiros revoltos. Tinha as mãos unidas levantadas acima da cabeça. Perto do leito, via-se uma pequena mesa sobre a qual estavam alguns vidros de medicamentos, uma torrada e água, ao lado de um copo vaslo. De vez em vez, os lábios do doente abriam-se para pronunciar uma palavra que ele não chegava a articular; mas a mulher não via que ele estava pedindo qualquer coisa, pois achava-se ocupada do outro lado da sala a tirar da velha secretária uns papéis. A princípio, aquele quadro tinha-se apresentado muito bem iluminado; à medida, porém, que a aurora verde do fundo tomava um colorido mais intenso, ele se ia tornando mais vago e cada vez mais transparente. Os passos retumbantes aproximavam-se, aqueles passos que fazem tanto rumor no outro mundo e tão pouco neste; Plattner reparou que o rodeava uma multidão de rostos confusos, saindo ao mesmo tempo das trevas para observarem os dois atores da cena de interior. Nunca até então tinha ele visto tão grande número daqueles guardas dos vivos. Muitos deles só olhavam para o doente; outros, tão numerosos, chelos de imensa angústia, examinavam os gestos da mulher, ao passo que ela procurava com os olhos ávidos uma coisa que não lograva achar. Os espíritos comprimiam-

Continua na pág. 58



A DITADURA DO SAMBA

O BRASIL é um dos raros países do mundo que possui um gênero de música eminentemente popular: o samba. Além dele, temos os Estados Unidos com o "fox", a Argentina com o tango, o México com o bolero, Cuba com a rumba, a Espanha com o paso-doble e Portugal com o fado. Não se pode dizer que a valsa seja uma forma musical popular entre os povos francês, alemão ou austríaco, pois ela é de expressão universal. Ninguém ignora como todos esses povos procuram defender os seus ritmos populares contra a invasão de ritmos estranhos. Essa história da vitória do samba nos Estados Unidos, ou onde quer que seja, precisa ser desmascarada a fim de que os bons patriotas sintam o sangue queimando a cara e se empenhem num movimento sincero de defesa do nosso samba e de todos os outros ritmos afins: choro, marchinha, frevo, maratã, batucada, etc., etc. Mas, para quem apelar? Não sabemos se o nosso presidente, a exemplo do seu colega tanque toca piano ou qualquer outro instrumento. Pode ser que ele goste de música, mas também pode ser que não goste. Além disso, ele anda às voltas com tanta desharmonia. Na Câmara e no Senado não sabemos, também, da existência de alguém que goste de notas... musicais. Mas, na Câmara Municipal o samba já estava bem representado na pessoa de Ari Barroso, o compositor popular Nº 1 do Brasil. Agora, porém, descobrimos ali um novo valor. Trata-se do senhor João Alberto, ex-interventor, ex-chefe de polícia, ex-presidente da Fundação Brasil Central e um ex-celente compositor. No programa de estréia de Elvira Rios, na Rádio Nacional, ouvimos uma composição de sua autoria com palavras de Olegário Mariano: "Casa Branca". Todo mundo sabe do que ambos são capazes e, se quiserem, muito poderão fazer na defesa da nossa música popular. Num bilhete que aqui dirigimos recentemente ao vereador Ari Barroso, lembrávamos uma série de medidas capazes de alterar o panorama atual. Embora sabendo ambos fillados a partidos opostos, fazemos um sincero apelo para que se unam e desfraldem a bandeira da revolução... pela ditadura do samba.

F. CORREA DA SILVA



BAHIA

(NA BAIXA DO SAPATEIRO)

Musica de Ary Barroso

Letra em inglês de Ray Gilbert

Oh Bahia, Yahl!
When twilight is deep in the sky.
Someone that I long to see
Keeps haunting my reverie,
And so the loneliness deep in my heart
Calls to you, calls to you.

I live in the mem'ry of many dreams
When the stars were bright and you were mine alone
My love for you cannot die,
Tho' the oceans run dry,
Or heavens fall from the sky
Now you're gone!
Paía
Can't you hear my lonely call?
"Morena"
Make my life complete again!
How I pray for the day,
When I'll see your smile
and my heart will beat again

THE RICKETY RICKSHAW MAN

Fox de Ervin Drake

There's a coolie, name of Chuke,
Runs a rickety rickshaw south of Peking,
And he goes clippety-clop-clop,
clippety-clop-clop,
As he hobbles the cobble-stoned streets.
He's roman tic and firt antics are the
talk of the girlies south of Peking;
Their hearts go flippety-flop-flop,
flippety-flop-flop,
As he jogs 'em down the cobble-stoned street.
For the first quarter of a mile,

He'll only charge a pretty girl a mile;
For ev'ry quarter after this,
He collects a kiss! Yahl!
When the moon is high and ladies sigh,
The rickety rickshaw comes a creaking
The rickety rickshaw comes a creaking king.

And he goes clippety-clop-clop,
clippety-clop-clop,
As he hobbles down the cobble-stoned streets.

SEREESTEIRO

Choro de Benedicto Lacerda e Pixinguinha

Gravado por Izaurinha Garcia

Na imensa solidão
de uma noite sem fim
os sons de um violão
parecem junto a mim;
É na exaltação
de um sonho engrenado
e cuto um torvador.
Tem a canção
crâcias suaves de luar
e a sua voz
a minha calma vem roubar
Oh, Deus como é cruel
servir o amargo fel
de uma paixão atroz
que existia entre nós.

A vida é o motivo principal dessa
canção
e os seus versos tristes são da dor
a exaltação;
tentei não dar-lhe ouvidos, porém
não pôde ser
e quanto mais a escuto é maior meu
sofrer...
Depois que ele partiu a minha vida
é um horror,
vivo a escuta-lo a meu lado o dia
inteiro:—
E' que dentro do peito canções de
dor cantando
meu pobre coração é um triste
seresteiro...



Conto de MARIO SETTE
Ilustração de ABELARDO ZALUAR

O que levava Matheus à terra onde nascera, depois de quase vinte anos de ausência, só ele mesmo o sabia e muito em segredo. Não o impelia a saudade do rincão natal, nem sequer o desejo de saber se ainda viviam os seus, a mãe que já estaria bem velhinha e as duas irmãs deixadas a se fazerem moças. Opai, ele o vira morto, de repente, antes da sua partida, que fora uma fugida, depois que se descobrira o furto que fizera na loja do Emilio Bezerra... No Recife, durante esse tempo todo de ausência, nunca mais soubera do seu povo. Também, a vida que levava não lhe facilitava essas delicadezas de sentimentos. A vadiagem, o vício, as lutas com a polícia, uma ou outra prisão por pequenos roubos, a vida com as mulheres...

Agora mesmo andava de asa caída por aquele diabo da Maria Paulina, um azougue de mulatinha que vira num frêvo do clube das Pás... Mulherzinha da pá virada... Uns olhos que prometiam a ele tanta coisa, sem dar... uma boca cheia de dentes calitas que chegavam perto dele mas se esquivava... Fizeram o "passo" juntos toda uma noite, num contacto de corpos, de hálitos, de olhares... Mas, agora, a mulatinha trazia-o de coração torturado porque se negava a ser sua amante, como tantas outras... Ele sabia por que... Maria Paulina gostava de luxar... gostava de extratos... quebrava de seda... e o pobre do Matheus não tinha com que lhe dar essas coisas...

Tentou umas manobras... mas não conseguiu nada. De uma delas quase era preso.

Trabalho não se engra no mundo para suas mãos...

E a rainadora da Maria Paulina a zombar dele, a fazer pouco... Inda outro dia, à última vez que a vira na sua casinha do Feitosa, ela chamara na sua presença um homem de prestação para ver uns cortes de vestidos... O prestamista abriu a caixa e mostrara uma porção de

fazendas lindas e caras. Comprou uma delas, mas desejou outra de preço mais alto. E disse no ouvido de Matheus:

— Se você me quisesse mesmo bem me dava este vestido...

Ele estava sem vintem. Calou-se. Então Maria Paulina ironizou.

— Tem nada, não... Seu Ernesto, do cinema, me dá...

Voltou para casa furo de raiva. Havia de arranjar dinheiro para obsequiar a rapariga para ganhar-lhe as graças fosse como fosse. Não dormiu... Pensou em tanta coisa. Pensou até na sua infância, na sua terra e... de repente lembrou-se da Igreja onde existia uma Nossa Senhora do Carmo com uns bentos de ouro... Fora uma promessa de uma senhora muito rica... Deu que falar no lugar... Bentos pesados e grandes... tinham custado muito dinheiro... Matheus evocava o templo da sua cidadezinha sertaneja... Sempre quieto e vazio ao escurecer... Entrava-se ali e saía-se sem ver uma pessoa... Ele, em menino, servira de acólito, e, à noitinha ia acender as lâmpadas do altar-mór com medo das almas... Ao bater das ave-marias o sacristão vinha fechar a porta da frente... Os bentos de ouro de Nossa Senhora...

No outro dia Matheus arranhou uma passagem de esmola e embarcou no trem para sua terra. Viajou seis horas e na penúltima estação caminhou a pé pela estrada de rodagem conhecida. Alcançou a cidade perto do anoitecer... Viu de longe, de um alinho onde matava passarinhos a bodeque e roubava jaboticabas do sítio de Sinhô Santos a torre da Igreja... Estava a mesma coisa... Caiada de amarelo claro... As serras cobriam-se de verde com as últimas chuvas... Muito milho bom para São João... Muitas laranjas maduras nos galhos... E o sol já morno já baixo pondo manchas de luz e manchas de

sombras no casario... Esperou que escurecesse... Sentou-se num tronco... Tirou os sapatos para aliviar os dedos... E, por fim, desceu a ladeira, entrou pela "rua"...

Ninguém o reconhecia. Vinte anos não são vinte dias. Ele, sim, conheceu algumas caras embora maltratadas pela idade... reviu casas... lojas... ruas... caminhos... costumes... tudo tão da sua lembrança! Foi direitinho ao pátio da matriz. O templo aberto, como dantes... O capim esteirando o chão... Uns bodes soltos... Uma gameleiras em fila despojando-se das folhas a cada rajada do vento de inverno... A casa paroquial ao lado da igreja com suas janelas azuis...

Entrou na matriz. Quem o visse julga-lo-ia um devoto vindo a pagar promessa. A nave estava de todo vasta, silenciosa, triste. Morcegos riscavam os ares e voltavam ao forro côro. O mesmo ambiente da sua juventude. São José de um lado... Santa Thereza de outro... Nossa Senhora no centro... Recordava sem querer as missas de domingo; o lugar predileto da mãe, o das irmãs, o dele... Sentia no coração umas cousas exquistas... Parecia-lhe estar preso no solo... Mas, de repente viu os bentos de ouro... Eram aqueles mesmos... Ouro bonito, brilhante... E associou aos bentos a figura de Maria Paulina...

Reparou melhor a nave. No centro havia um ataúde com duas velas acesas. Defunto que enterrariam na dia seguinte. Uso do seu tempo... Examinava os recantos... Não havia ali ninguém, tinha a certeza. Só o cadáver mas das almas ele perdera o medo que servira como servente no necrotério... Conseguiria aquilo que o trouxera à sua terra, sem olhos estranhos o verem... Retornaria a estrada, aproveitando a noite, pegaria o trem da madrugada e quando descobrissem a coisa andaria longe... Quem poderia suspeitar dele? No Recife, então, os braços de Maria Paulina lhe recompensaria tudo...

Caminhou para o altar-mór. Trepando a uma banqueta alcançaria os bentos de ouro... Passou por entre os toscos bancos... quando chegou perto do ataúde teve curiosidade de olhar o defunto. A tampa estava aberta... Quem seria? Talvez algum conhecido...

Avançou mais... Viu ser mulher... Um vestido preto... Levantou de leve o lenço de algodãozinho que cobria o rosto da morta.

E, como se alguém calcasse nos seus ombros, Matheus foi escorregando, com as mãos presas à borda do caixão, com os olhos fixados na defunta, com o corpo todo num invencível tremor...

Ajoelhou-se.

Era a mãe.

OS BENTOS
de Nossa Senhora

ONDE NINGUEM TRABALHA SEM SER HEROI



Trabalhando
com Esso,
Brasil afora

Madrugada, meio-dia ou noite densa, sempre é noite em

quase toda a floresta amazônica... E o seringueiro, heroi de alpercata

e peito semi-nú, põe a tiracolo a winchester, e carrega os instrumentos

de trabalho, um dos quais inseparavel: a lanterna de querosene.

Com o querosene das lanternas, ou a gasolina e o oleo dos barcos-motores,

Esso leva os seus serviços aos mais longínquos meandros da Amazonia.

Brasil afora, em qualquer cidade ou aldeiola, e qualquer que seja o seu ramo

de produção ou trabalho — agricultura, industrias ou transportes —

Esso está sempre apto a servi-lo.



Na Amazonia, ou onde mais que for Brasil — para as máquinas de seu trabalho ou para o seu carro, caminhões ou — ônibus, o roteiro certo, em combustiveis e lubrificantes, é o Oval Esso.

★ STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL ★

McCona

A história de Plattner

(Continuação da pág. 55)

se ao redor de Plattner; postavam-se diante dele, roçavam-lhe pelo rosto; ele ouvia-lhes as impotentes lamentações zunbirem nos seus ouvidos. Mas somente por intervalos é que via o que se estava passando. Em outros momentos, o quadro tremia vagamente, escurecido pela nuvem movediça dos espíritos. Dentro do quarto tudo devia estar perfeitamente tranquilo. Plattner disse mesmo que a chama da vela elevava para o teto um filete vertical de fumaça; nos seus ouvidos, porém, o rumor de cada um dos passos e os ecos que despertavam, faziam como que um ribombo de trovão. E as cabeças! Duas delas, ao lado da mulher, atraíram-lhe em particular a atenção: uma, também de mulher, de feições pálidas e nítidas, que outrora deviam ter sido indiferentes e ásperas, mas que naquele momento estavam abrandadas por uma serenidade sobrehumana; a outra, era sem dúvida o pai da mulher. Ambas estavam evidentemente absorvidas pelo espetáculo de uma ignobil vilania. Todavia, eles pareciam impotentes para impedi-la de prosseguir. Atrás deles, outros espíritos, sem dúvida mestres que haviam dado más lições, ou amigos cuja influência não se havia prodigalizado; e, inclinados por cima do homem, mais uma multidão de espíritos, nenhum dos quais parecia ter sido nem parente, nem mestre, cujos semblantes tinham sido talvez bem duros outrora, mas aos quais o pesar não tinha deixado senão um cunho de notável energia.

No primeiro plano, um único rosto, o de uma jovem, não apresentava sinal nem de cólera, nem de remorso; parecia simplesmente paciente e resignado, e Plattner julgou ler nele a esperança de um socorro próximo. Ele renunciou a descrever aquela multidão de rostos lúgubres, que se haviam congregado ao primeiro toque do sino, e que ele viu reunidos em um segundo. Ele estava, ao que parece, sob a influência de uma superexcitação tal que, com um movimento completamente involuntário, seus dedos agitados encontraram dentro do bolso o vidro de pó verde e puxaram-no para fora: não lhe ficou porém lembrança alguma relativa a isso. Súbito o ruído dos passos cessou; ele esperou, houve uma pausa; depois, repentinamente, quebrando o silêncio inesperado, como o faria uma lâmina cortante e delgada, ressoou o primeiro toque do sino. Nesse instante, as inúmeras cabeças agitaram-se e, ao redor dele, os gemidos se tornaram mais ruidosos. A mulher não ouvia, estava queimando qualquer coisa na vela. Ao segundo toque do sino, tudo se confundiu e um vento glacial passou através das fileiras dos espíritos: estes rodolinharam ao redor de Plattner como as folhas secas na primavera e, ao terceiro toque, qualquer coisa atravessou a multidão e chegou até junto do leito. Já ouvistes falar em um raio de luz; esse, era um raio de escuridão. E, olhando melhor para ele, Plattner reconheceu que era formado por um braço e uma mão espectralis. O sol verde dominava o horizonte sombrio e nua, e tudo no quarto se tornava indeciso. Plattner pôde ver, entretan-

to, que o vulto branco estendido no leito se debatia convulsivamente e que a mulher tremia, olhando para trás.

A nuvem dos Guardas, levantando uma espécie de poeira verde que revolteou ao vento, fugiu rápida em direção ao templo situado ao fundo do vale. Então Plattner compreendeu de súbito o que significava aquele braço espectral que, estendido por cima do seu ombro, apertava a sua presa. Por isso não ousou voltar a cabeça para ver o espectro a que pertencia o braço. Com um violento esforço, e cobrindo os olhos com a mão, principiou a correr, deu talvez uns vinte passos, depois escorregou sobre uma pedra e caiu. Caiu para a frente sobre as mãos, e, com o choque, a garrafa explodiu, no momento em que ele tocava no chão. Um instante depois, atordoado e ensanguentado, achava-se sentado em frente de Lidgett, no velho jardim cercado de muros, que havia atrás da escola.

Termina aqui a triste aventura de Plattner. Creio ter resistido, e com bom resultado, à tentação que naturalmente

experimenta um romancista de embelezar acidentes desse gênero. Ao contar a história segui quanto possível a mesma ordem que seguiu Plattner quando m'a contou. Evitei cuidadosamente qualquer tentativa de retórica, bem como o mínimo sinal de efeito ou de aparato. Não me seria desagradável, por exemplo, fazer do quadro da morte uma espécie de episódio dramático onde Plattner desempenhe um papel. Contudo, não falando do que há de condenável em modificar uma história que é estritamente verídica, na minha opinião, tais processos, banais por sua natureza, prejudicariam o efeito particular daquele mundo escuro com a sua claridade de um verde pálido e o formigueiro dos guardas dos vivos que, conquanto invisíveis, todavia nos rodeiam.

Resta-me acrescentar que se deu realmente um falecimento no bairro do Terraço, atrás da Escola e, tanto quanto se pôde verificar, no momento exato da volta de Plattner. O defunto fora um preceptor e, ao mesmo tempo, agente de segurança. A viuva, muito mais moça que ele, acaba de casar, há um mês, com Whymper, veterinário de Allbeeding.

MOVIMENTO LITERÁRIO DA INGLATERRA

"WELLINGTON", UMA NOVA BIOGRAFIA DE RICHARD ALDINGTON

Richard Aldington acaba de publicar, em Londres, uma admirável biografia de Wellington, o grande general inglês que derrotou Napoleão Bonaparte e seus exércitos, não somente em Waterloo, mas igualmente nas campanhas de Portugal e da Espanha. Trata-se de um livro valioso, não só pelo brilho literário, como pela abundante e exaustiva documentação, merecendo ser traduzido para o nosso idioma e colocado na coleção de grandes vidas de qualquer das nossas casas editoras. Dezessete gravuras, muitas delas publicadas pela primeira vez em livro, e nove mapas, ilustram o texto da notável evocação que Richard Aldington nos oferece, daquele que foi chamado pelos seus feitos de bravura e pela ténpera do seu caráter o "Duque de Ferro". A parte referente a Portugal acrescenta ao livro um interesse muito particular para os nossos leitores, porque a história portuguesa, naquela época, era também a nossa história. Richard Aldington, já universalmente conhecido como romancista, poeta e crítico, saiu-se muito bem desse ensaio biográfico, dando-nos um retrato de corpo inteiro do libertador de Portugal e da Espanha, do vencedor de Waterloo e do estadista de Viena e primeiro ministro de Vitória, a Grande.

"STORIES OF THE FORTIES", ANTOLOGIA ORGANIZADA POR WOODROW WYATT E REGINALD MOORE

Editada por Nicholson & Watson, apareceu em Londres o volume primeiro da antologia "Stories of the forties", organizada por Woodrow Wyatt e Reginald Moore, os quais sucederam, nesse mister, a Edward O'Brien, que todos os anos colligia os melhores contos aparecidos na imprensa inglesa, sob a forma de livro, para aquela casa editora. Em "Stories of the forties" aparecem contos de Osbert Sitwell, Vitor Kershaw, Alun Lewis, J. Maclaren Ross, Maura Laverty, V. S. Pritchett, Elizabeth Bowen, G. F. Green, Gwyn Jones e vários outros escritores, cujos trabalhos foram recolhidos, ou de livros, ou de publicações como "Modern Reading", "English Story", "The Bell", "Penguin Parade", etc. São contos ótimos, reveladores de novos talentos, que enchem os leitores das melhores esperanças quanto ao futuro da literatura inglesa nestes próximos anos.

"DAY OF GLORY", UMA PEÇA DE H. E. BATES

Com oito personagens apenas, H. E. Bates, nome famoso na literatura inglesa, pelos seus romances, contos e ensaios, que abrangem cerca de trinta volumes, construiu uma das mais belas peças inglesas sobre a última guerra. Bastante superior a "Flare Path", de Emyln Williams, essa peça de H. E. Bates, intitulada "Day of Glory", mostra os efeitos do impacto da guerra em três gerações da mesma família. Um dos personagens de "Day of glory", o coronel Sanderson, mentalmente afetado pela guerra de 1918, de que foi um dos participantes, é uma figura esplendidamente desenhada. Também magnífico é o tratamento dado à personalidade do jovem piloto, o líder de esquadrão Jack Sanderson, da R.A.F. Ao redor deste, giram duas mulheres, uma, sua noiva de antes da guerra, e outra uma moça moderna e decidida, por quem ele se apaixona pouco antes de morrer. De um desenlace dramático, pungente e, sobretudo muito humano, a peça de H. E. Bates mostra que o talento desse escritor se afirma tão soberbamente no teatro como em qualquer outro gênero literário por ele anteriormente cultivado. — R.M.J.

Como a parte desta história, em que se faça dessa, foi alterada ao passar de boca em boca, essa senhora consentiu em me deixar imprimir o seu nome, com a condição de declarar que ela desmente com energia todos os detalhes apresentados por Plattner sobre os últimos momentos de seu pobre marido.

O combate à paralisia infantil nos Estados Unidos

No esforço norte-americano para evitar o golpe mortífero desfechado contra sua juventude pela Polymielite (paralisia infantil), o povo dos Estados Unidos, em 1947, foi sollicitado a prestar assistência material. Assim é que de 15 a 30 de janeiro, um trabalho singular intitulado "A Campanha do Vintem" foi levada a efeito, destinado a angariar 24 milhões de dólares, soma que a Fundação Nacional de Combate à Paralisia Infantil calculou fosse necessária para realizar sua luta contra a temível doença.

A "Campanha do Vintem", destinada a obter muitas pequenas contribuições, de muitos milhões de pessoas, foi iniciada em 1934, quando um ator norte-americano, em pleno apelo para obtenção de fundos destinados à Fundação de Warm Springs, estabelecida pelo saudoso Presidente Franklin Roosevelt com o fito de auxiliar as vítimas da paralisia infantil, instou para que cada pessoa enviasse ao presidente um Dime (pequena moeda de prata com o valor de um décimo de dólar).

A Fundação Nacional de Combate à Paralisia Infantil tem duas funções — uma, combater a própria moléstia e outra, fornecer auxílio médico e de reabilitação às vítimas.

Embora a epidemia de paralisia infantil em 1946, nos Estados Unidos fosse a pior dos últimos trinta anos, a média de mortalidade, naquele ano, foi de cinco a dez por cento, apenas em comparação com a de 25 por cento, no ano de 1916. Melhores diagnósticos, hospitalização imediata e métodos terapêuticos aperfeiçoados conseguiram, em grande parte, arrefecer os efeitos da epidemia.

As 2.712 sucursais da Fundação, localizadas em todo o território norte-americano, satisfazem os custos do tratamento para as vítimas, sem distinção de idade, credo ou raça. Equipam hospitais locais e clínicas, com pulmões de aço e outros aparelhos dispendiosos necessários ao tratamento dos casos de paralisia infantil.

A Fundação Nacional de Combate à Paralisia Infantil concedeu grandes somas às instituições pesquisadoras, para que estas investiguem as causas do "polio", novos tratamentos e métodos competentes, tais como físicos e cirurgias, enfermeiras, terapeutas e médicos recebem o treinamento mais moderno, a fim de aperfeiçoarem-se no ramo da paralisia infantil.

Sugestões para Tapetes e Parracheiros

Os tapetes são valiosos e imprescindíveis elemento decorativo, que — se forem convenientemente escolhidos, proporcionam elegância, conforto e distinção a qualquer ambiente.

Tradicional "QUINZENA DOS TAPETES"

Grande exposição e venda de
TAPETES DE QUALIDADE
ingleses, franceses, portugueses, ori-
entais, indianos, etc. importados
recentemente, em cores e desenhos
que agradam.

GRANDES REDUÇÕES DE PREÇOS.



ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

Fundada em 1912 ★ 65 ★ RUA DA CARIOCA ★ 67 ★ RIO

